

*O CORPO BIOGRÁFICO:
EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DENTRO
DE UM GRUPO DE PESQUISA*





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O CORPO BIOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS
FORMADORAS DENTRO DE UM
GRUPO DE PESQUISA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Camila Borges Santos

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

O CORPO BIOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DENTRO DE UM GRUPO DE PESQUISA

Camila Borges Santos

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

Orientadora: Prof^a. PhD. Valeska Fortes de Oliveira

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santos, Camila Borges

O corpo biográfico: experiências formadoras dentro de um grupo de pesquisa / Camila Borges Santos.-2013.
148 p.; 30cm

Orientadora: Valeska Fortes de Oliveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2013

1. Corpo biográfico 2. Imaginário 3. Formação docente
I. Oliveira, Valeska Fortes de II. Título.

© 2013

Todos os direitos autorais reservados a Camila Borges Santos. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.
E-mail: camilaborgessm@hotmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação de Mestrado

**O CORPO BIOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DENTRO
DE UM GRUPO DE PESQUISA**

elaborada por
Camila Borges Santos

como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Educação

Comissão Examinadora:

Valeska Fortes de Oliveira, PhD. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Deonir Luís kurek, Dr. (UNIOESTE)

Claudia Ribeiro Bellochio, Dra. (UFSM)

Marcelo Pereira, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 05 de Agosto de 2013.

*Dedico este trabalho à minha mãe Elizete,
que me mostrou que a vida e o corpo são
energia pura...*

AGRADECIMENTOS

Que momento mais feliz este...

Agradeço profundamente a todos que estiveram envolvidos com este trabalho, de uma forma ou de outra...

Meu pai **Armildo**, minha mãe **Elizete**, meu irmão **Wagner** e minha irmã **Letícia** que sempre estiveram do meu lado, incentivando-me e mostrando-me que 'a vida está aí para viver'.

Minha amada e dedicada orientadora Prof^a. **Valeska** que viveu junto comigo os desafios de trabalhar o corpo na docência, e para quem dedico uma profunda admiração.

Minhas queridas e sempre disponíveis colaboradoras, **Marilene**, **Vanessa**, **Ionice** e **Marília**, sem as quais não conseguiria desenvolver esta pesquisa. Obrigada por disponibilizarem e adentrarem no desconhecido comigo, com seus corpos e almas.

A minha banca, **Prof. Deonir**, **Prof. Marcelo** e a **Prof^a. Claudia**, que através de suas sugestões contribuíram para que eu qualificasse minha pesquisa.

Ao **GEPEIS** que me provoca todo tempo a pensar a vida, a formação e o nosso estar no mundo de forma diferente.

A minha amiga, conselheira, colega e companheira de todas as horas **Cândice**, que esteve comigo desde o primeiro até o último momento, encorajando-me a cada desafio que a vida me impôs.

Também a minha grande amiga **Vanessa** que me apresentou o GEPEIS e que vem caminhando ao meu lado desde 2009, vivendo intensas e loucas emoções, tornando cada momento um grande momento.

Aos demais **colegas**, **professores** e **funcionários** que participaram desse processo ao longo desses dois anos.

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

O CORPO BIOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DENTRO DE UM GRUPO DE PESQUISA

Autora: Camila Borges Santos

Orientadora: Prof^a. PhD. Valeska Fortes de Oliveira

Data e Local de Defesa: Santa Maria, 05 de Agosto de 2013.

Esta pesquisa foi desenvolvida e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, na Linha de Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, tendo como objetivo principal compreender e analisar as significações de integrantes do GEPEIS a partir do corpo biográfico, entendido como “história passada, presente e futura, através das sensações, das imagens, das visões animadas – espécies de sonhos acordados – das reminiscências, mas também das ideias e das escolhas [...]” onde me utilizo de Josso (2012, p.27) e da confluência entre corpo/mente, procurando pensar possibilidades de um processo formativo na educação pelo viés do corpo como expressão de significações imaginárias, lugar de memórias e sensibilidades. Destaco, também, alguns objetivos específicos desta pesquisa como construir e analisar, através de diferentes vivências corporais manifestas no GEPEIS, as relações de grupo, bem como os significados construídos a partir do corpo biográfico; conhecer através das vivências corporais o que cada corpo biográfico traz em si; conhecer e analisar as representações corporais que cada integrante possui enquanto indivíduo e membro do grupo. A partir das ideias explicitadas acima, apresento o seguinte problema de pesquisa: Qual sentido e significado do corpo biográfico na formação de integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) da Universidade Federal de Santa Maria? Tomo o GEPEIS como referência do meu trabalho, pois sou integrante desde 2009 e que há vinte anos vem trabalhando com temáticas do Imaginário Social, das Narrativas e Histórias de Vida e com o Dispositivo Grupal. Deste modo, pressuposta a imbricação que há entre corpo biográfico, imaginário, formação docente e grupo, busquei investigar o entrelaçamento entre esses campos de conhecimento, ativando o imaginário dos integrantes do grupo de docentes para tornar seus corpos sensíveis, aguçando seus sentidos para um corpo receptivo e ativo. Utilizei-me, para tal pesquisa, de uma metodologia qualitativa com uma empiria construída a partir de alguns critérios como: ser integrante do GEPEIS, ter graduação em Pedagogia, ter interesse e disponibilidade para a pesquisa. Para isso, fiz uso de vivências corporais compreendidas a partir de Josso (2010, p. 190) como “oportunidades ou potencialidades de tomadas de consciência e de aprendizagens e natureza aberta, evolutiva, maleável, autopoieticas de nosso ser no mundo” e das rodas de conversa, experimentadas após as vivências. O material produzido foi analisado e organizado mostrando que, a partir da mobilização e de experiências formativas por meio do sensível, traz, por meio dos corpos biográficos, um alargamento da consciência corporal, bem como a possibilidade de experimentar outros repertórios na formação de professores.

Palavras-chave: Corpo biográfico. Imaginário. Formação docente.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation
Post-Graduation Program in Education
Federal University of Santa Maria

THE BIOGRAPHICAL BODY: FORMERS EXPERIENCES WITHIN A RESEARCH GROUP

AUTHOR: Camila Borges Santos
ADVISOR: Profa. PhD. Valeska Fortes de Oliveira
Date and Place of Defense: Santa Maria, August 05, 2013.

This master thesis has been developed and presented to the Post Graduation Program in Education, Master of the Education Center of the Federal University of Santa Maria, on the Line of Formation, Knowledge and Professional Development, having as the main goal to comprehend and analyse the meanings of members of GEPEIS from the biographical body, understood as "past history, present and future , through sensations, images, animated visions - species of awake dreams – from reminiscences, but also from ideas and choices [...]" where I make use of Josso (2012, p.27) and the confluence of body / mind, trying to think possibilities of a formation process in education by the bias of the body as an expression of imaginary significations, place of memories and sensibilities. I also emphasize some specific objectives of this research as how to build and analyze through different body experiences manifested in the GEPEIS, the group relations, as well as the meanings constructed from the biographical body; knowing through the body experiences what every biographical body brings in himself; understand and analyze the body representations that each member has as an individual and as a member of a group. From the ideas explained above, I present the following research question: What is the meaning and significance of the biographic body in the formation of the Group of Studies and Research in Education and Social Imaginary (GEPEIS) at the Federal University of Santa Maria? GEPEIS is the reference of my work for I am a member of it since 2009 and for twenty years it has worked with themes of Imaginary Social Narratives and Stories of Life and with Group Device. Thus, presupposed the imbrications which there are among biographical body, imaginary, teacher training and group, I sought to investigate the entanglement among these fields of knowledge, activating the imagination of the members of the group of teachers to make their sensitive bodies, sharpening their senses to a receptive and active body. I draw for such a research, a qualitative methodology with an empiria constructed from some criteria such as: being a member of GEPEIS, having graduation in Pedagogy, having interest and availability for researching. For this, I made use of body experiences ranging from Josso (2010, p. 190) as "opportunities or potentialities of the onset awareness and apprenticeship and open nature, evolutive, malleable, autopoietic of our being in the world" the circles conversation, practiced after the experiences. The material produced was analyzed and organized showing that, from the mobilization and formative experiences through the sensitive brings, through the biographical body, an enlargement of body awareness, as well as the opportunity to experience other repertoires in the formation of teachers.

Key-words: Biographical body. Imaginary. Teacher Formation.

*Diego não conhecia o mar.
O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,
depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a
imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando,
pediu ao pai: – Me ajuda a olhar!*

(GALEANO, 1995, p. 15)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Caleidoscópio.....	31
Figura 2 –	Meu corpo como imagem.....	32
Figura 3 –	FONE DE OUVIDO - Objeto escolhido para representar-se corporalmente.	39
Figura 4 –	TÊNIS - Objeto escolhido para representar-se corporalmente.....	40
Figura 5 –	CORAÇÃO - Objeto escolhido para representar-se corporalmente.	42
Figura 6 –	SAPATILHA - Objeto escolhido para representar-se corporalmente....	45
Figura 7 –	Registro fotográfico de nosso 2º encontro, dia 03/12/12 na UFSM.....	61
Figura 8 –	Registro fotográfico de nosso 2º encontro, dia 03/12/12 na UFSM.....	64
Figura 9 –	Registro fotográfico de nosso 2º encontro, dia 03/12/12 na UFSM.....	65
Figura 10 –	Registro fotográfico de nosso 2º encontro, dia 03/12/12 na UFSM.....	67
Figura 11 –	Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitória Fachin (TUI)	70
Figura 12 –	Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitória Fachin (TUI)	71
Figura 13 –	Registro fotográfico de nosso 4º encontro, 17/12/12 Espaço Vitória Fachin (TUI)	72
Figura 14 –	Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitória Fachin (TUI) – Sapatilha representando sua brincadeira de infância...	75
Figura 15 –	Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitória Fachin (TUI) – Tênis representando sua brincadeira de infância.	76
Figura 16 –	Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitória Fachin (TUI) – Coração representando sua brincadeira de infância. ...	77
Figura 17 –	Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitória Fachin (TUI) – Fone de Ouvido representando sua brincadeira de infância.....	78
Figura 18 –	Registro fotográfico de nosso 4º encontro, 17/12/12 Espaço Vitória Fachin (TUI) – Colaboradoras representando-se por meio de recortes e colagens.....	80
Figura 19 –	Representação de Tênis	83
Figura 20 –	Representação de Sapatilha	84
Figura 21 –	Representação de Coração	86
Figura 22 –	Representação de Fone de Ouvido.....	88
Figura 23 –	Tênis representando Coração.....	90
Figura 24 –	Sapatilha representando Fone de Ouvido.....	92
Figura 25 –	Coração representando Sapatilha.....	93
Figura 26 –	Fone de Ouvido representando Tênis.....	94

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	105
ANEXO B – Termo de Confidencialidade	107
ANEXO C – Carta de Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria.....	108
ANEXO D – Transcrições das Rodas de Conversa	110
ANEXO E – DVD com os Registros de Vídeos dos Encontros	148

SUMÁRIO

1° MOVIMENTO: DESPERTANDO A PESQUISA SOBRE O CORPO.....	25
1 – 2° MOVIMENTO: CORPO EM AÇÃO.....	29
1.1 Eu corpo na história.....	29
2 – 3° MOVIMENTO: NOSSO PERCURSO METODOLÓGICO.....	33
2.1 Diálogos com os corpos: quem são minhas colaboradoras.....	38
2.1.1 Marilene é Fone de Ouvido: música, liberdade	39
2.1.2 Vanessa é Tênis: conforto, disposição	40
2.1.3 Ionice é Coração: corpo, emoção.....	42
2.1.4 Marília é Sapatilha: ritmo, paixão	45
2.2 Jogos, exercícios e atividades: cronograma de encontros.....	47
3 – 4° MOVIMENTO: O QUE VIVENCIAMOS E COM QUEM CONVERSAMOS	55
3.1 Registros fotográficos: um convite ao vivenciado	55
3.2 Dois olhares: eu corpo, o outro corpo	81
4 – 5° MOVIMENTO: ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE O CORPO BIOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
ANEXOS	105

1º MOVIMENTO: DESPERTANDO A PESQUISA SOBRE O CORPO

As múltiplas faces das dobras visíveis do tempo são reveladas materialmente na arquitetura, no urbanismo, nos utensílios, no maquinário, na alimentação, no vestuário, nos objetos, mas, sobretudo, no corpo. Ele é inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence. (...) [o corpo] é sempre submetido a normas que o transformam, assim, em texto a ser lido, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social (SOARES, 2001, p. 109).

Atualmente, há uma forte busca por uma educação de qualidade, preocupada tanto com o ensino quanto pela inovação dentro da sala de aula, o que remete à necessidade de se ultrapassar a visão tradicional em educação.

Na tentativa de tornar mais humana a docência, proponho a formação grupal pela ótica do corpo biográfico, entendido por Josso (2012, p. 27) como “o acesso a esse corpo falante de minha história passada, presente e futura, através das sensações, das imagens, das visões animadas – espécies de sonhos acordados – das reminiscências, mas também das ideias e das escolhas [...]”, através das vivências, experiências¹, lembranças e memórias que estão impressas no corpo. Concebo que o corpo constitui o ser ‘se’ e somente ‘se’ o corpo não se separa da mente, sendo, portanto, uma totalidade, contemplando desse modo a premissa de que o corpo tem memória e que está associada às experiências mais significativas na vida de cada indivíduo, por isso essas ficam marcadas em seu corpo, gerando mudanças por sensibilizar o estado afetivo e emocional de cada um.

Esta pesquisa é realizada no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, na Linha de Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Proponho esta análise com o anseio de contribuir na formação docente, de proporcionar a ressignificação das diferentes vivências, pelas experiências com o corpo biográfico. Pressuposta a imbricação que há entre corpo biográfico, imaginário, formação docente e grupo, busquei investigar o entrelaçamento entre esses campos de conhecimento, ativando o imaginário dos integrantes do grupo de docentes para tornar seus corpos mais atentos e sensíveis, aguçando seus sentidos para um corpo receptivo e ativo. Para isso, tomo como referência de que não existem corpos mais sensíveis que outros, mas que existem

¹ Termo usado no sentido de reflexão de si.

alguns corpos mais atentos, mais sensíveis aos sentidos e com uma escuta mais apurada para as suas significações.

Contudo, é necessário pensar em que contexto se encontra cada indivíduo, sua história de vida e sob que imaginário ele se vê inserido. Cornelius Castoriadis (1982, p. 177) afirma que “o mundo social é cada vez constituído e articulado em função de um sistema de significações, e essas significações existem, uma vez constituídas, na forma do que chamamos o imaginário efetivo (ou o imaginado)”. O mundo é compreendido através das significações do que é imaginado, do que é efetivado, do que é instituído na sociedade e emerge como modo de ser e agir do sujeito social. Entretanto este pensamento surge, não para analisar o ser humano, mas para poder detectar seus obstáculos e suas virtudes, para explorá-lo em todas suas potencialidades.

Cada vez mais é citada a importância da educação na sociedade, visto que, como coloca António Nóvoa (1992, p. 14), “uma grande parte dos actores educativos encara a convivialidade como um valor essencial e rejeita uma centração exclusiva nas aprendizagens académicas”.

Percebendo que as aprendizagens acontecem não só dentro da academia, mas por outros espaços e pelos mais variados meios, direciono meu olhar para o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), que há 20 anos vem trabalhando com a formação de professores, alicerçado no Imaginário Social, e do qual faço parte há 4 anos.

Tomo o GEPEIS como referência para meu trabalho, porque não é apenas um grupo tarefa, mas de afetos. Podemos vê-lo, assim, como uma unidade, pois os integrantes se colocam inteiros para o trabalho, tratando de conceitos como imaginação, sentimento, corpo e cognição. Por meio desse espaço, das leituras, dos debates, da inclusão dentro das rodas de discussão sobre os mais variados temas e do convívio com os colegas percebi o quão importante é a formação no coletivo.

O GEPEIS tem integrantes das mais variadas áreas profissionais, o que contribui significativamente para a construção do conhecimento diverso, com as diferentes formações, vivências, construindo outras formas de pensar e novas relações no grupo. Como coloca Oliveira (2004, p. 92)

A característica marcante e constitutiva do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social foi e, continua sendo, a participação de pessoas com grande capacidade de determinação, liderança, competências, habilidades e saberes diversos. Esta grande diversidade,

entre atritos e disputas, muitas vezes veladas, gera a necessidade da construção permanente de consensos mínimos entre o grupo.

Essa significação converge às necessidades da formação docente, que extrapola apriorismos cognitivos; uma formação que não prescinde de laços afetivos, das aprendizagens mais sensíveis e que está comprometida com o desenvolvimento global do ser humano.

Por isso, o objetivo principal desta pesquisa é compreender e analisar as significações de integrantes do GEPEIS, a partir do corpo biográfico e da confluência entre corpo/mente, procurando pensar possibilidades de um processo formativo na educação pelo viés do corpo como expressão de significações imaginárias, lugar de memórias e sensibilidades. Destaco, também, alguns objetivos específicos desta pesquisa como construir e analisar, através de diferentes vivências corporais manifestas no GEPEIS, as relações de grupo, bem como os significados construídos a partir do corpo biográfico; conhecer por meio das vivências corporais o que cada corpo biográfico traz em si; conhecer e analisar as representações corporais que cada integrante possui enquanto indivíduo e membro do grupo.

A partir das ideias explicitadas acima, apresento o seguinte problema de pesquisa: Qual sentido e significado do corpo biográfico na formação de integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) da Universidade Federal de Santa Maria?

Para responder essa e outras questões que surgiram ao longo da pesquisa, utilizei como alicerce deste estudo autores como Cornelius Castoriadis, Marie-Christine Josso, Danis Bois, Gilles Ferry, Christine Delory-Momberger entre outros teóricos de relevância para os temas abarcados.

Para viabilizar esta pesquisa foi necessária a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa, uma vez que, na Universidade Federal de Santa Maria, toda e qualquer pesquisa que envolva seres humanos deve ser submetida a esse Comitê. Entendendo a importância da reflexão ética acerca do projeto, o início da pesquisa ocorreu somente após a liberação da mesma pelo Comitê de Ética.

A partir disso, apresento o caminho percorrido dentro da pesquisa, começando pelo primeiro capítulo intitulado “2º MOVIMENTO: CORPO EM AÇÃO” que traz um pouco da minha história de vida pela ótica do corpo, minha trajetória corporal até a escolha do tema pesquisado. No segundo capítulo trago “3º MOVIMENTO: NOSSO PERCURSO METODOLÓGICO” e apresento a metodologia

escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa, tomando como referência a abordagem do corpo biográfico e as vivências práticas com o corpo. Dentro deste capítulo, também apresento minhas colaboradoras. No terceiro capítulo “4° MOVIMENTO: O QUE VIVENCIAMOS E COM QUEM CONVERSAMOS” analiso o material produzido durante a pesquisa, entrecruzando com os relatos das colaboradoras e os registros fotográficos feitos durante as vivências práticas com o corpo. No quarto e último capítulo “5° MOVIMENTO: ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE O CORPO BIOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO” reencontro-me com as discussões propostas na pesquisa e com as significações imaginárias das colaboradoras, buscando trazer reflexões e descobertas pertinentes sobre a dimensão biográfica do corpo.

Sendo assim, apresento a estrutura da minha pesquisa, convidando o leitor para que se constitua, a seu modo, a partir de sua interlocução e de seu envolvimento para partilharmos juntos desse tema, mobilizando saberes e propondo novas percepções frente aos desafios da docência. Isso tudo, na medida em que a vivência grupal colaborou e colabora na minha formação, despertando para questionamentos de como fazê-la da maneira mais enriquecedora, entrelaçando os temas já abordados anteriormente.

Desse modo, julgo coerente retomar minha história de vida para compor a justificativa do meu interesse e envolvimento pelo tema desta pesquisa e de suas possibilidades dentro da Educação.

1 – 2º MOVIMENTO: CORPO EM AÇÃO

*Se te pareço noturna e imperfeita
Olha-me de novo. Porque esta noite
Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.
E era como se a água
desejasse.
Escapar de sua casa que é o rio
E deslizando apenas, nem tocar a margem.
Te olhei. E há um tempo.
Entendo que sou terra. Há tanto tempo
Espero
Que o teu corpo de água mais fraterno
Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta
Olha-me de novo. Com menos altivez
e mais atento.*

(Hilda Hilst)

1.1 Eu corpo na história

Pulava corda durante horas; subia a enorme árvore em frente à minha casa; pelo bairro inteiro, brincava de esconde-esconde; pulava elástico com minha irmã; subia no telhado e ensaiava um voo - em cada espelho da casa por que passava era uma coreografia nova que eu inventava. Era esta a minha infância. Todos os dias, eu fazia aquilo que toda criança sabe fazer muito bem – divertir-se.

Quando eu tinha meus oito anos, e depois de ter explorado todas as possibilidades nas redondezas de minha casa, pedi à minha mãe que me levasse para fazer aulas de *jazz*. Quando entrei naquele estúdio de dança, sabia que era aquele o meu lugar. Então, fiz jazz, ballet, sapateado, dança afro, street dance, e dancei, dancei muito. Dediquei-me à ginástica rítmica durante todo o Ensino Fundamental e Médio e levei tudo muito a sério, a ponto de ter participado de uma

equipe profissional. O que me encantava era o movimento, a criação, o envolvimento com a música. Eu fazia de tudo aquilo um momento artístico e único. Não tenho dúvida de que tudo isso influenciou sobretudo minha escolha profissional.

Chega, então, o tempo de ingressar no Ensino Superior - não hesito, escolho o curso de Artes Cênicas. Se até aqui eu acreditava ter uma boa consciência corporal, pensando conhecer todas as minhas competências corporais, eu me enganara. Ao longo da graduação, trabalhei o corpo e a mente, experimentei diferentes sensações, brinquei com as formas, com os gestos, com a voz, com os personagens que criei, (re) inventei-me, diverti-me, joguei comigo, frustrei-me, perdi-me, encontrei-me e me realizei. Como fui feliz na minha escolha.

Graduei-me em Artes Cênicas e, com o tempo, senti necessidade de dialogar com outras áreas do conhecimento. Seguindo minha formação, de modo a esclarecer tantas questões que permaneciam com lacunas, ingressei no curso de Pedagogia e, por uma questão de afinidades na pesquisa e nos ideais, passei a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), desejando sempre encontrar meios para desenvolver a educação de uma maneira mais completa.

Constato quão importante é aos professores, tanto da escola básica como do Ensino Superior, a experiência com o corpo. Assim como o ator tem seu corpo como instrumento de trabalho, o professor dele necessita, de forma sensível para construir conhecimento.

Quando ingressei na pós-graduação em Educação, desafiei-me a aprofundar este que é um tema tão instigante para mim: o corpo. Minha vida, minha infância, minha escola foram feitos de agir, de expressar-me através do corpo. Isso se consolidou com minha trajetória acadêmica e profissional. Mas aprendi a me ver também em outras possibilidades: ver-me em sonho, longe, aqui e agora, totalidade, ser único e a questionar-me sempre e mais, e por fim: o que faz eu ser eu neste mundo, senão eu carne, eu corpo?

Pois desse questionamento surgiram muitos outros, quis desconstruir-me, quis também me ver de outra forma, quis descolar minha alma do corpo e me enxergar de fora, propus a mim ver-me corporalmente através de um objeto e pensei: “se eu corpo fosse um objeto, que objeto eu seria?”. Pensei, pensei, pensei...

É isso!!!! Eu sou, corporalmente falando, um **CALEIDOSCÓPIO**.



Figura 1 – Caleidoscópio

Busquei então uma definição para caleidoscópio, a qual é trazida por Houaiss como sendo “1 tubo cilíndrico com jogo interno de espelhos que produzem múltiplas imagens simétricas 2 conjunto de objetos, cores, formas etc. que formam imagens em constante mutação”. Percebi que a representação imaginária que tinha desse objeto era a de uma imagem em constante transformação, de algo que assume formas, intensidades, contrastes variados.

Percebi-me caleidoscópio porque me vejo de infinitas formas, porque a cada reflexo meu corpo cria uma nova forma. Quando digo criar nova forma não limita-se somente à mudança externa, uma vez que como atriz trabalho constantemente na criação de personagens², ou seja, de formas corporais, mas de um movimento interno que gera tudo o que ‘pode vir a ser’. É um impulso mais profundo, singular, puro gerador de imagens, transformando todo fluxo interno em movimento externo.

Corpo caleidoscópio, corpo imagem, corpo que irradia, corpo atento, corpo presente, corpo disponível, porque, afinal, eu penso com o corpo, o que me faz

² Patrice Pavis (1947, p. 285) define Personagem como sendo aquela que “está em condições de assumir os traços e a voz do ator, de modo que, inicialmente, isso não parece problemático”.

lembrar uma frase que li há muitos anos, dita por um indígena sul-americano “os brancos devem estar loucos: acham que se pensa com a cabeça”.

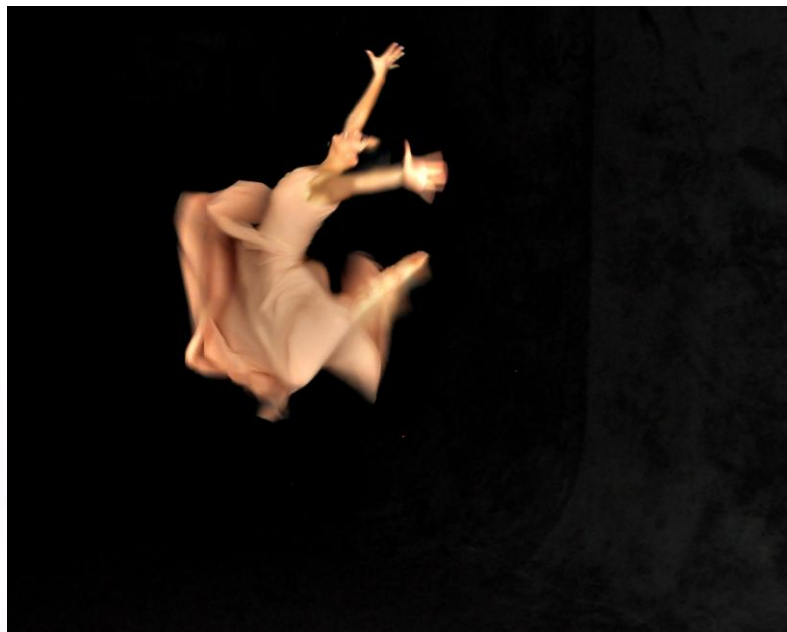


Figura 2 – Meu corpo como imagem

2 – 3º MOVIMENTO: NOSSO PERCURSO METODOLÓGICO

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

- O mundo é isso – revelou - Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.

(GALEANO, 2005, p. 13)

O corpo sempre fez parte do meu cotidiano de atriz, pois diariamente falamos sobre criação de personagens, treinamento de ator, experiência corporal. Entretanto desafiei-me a pesquisar sobre o corpo na Educação.

Com essa decisão surgiram muitas questões. Como trabalhar o corpo na Educação? Como acessar o corpo dentro do GEPEIS? De que forma mobilizar o grupo para se pensar corpo?

Com tantas perguntas, comecei minha trajetória em busca de respostas, as quais já vinham se delineando desde o ano de 2009, quando fui convidada a ministrar aulas de teatro e circo, por meio de projetos sociais, em duas instituições: Centro Social São Francisco – Vila Maringá/Santa Maria e Escola Estadual de Educação Fundamental de Arroio Grande/Arroio Grande. Assim me descobri 'atriz-professora'. Também foi nesse período, por sugestão da Professora Valeska, que iniciamos com o GEPEIS as vivências corporais, definida por Josso (2010, p. 190) como "oportunidades ou potencialidades de tomadas de consciência e de aprendizagens e natureza aberta, evolutiva, maleável, autopoietica de nosso ser no mundo, que dispõe de um potencial enorme, ainda por descobrir com tantas

aprendizagens à desenvolver”. Para isso, no início de cada reunião, que acontecem uma vez por semana com duração de três horas, fazemos uma vivência, uma experimentação corporal. Primeiramente parecia um momento recreativo para o GEPEIS, entretanto os integrantes perceberam a importância dessa prática, fazendo daquele um momento reflexivo e parte imprescindível do encontro semanal. Se por alguma eventualidade não era possível a vivência corporal, os integrantes reivindicavam, pela falta que tal atividade fazia.

Com o tempo e com a possibilidade de pesquisar o corpo dentro do GEPEIS, tive que afunilar o tema do meu estudo. Então, parti do objetivo da minha pesquisa que é compreender e analisar as significações de integrantes do GEPEIS a partir do corpo biográfico e da confluência entre corpo/mente, procurando pensar possibilidades de um processo formativo na educação pelo viés do corpo como expressão de significações imaginárias, lugar de memórias e sensibilidades.

Destaco, aqui, uma importante premissa desta pesquisa, a qual buscou dentro das vivências e da experimentação corporal pontos de convergência, confluência entre corpo e mente. Cada ser humano pode ser predominantemente corpo ou predominantemente alma, mas não pode estar um dissociado do outro, pois existem momentos de encontro entre corpo e mente/ mente e corpo. Para isso, Castoriadis (2002, p. 212) afirma

Por certo não há psique sem corpo. Perturbações suficientemente fortes do estado somático tem efeitos sobre o estado psíquico. Mas isso ainda não nos diz nada sobre a questão da causação e da determinação; isso nos diz apenas que uma das condições para que haja funcionamento psíquico é um certo estado somático. É tudo. Mas não que tal estado somático determina exatamente que eu diga aquilo que lhes estou dizendo agora.

Partindo da vivência corporal com o grande grupo, foi necessário criar um subgrupo para trabalharmos de forma mais intensa. Mas qual seria o critério de pesquisa para escolha dos colaboradores, uma vez que o GEPEIS é um grupo que possui uma variedade de áreas do conhecimento?

Pensando na necessidade de desenvolver a capacidade criativa do corpo na educação, optou-se por convidar colaboradores com a mesma formação, no caso formados em Pedagogia. Também se optou em trabalhar com quatro pessoas, pela necessidade de algumas vivências serem realizadas em duplas e pela viabilidade posterior de análise de dados gerados pelas quatro participantes. O interesse e a disponibilidade em participar da pesquisa também serviram como critérios.

Definidos os critérios de pesquisa elaborei um convite com a seguinte pergunta: “Vamos juntos biografar nossos corpos?” e encaminhei para as possíveis colaboradoras, que retornaram demonstrando interesse em participar da pesquisa.

O interesse pela pesquisa deu-se, pois o trabalho seria desenvolvido com integrantes do GEPEIS, o que liga as colaboradoras e seus corpos por laços afetivos, pela história de convívio, de partilha que são características do grupo. O envolvimento com este trabalho deu-se também pelo fato de que o estudo biográfico vem crescendo a cada ano dentro da educação e pela pesquisa sobre o corpo biográfico ser um campo novo para a educação, o que despertou certa curiosidade e desafio para as colaboradoras. Desse modo, o trabalho sobre a história de vida foi o elo para a construção da história do corpo das participantes. Acerca da história de vida, Oliveira (2004, p. 18) destaca:

História de Vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, os seus repertórios. Numa história de vida podem ser identificadas as rupturas e as continuidades, “as coincidências no tempo e no espaço, as ‘transferências’ de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços cotidianos”.

Diante disso, o material produzido sobre história de vida foi organizado e trabalhado a partir da concepção hermenêutica. Para Delory-Momberger (2008, p. 56), “a narrativa (auto) biográfica instala uma hermenêutica da ‘história de vida’, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo”. Esse pensamento se completa quando afirma que

O trabalho da reflexividade biográfica é de natureza hermenêutica; assim como o hermeneuta considera o texto como totalidade com a qual se relaciona cada uma de suas partes, o autobiógrafo representa para si sua vida como um todo unitário e estruturado com o qual relaciona os momentos de sua existência. Ele faz da vida vivida (*erlebtes Leben*, *Erlebnis*) o curso da vida (*Lebensverlauf*) (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 57).

Nessa perspectiva, a hermenêutica na história de vida tem estreita relação com os acontecimentos mais significativos, que no movimento de lembrar o passado são determinantes ao devir, dadas as expectativas e vontades que nele se imprimem. Pierre Dominicê (2010, p. 86) coloca que “O estudo biográfico, [...] apela à reflexão e resulta de uma tomada de consciência, dá origem a um material de investigação que é já o resultado de uma análise”. Assim muitos são os aspectos

importantes da narrativa de uma história de vida, por isso, tudo e todos os citados fazem parte do processo de formação.

A História de Vida, mais do que um processo de formação, é um processo de criação, que contém significados imaginários, e que as autoras Oliveira e Peres (2009, p. 464), consideram como

[...] um motor do processo de investigação que tem o sentido de exercitar um ato de criação por meio de uma postura conduzida pela curiosidade, por um 'novo espírito científico', como postula Bachelard, na perspectiva de que este parte de novos pressupostos epistemológicos e os exercita numa atividade que é mais do que simples descoberta: é criação (OLIVEIRA; PERES, 2009, p. 464).

Por meio da vivência e da livre experimentação, as colaboradoras integrantes do GEPEIS puderam ampliar sua visão sobre a importância de um corpo ativo, repleto de signos e significados impressos pela vida, na história do corpo. Para isso, foi elaborado um roteiro com exercícios e jogos, com a intenção de que as vivências partissem da prática. Primeiramente, o corpo era colocado em ação, para jogar, brincar, experimentar e agir. Depois de possivelmente ter gerado uma qualidade diferente no corpo, é que colocávamos em forma de Roda de Conversa as percepções e sentidos aguçados na vivência. Ressalto que, quando me refiro a um corpo com uma qualidade diferenciada, reporto-me à experiência de atriz³, onde minha atenção e meus sentidos estão conectados para concretizar o aqui e agora, num corpo despertado e pronto para agir. Todas as Rodas de Conversas foram gravadas em mp3 e tiveram grande importância nas vivências, pois como coloca Josso (2010, p. 171), “dão acesso, entre outras coisas, a um conhecimento de si fonte da invenção possível de seu futuro, [...] ao pensamento reflexivo e a seus axiomas estruturantes”.

No decorrer da pesquisa, a utilização de registros fotográficos e filmagens das vivências práticas serviram como complemento no processo investigativo para

³ Tomo como referência minha experiência como atriz, durante a graduação em Artes Cênicas e, principalmente, no processo de criação do monólogo “*Memórias*” (2006), em que tive a oportunidade de aprofundar meus estudos sobre o Método Laban de Qualidades de Movimentos. O pesquisador húngaro Rudolf Von Laban (1879-1959) defendia, em sua teoria, que o ator sendo ele mesmo seu instrumento de trabalho – seu corpo, suas emoções, sua razão – direciona esses elementos no seu processo criativo com o objetivo de chegar ao estado de espontaneidade consciente. No entanto, esse estado exige do ator a conquista de um corpo-mente orgânico em cena. Assim, encontramos, por meio da vivência criativa do movimento, uma qualidade de energia diferente no corpo do ator, responsável pela conquista de uma presença cênica, de um corpo consciente em ação. Uma vez adquirida essa energia, ao ator cabe sua manipulação, encontrando, nas qualidades do movimento, diferentes intenções na busca pela construção das ações.

registrar as mudanças e transformações que, possivelmente, ocorreram em cada colaboradora, servindo, desse modo, como instrumento reflexivo ao grupo.

Cada participante possuía um “diário de bordo” em que foi possível registrar, de forma muito pessoal, as percepções sobre as vivências corporais, os sentimentos, as dúvidas, as reflexões, enfim todos os atravessamentos ocorridos durante o processo de pesquisa, o que também serviu como instrumento à construção de dados.

As Rodas de Conversas, os registros fotográficos, as filmagens e os registros nos ‘diários de bordo’ foram autorizados pelas colaboradoras, que concordaram em participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme os procedimentos indicados pelo Comitê de Ética da UFSM, pelo qual a referente pesquisa foi aprovada em setembro de 2012.

Depois de transcrever as Rodas de Conversa e entrelaçar com a reflexão das vivências, foi necessário um afastamento para organização do material produzido até então. Adotei um ‘diário de bordo’ para registrar aquilo que o processo de pesquisa-formação estava produzindo em mim como pesquisadora e aprendiz dessas relações formativas/autoformativas. Cada encontro era marcado por descobertas, emoções, subjetividades, e isso acarretou a reescrita da minha própria história de vida, pois os sentidos e os significados já estavam proporcionando outras formas de pensar, de sentir e de tomar consciência dos saberes e das significações imaginárias que a relação entre corpo e formação docente foi se estabelecendo.

A esse respeito, Josso (2010, p. 33) coloca

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em histórias de vida diz respeito, em primeiro lugar, à nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam produzir conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos.

Muito além da aquisição de informações, a Pesquisa-formação, como metodologia de pesquisa e formação, estabeleceu um processo de aprendizagem reflexiva, de escuta sensível e da criação de novas significações a partir do vivido. Nesse sentido, Josso (2010, p. 247) afirma

A formação do aprendente durante o tempo da pesquisa está também em jogo por meio da análise retroativa do que foi o seu percurso de vida e de formação, com um olhar sobre si mesmo, ao longo da vida. Um olhar que se detém, pela primeira vez, e talvez, pela última, com essa amplitude, sobre o tempo de vida de cada um, acompanhado de uma escuta e de uma partilha

atentas ao que se diz sobre a formação de cada ser, considerando-se o conhecimento de si, do seu processo de formação, dos seus processos de aprendizagem e de conhecimento. São esses os desafios simultâneos da pesquisa e da formação.

Acredito, assim, ter viabilizado um tempo e um espaço para que, como aprendentes, pudessem refletir em um fazer e pensar diferentes através do corpo. Os desafios da pesquisa-formação estão, justamente, na capacidade de transformação e de compreensão de si, do processo de formação e aprendizagem na construção de sentidos e percepções.

2.1 Diálogos com os corpos: quem são minhas colaboradoras

Com a intenção de desafiar as colaboradoras da pesquisa, assim como também me desafiei outrora, e de trazer para o 'primeiro plano' a atenção para o sensível, propus que escolhessem um objeto e um poema que pudesse representá-las corporalmente. Minha escolha partiu justamente desses dois conceitos, objeto e poema, que são trazidos pelo dicionário Houaiss com a seguinte definição “ob.je.to: 1 coisa material que pode ser percebida pelos sentidos 2 coisa mental ou física para a qual se dirige o pensamento, um sentimento ou uma ação”, e “po.e.ma: 1 composição em versos 2 algo que sugere um poema (pela beleza, sensibilidade, etc). Essas duas palavras tão comuns e presentes em nosso cotidiano tomaram outra dimensão quando atravessadas pelas significações imaginárias de cada colaboradora.

Transpor sua autoimagem corporal para um objeto e um poema gera, automaticamente, um outro lugar para se pensar o corpo, gera uma outra perspectiva. Essa reflexão foi tão significativa que se optou por identificar, dentro dessa pesquisa, cada colaboradora de acordo com o objeto que cada uma escolheu. Entretanto, há um entrelaçamento com o que é palpável e concreto, ou seja, o objeto, com a forma imaginária como cada uma se representou corporalmente, a partir das significações imaginárias de cada uma.

É possível verificar a maneira como cada colaboradora se representou pela escolha feita, a qual apresentarei trazendo dois conceitos, o de uso habitual que utilizamos cotidianamente e do imaginário de cada colaboradora

2.1.1 Marilene é Fone de Ouvido: música, liberdade

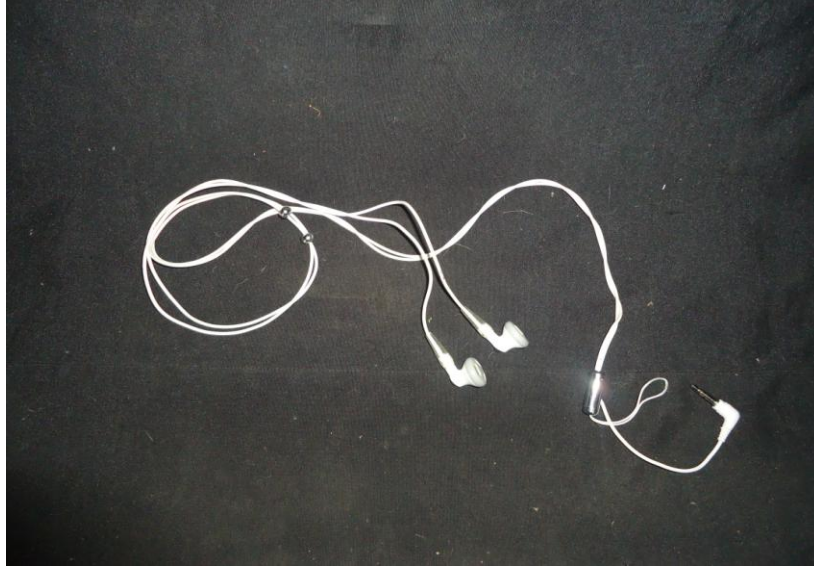


Figura 3 – FONE DE OUVIDO - Objeto escolhido para representar-se corporalmente.

Para Houaiss Fone de Ouvido significa “aparelho que se coloca nos ouvidos para ouvir fitas de áudio, CDs etc”. Para a colaboradora, o objeto escolhido *“tem relação com a música, música que remete a sintonia entre corpo e mente, liberdade, sensações, leveza, intensidade, enfim, experimentações”*.

“O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência. Nem uma culpa como nos fez crer a religião. O corpo é uma festa.”

(Eduardo Galeano).

Para justificar sua escolha do poema, a colaboradora afirma ter escolhido a frase do Galeano, pois, *“me traduz exatamente a liberdade de experimentar a vida, de viver o corpo em suas nuances, conhecer suas limitações, mas poder aproveitar suas potencialidades, mas para isso é preciso conhecê-lo, sentir, permitir-se!”*

Esse permitir-se, experienciar-se, conhecer-se trazido pela colaboradora, leva-nos a crer que as possibilidades da vida humana são infinitas e pode ser mais bem compreendido pelo recorte do imaginário, trazido por Machado da Silva, que afirma

O imaginário é sempre irreduzível. Não se reduz ao utilitário, ao explicável, ao ideológico, à crença, à razão, ao científico, ao cognitivo, à cultura. Atravessa todas essas categorias, apropria-se delas, instala-se nelas, desvia-se delas, recorta-as e deturpa-as. O imaginário é sempre desvio, divergência, apropriação, reinteração, releitura, desconstrução, reconstrução e nova afirmação. Pelo imaginário, cada um faz da sua vida uma obra de arte (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 51).

A (re)construção dos significados da memória do corpo, passa pelo imaginário, ou seja, o imaginário é a ferramenta de acesso ao repertório corporal, a todas as construções, desvios, rupturas e construções, não só de como, mas também por que o corpo se formou de determinada maneira.

O imaginário tem papel fundamental nas interações que o ser humano constrói, por meio de seus saberes e experiências, o que contribui para sua constituição enquanto indivíduo social e coletivo. Esse processo suscita uma perspectiva simbólica, o que possibilita diferentes modos de compreensão do mundo.

2.1.2 Vanessa é Tênis: conforto, disposição



Figura 4 – TÊNIS - Objeto escolhido para representar-se corporalmente.

Para Houaiss Tênis significa “1 sapato de material leve e sola de borracha flexível, geralmente usado em práticas esportivas”. Entretanto para a colaboradora o “objeto que me traduz corporalmente é o tênis pelo fato desse objeto me dar conforto para enfrentar a maratona que é meu dia a dia. Tênis para mim representa conforto, disposição...”.

O AR E O VENTO
(Eduardo Galeano)

*Pelos caminhos vou, como o burrinho de São Fernando, um
pouquinho a pé e outro pouquinho andando.
Às vezes me reconheço nos demais. Me reconheço nos que ficarão,
nos amigos abrigos, loucos lindos de justiça e bichos voadores da
beleza e demais vadios e mal cuidados que andam por aí e que
por aí continuarão, como continuarão as estrelas da noite e as
ondas do mar. Então, quando me reconheço neles, eu sou ar
aprendendo a saber-me continuado no vento.
Acho que foi Vallejo, César Vallejo, que disse que às vezes o vento
muda de ar.
Quando eu já não estiver, o vento estará, continuando estando.*

A colaboradora após refletir sobre a escolha do seu objeto e do seu poema justificou sua opção “pelo fato de acreditar que sou feita das inúmeras experiências que eu vivi, carrego muito das pessoas que passaram na minha vida, aprendo com quem está na minha volta, assim, como sei que também deixo um pouco de mim nos outros. Penso que aí está a boniteza da vida, de saber que somos um emaranhado de experiências e pessoas que atravessam nossa vida”.

Para isso, trago um conceito de imaginário por Machado da Silva (2006, p. 57), o qual afirma que “o imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros. Nesse sentido, o imaginário é sempre uma biografia, uma história de vida”. Esse pensamento vem ao encontro

com a própria justificativa da colaboradora, que afirma ter se constituído por meio dos diferentes momentos do vivido, o que “trata-se de uma memória afetiva somado a um capital cultural” (MACHADO DA SILVA 2006, p. 57).

Constituímo-nos através do outro, com o outro, por meio do outro, constituímos-nos pelo que nos afeta, pelo que nos deixamos, ou não, afetar e também pelo que afetamos. Esse emaranhado reforça o pensamento de que consciente ou inconscientemente, vivemos em uma rede de “contágio” (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 13).

2.1.3 Ionice é Coração: corpo, emoção



Figura 5 – CORAÇÃO - Objeto escolhido para representar-se corporalmente.

Segundo o dicionário de língua portuguesa Houaiss a palavra Coração significa “1 órgão muscular oco, que recebe o sangue das veias e o impulsiona para as artérias, 2 parte externa do peito, 3 objeto ou desenho com o formato desse órgão, 4 *fig.* símbolo do amor, 5 *fig.* a parte mais central ou mais profunda de algo;

âmago, 6 *fig.* a parte mais íntima de um ser, 7 generosidade, piedade.” Mas, para a colaboradora, a escolha desse objeto para representá-la corporalmente gerou dúvidas e também muitas possibilidades, foi quando pensou em como poderia representar esse objeto e justificar sua escolha.

“Abri a lata (em forma de coração), pisei com a ponta dos dedos dentro dela, como se estivesse dentro. Em cima da cabeça ficou a tampa. A escolha do coração não foi representando o órgão vital para o corpo, mas representando a emoção. Vejo meu corpo todo emoção. Por isso representar eu dentro da lata. Quando ‘sinto’ algo, ‘responde’ meu corpo, dói a perna, a cabeça...

Até pensei pegar um coração de borracha que tinha em casa, mas a lata aberta e com tampa ‘fala’ melhor. Pode ser aberta às ‘mudanças’. Não ‘sou’ e não’ estou sempre igual. Meu corpo muda.”

ARQUITETURA FUNCIONAL (Mário Quintana)

*Não gosto da arquitetura nova
Porque a arquitetura nova não faz casas velhas
Não gosto das casas novas
Porque as casas novas não tem fantasmas
E, quando digo fantasmas, não quero dizer essas assombrações
[vulgares
Que andam por aí...
É não-sei-quê de mais sutil
Nessas velhas, velhas casas,
Como, em nós, a presença invisível da alma... tu nem sabes
A pena que me dão as crianças de hoje!
Vivem desencantadas como órfãos:
As suas casas não tem porões nem sótãos,
São umas pobres casas sem mistérios.
Como pode nelas vir morar o sonho?*

*O sonho é sempre um hóspede clandestino e é preciso
 (Como bem sabíamos)
 Ocultá-lo das visitas
 (Que diriam elas, as solenes visitas?)
 É preciso ocultá-lo das outras pessoas da casa,
 É preciso ocultá-lo dos confesores,
 Dos professores,
 Até dos Profetas
 (Os Profetas estão sempre profetizando outras cousas...)
 E as casas novas não têm ao menos aqueles longos,
 [intermináveis corredores
 Que a Lua vinha às vezes assombrar!*

Justificando sua escolha pelo poema, a colaboradora afirma que o corpo “*pode ser casa nova, sem mistério nenhum, sem nem alma. Mas confesso que prefiro a casa velha, com os corredores assombrados pela Lua. Que me ajuda a ocultar meus sonhos, desejos, mistérios, mas me faz pensar na minha ‘arquitetura funcional’*”.

Tudo o que sensibilizou, tocou, machucou, feriu, as emoções, os sentimentos, por mais conscientes e reelaborados pelo intelecto, ainda assim, estão profundamente inscritos e registrados no ser. Todos têm de certa forma uma “arquitetura funcional”, esses desejos, sonhos, as lembranças que “assombram” os corredores da nossa “casa-corpo” são as marcas do vivido que estão impressas no corpo como marca da história de cada um.

Segundo Vianna e Castilho (2002, p. 18), nossa primeira casa desde que nascemos, antes mesmo de morar em qualquer lugar, é o nosso corpo. Ainda questiona “quem é o “morador” de seu corpo? Seus órgãos, seu humor, seus afetos, sua memória, suas emoções, sua inteligência...”. Nesse “lugar casa-corpo” fica acumulado tudo o que é significativo para nós e que nos impulsiona a agir cotidianamente, entretanto, a reflexão necessária aqui é: será que nos sentimos bem e à vontade nessa casa-corpo?

2.1.4 Marília é Sapatilha: ritmo, paixão



Figura 6 – SAPATILHA - Objeto escolhido para representar-se corporalmente.

Houaiss, o dicionário da Língua Portuguesa, define sapatilha como “1 sapato de bailarinos, 2 sapato flexível e macio”. Entretanto, para a colaboradora, a sapatilha tem outro sentido, pois *“quando penso no meu corpo, a paixão pela dança salta. O movimento, a alegria e o prazer que ela me proporciona é o que alimenta a minha necessidade de aprender mais, de desafiar o meu corpo. E a sapatilha é quem me acompanha nas aulas de dança, que está sempre comigo, em muitos destes momentos.”*

O QUE VOCÊ QUER SABER DE VERDADE

(Marisa Monte)

Vai sem direção

Vai ser livre

A tristeza não, não resiste
Solte seus cabelos ao vento não olhe pra trás
Ouçã o barulhinho que o tempo no seu peito faz
Faça sua dor dançar, atenção para escutar esse movimento que
traz paz
Cada folha que cair, cada nuvem que passar
Ouve a terra respirar pelas portas e janelas das casas
Atenção para escutar o que você quer saber de verdade.

Sentindo-se desafiada a pensar em um objeto e em poema para representar-se corporalmente, a colaboradora justificou sua escolha afirmando que “*as palavras dessa música me fazem pensar na vida, o ritmo embala o meu corpo. O corpo é vida.*” E complementa seu pensamento refletindo que “*esse exercício me ajudou a pensar na vida que habita os nossos corpos, na disposição que nos colocamos ao ouvir os ‘barulhinhos’, ao sentir o movimento do vento, ao que está ao nosso redor e que produz nossos corpos.*”

Quando propus a experiência desse exercício, estava ciente da necessidade que minhas colaboradoras teriam em deixar-se levar pelo intuitivo, percebendo, pressentindo o mundo a sua volta, como o vento que a gente não vê, mas sente, quando a brisa toca nosso rosto, movimentando nossos cabelos e acaricia nossa alma.

Essa percepção mais apurada, com uma escuta sensível, vai em direção ao imaginário, que está presente em nosso cotidiano e que muitas vezes não nos damos conta, pois é concreto e ardente, mas não fixado. Para isso, Gaston Bachelard (1990) afirma

Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. É ela, no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade. Mais do que qualquer outro poder, ela especifica o psiquismo humano. Como proclama Blake: “A imaginação não é um estado, é a própria existência humana” (BACHELARD, 1990, p. 1).

Essa teoria nos leva a pensar que o estado em que nos encontramos é passageiro, que nossa forma de pensar, de agir, de se relacionar não está fixada sem possibilidades de mudanças, onde minha posição social é uma, ou outra e, sim,

que posso ser esta, aquela, aquela outra e mais uma e assim por diante. Somos multifacetados, muitas possibilidades, somos a existência humana.

A partir dessa construção de possibilidades pelo viés do imaginário, estendo também a construção corporal, a qual foi moldada ao longo da história, mas que não é fixa, rígida e ortodoxa, ela pode ser flexível e sensível se atentarmos nosso olhar para este conjunto energético que é o corpo. Desse modo, “estar presente em seu próprio corpo é o primeiro passo para quem se deseja mais livre, mais criativo, mais consciente de si, dos outros, do lugar que ele ocupa” (VIANNA E CASTILHO, 2002, p. 23).

2.2 Jogos, exercícios e atividades: cronograma de encontros⁴

Esta pesquisa sobre o corpo biográfico foi pautada em vivências práticas com o corpo. Pensando nisso, elaborou-se cuidadosamente um Roteiro de Jogos, exercícios e atividades que comporiam os quatro dias de vivências corporais. Com a ideia de alcançar o objetivo proposto por este estudo, escolheu-se jogos, exercícios e atividades com características, com intenções e com objetivos diferentes que pudessem gerar qualidades corporais diferentes das cotidianas, lançando-se para o desconhecido e, assim, tendo a possibilidade de abandonar zonas de conforto, criando estímulos para as colaboradoras se perceberem pelo viés do corpo como expressão de significações imaginárias, lugar de memórias e sensibilidades.

Desse modo, pela importância que possui dentro do trabalho, apresento abaixo o roteiro e a descrição de cada jogo, exercício e atividade proposta para a elaboração desta pesquisa.

1º ENCONTRO

Dia 28/11/2012 – das 18h às 20h30min – Sala Preta (3381)/ CE

⁴ Tomo estes jogos, exercícios e atividades, pois são experimentados e vivenciados por mim, desde minha formação inicial, até os dias de hoje.

- **Panorama corporal** - Deitadas no chão, fazer um panorama do corpo, sentindo todas as partes, as que tocam e as que não tocam no chão. Após essa percepção, utilizar os apoios do corpo até chegar na posição em pé.
- **Corpo no espaço** – Equilibrar o espaço enquanto caminha (como se o espaço fosse uma grande bandeja, as jogadoras devem equilibrá-lo, mantendo as mesmas proporções entre elas). Na medida em que se deslocam pelo espaço devem experimentar no corpo “expansão” e “recolhimento”, ou seja, o corpo deve, em determinado momento, utilizar o maior espaço e, em outro momento, o menor espaço possível. O objetivo desse jogo é a consciência do espaço, bem como a consciência do seu corpo no espaço.
- **Níveis e direções** – Deslocando-se pelo espaço, a cada sinal (batida de palma das mãos), cada jogadora deve mudar o nível (baixo, médio e alto) e a direção (para frente, para trás, para os lados, para cima e para baixo) de seu deslocamento. O objetivo desse jogo é trabalhar a agilidade corporal.
- **Jacadi** - Uma jogadora assume a liderança. As outras jogadoras ficam uma ao lado da outra, em frente à líder e só podem se movimentar quando for dita a palavra “Jacadi”. A líder pode confundir as demais jogadoras falando palavras semelhantes como “japari”, “japarei”, “jacaí”, “japerdi”. Caso alguma jogadora se movimente com outra palavra, que não Jacadi, será eliminada. O objetivo desse jogo é trabalhar a concentração e a agilidade corporal, uma vez que o movimento deve ser imediato.
- **Meia, meia lua** – As jogadoras posicionam-se uma ao lado da outra, no lado oposto da sala outra jogadora fica de costas. A fila de jogadoras avança com o objetivo de tocar na colega que está de costas, mas sem que essa perceba. Caso alguma movimentação seja detectada, a jogadora será eliminada. Esse jogo trabalha a consciência corporal.
- **Cachorro quer seu osso** – As jogadoras ficam em círculo, enquanto uma jogadora (cachorro) fica no meio com os olhos vendados e com um objeto a sua frente, representando o osso. O objetivo das jogadoras que estão no

círculo é “roubar” o osso do cachorro sem que ele perceba, caso o cachorro perceba o roubo irá latir no sentido do ladrão que deve voltar a sua posição no círculo. Esse jogo trabalha os sentidos e as percepções.

- **Acorda seu urso** – Uma jogadora é eleita para ser o urso, que escolhe um lugar para dormir. O urso quando acorda está com muita fome e sai à floresta para caçar, mas sua presa sempre se disfarça de algum bicho ou de alguma planta da floresta. Isso confunde o urso, impedindo-o de se alimentar. O objetivo desse jogo é a agilidade corporal, pois além da movimentação rápida, característica de um jogo de pique, tem que agir rapidamente para se disfarçar.
- **Relaxamento** - Alongamento para a percepção do corpo após a realização da vivência.
- **Roda de conversa** – Reflexões e percepções sobre a vivência.

2° ENCONTRO

Dia 03/12/2012 – das 09h às 11h30min – Sala Preta (3381)/ CE.

- **Contato com a natureza** – Caminhada pelo bosque da UFSM, em silêncio, voltando a atenção para os sons, cheiros, texturas, volumes e expressões do lugar. Respeitando o tempo de cada uma e na medida em que se sentirem à vontade, devem escolher uma árvore e experimentar diferentes formas/possibilidades de se relacionar com ela, seja, tocando, abraçando ou sentindo. Trabalhar diferentes posições para esse contato: deitado, sentado, em pé, de costas...
- **Jogo dos sentidos** – Em duplas, uma jogadora é vendada enquanto a outra a conduz pelo espaço. A jogadora que conduz deve proporcionar à jogadora vendada diferentes rotas, para que essa possa aguçar seus sentidos em diferentes percursos. O objetivo desse jogo é trabalhar as percepções como tato, olfato, audição, bem como a confiança entre as jogadoras.

- **Níveis e direções** – Deslocando-se pelo espaço, a cada sinal (batida de palma das mãos), cada jogadora deve mudar o nível (baixo, médio e alto) e a direção (para frente, para trás, para os lados, para cima e para baixo) de seu deslocamento. O objetivo desse jogo é trabalhar a agilidade corporal e como já havia sido experienciado no encontro anterior, as jogadoras devem desafiar-se até o limite.
- **Objeto e poema** – Cada uma deve escolher um objeto e um poema/poesia que a represente corporalmente. Criar um modo para apresentar-se corpo com esses dois elementos. O objetivo dessa proposta é a possibilidade de ver-se corpo por meio de um objeto ou, até mesmo, de um poema.
- **Massagem rolo compressor** – Uma colega solta o peso do seu corpo sobre o corpo das outras colegas que estão deitadas uma ao lado da outra no chão. Na medida em que vão girando no chão, deslocam o corpo da colega que está em cima, massageando-a. O objetivo dessa massagem é relaxar.
- **Roda de conversa** - Reflexões e percepções sobre a vivência.

3° ENCONTRO

Dia 07/12/2012 – das 09h às 12h - Espaço Vitório Fachin (TUI).

- **Panorama corporal** - Deitadas no chão, fazer um panorama do corpo. Voltar a atenção para a respiração e buscar olhar-se de fora, criando a imagem da sua alma desprendendo-se do corpo, como se fosse possível enxergar-se de cima e analisar seu próprio corpo.
- **Velocidades** – Equilibrar o espaço durante o deslocamento. Quando solicitado, alterar a velocidade de deslocamento e de movimentação corporal. Serão trabalhadas três velocidades: velocidade 1 – muito lenta (slow motion), velocidade 2 – cotidiana, velocidade 3 – muito rápida (quase uma corrida). O objetivo dessa atividade é a consciência de diferentes estados corporais gerados pelas velocidades.

- **Ações nas velocidades** – Ainda trabalhando as velocidades corporais (1,2 e 3), inserir ações que devem acompanhar a velocidade solicitada. As ações podem ser: pentear o cabelo, abanar, juntar/apanhar uma flor, passar batom, sentar-se no chão... Durante a realização desse exercício, prestar atenção em 4 elementos fundamentais: nível, velocidade, direção e arquitetura do espaço (durante o deslocamento desenhar o chão como se tivesse tinta nos pés).
- **Jogo das afetações** – Prestando atenção no estado corporal gerado pelas velocidades, ampliar a escuta do corpo, agindo e reagindo as afetações propostas durante o exercício. Muitos elementos podem afetar a jogadora como, por exemplo, a movimentação da colega, a música, o vento que entra pela janela, a textura do chão... O objetivo desse jogo é alargar a escuta, abrindo possibilidade de afetar e ser afetado.
- **Contato e improvisação** – Em duplas, uma colega propõe uma imagem corporal/pose, a outra colega, mantendo o contato corporal, propõe outra imagem e assim sucessivamente. Na medida em que as jogadoras sentirem necessidade, as duplas devem juntar-se, formando um grupo maior e gerando novas possibilidades. Trabalhar durante a realização desse exercício o fluxo dos movimentos e as velocidades 1,2 e 3. O objetivo dessa atividade é a precisão corporal, a conscientização do fluxo dos movimentos, a possibilidade de construção de novos repertórios de movimentos, bem como a relação que a dupla estabelece.
- **Objeto e poema** – Cada uma deve escolher um objeto e um poema/poesia que a represente corporalmente. Criar um modo para apresentar-se corpo com esses dois elementos. O objetivo dessa proposta é a possibilidade de ver-se corpo por meio de um objeto ou, até mesmo, de um poema.
- **Brincadeira de infância** – Escolher uma brincadeira de criança que gostasse muito quando pequena. Experimentar no corpo e criar um modo de apresentar essa brincadeira através da ação. Utilizar a criatividade para comunicar-se, deixando livre para sentidos e sensações. O objetivo dessa atividade é resgatar memórias corporais da infância.

- **Roda de conversa** – Reflexões sobre a vivência, atentando para a percepção do corpo no momento em que chegou até agora, avaliando-o como estava e como ficou.

4° ENCONTRO

Dia 17/12/2012 – das 22h às 24h – Espaço Vitório Fachin (TUI).

- **Despertar o corpo** – Com o estímulo da música, deslocar-se pelo espaço soltando o corpo e prestando atenção na respiração.
- **Velocidades** – Equilibrar o espaço durante o deslocamento. Quando solicitado, alterar a velocidade de deslocamento e de movimentação corporal. Serão trabalhadas três velocidades: velocidade 1 – muito lenta (slow motion), velocidade 2 – cotidiana, velocidade 3 – muito rápida (quase uma corrida). O objetivo dessa atividade é a consciência de diferentes estados corporais gerados pelas velocidades.
- **Contato e improvisação** – Em duplas, uma colega propõe uma imagem corporal/pose, a outra colega, mantendo o contato corporal, propõe outra imagem e assim sucessivamente. Na medida em que as jogadoras sentirem necessidade, as duplas devem juntar-se, formando um grupo maior e gerando novas possibilidades. Trabalhar durante a realização desse exercício o fluxo dos movimentos e as velocidades 1, 2 e 3. O objetivo dessa atividade é a precisão corporal, a conscientização do fluxo dos movimentos, a possibilidade de construção de novos repertórios de movimentos, bem como a relação que a dupla estabelece.
- **Representação corporal** – Caminhando e equilibrando o espaço, representar corporalmente, na medida em que forem solicitadas, as seguintes cores: “vermelho”, “amarelo”, “azul”, “lilás”, “preto”, “roxo”, “marrom”. Após representar corporalmente as cores, seguir a mesma proposta com as seguintes frases: “Que lindo dia de sol!”, “Hoje acordei cansada!”, “As nuvens estão carregadas. Vai chover hoje!”, “Não estou gostando disso!”, “Eu te odeio, mas também te amo!”. O objetivo desse jogo é experimentar as cores e

as frases no corpo, por meio das sensações que essas sugerem, sem utilizar a fala.

- **Objeto e poema** – Cada uma deve escolher um objeto e um poema/poesia que a represente corporalmente. Criar um modo para apresentar-se corpo com esses dois elementos. O objetivo dessa proposta é a possibilidade de ver-se corpo por meio de um objeto ou até mesmo através de um poema.
- **“Eu corpo, o outro corpo!”** – Cada uma se representará corporalmente através de desenhos, recortes e colagens. Logo em seguida representará a colega ao seu lado, utilizando a mesma dinâmica de desenhos, recortes, colagens e muita criatividade. O objetivo dessa atividade é enxergar-se corpo utilizando outra linguagem.
- **Roda de conversa** – Reflexões sobre o que foi experienciado, atentando para a percepção do corpo desde a primeira vivência até essa última, avaliando-o como estava no primeiro encontro e como está agora.

O roteiro apresentado serviu de base para a construção de dados, possibilitando a criação de um corpo extracotidiano⁵. Buscou-se, além da experimentação de jogos e exercícios variados, a experiência de vivenciar o corpo em diferentes espaços (sala 3381 do Centro de Educação e Espaço Cultural Vítório Fachin) e horários (manhã, tarde e noite).

Para que fosse possível absorver ao máximo a construção dos dados da pesquisa, e como coloca Josso (2010, p. 248) “uma boa qualidade das informações requer um pesquisador de qualidade, mais precisamente, um observador de qualidade”, todas as vivências tiveram registros fotográficos, filmagens e gravações das Rodas de Conversa em mp3. Assim, o procedimento pós-construção de dados resultou de uma interpretação cuidadosa sobre todo o material gerado durante os encontros. Os dados, marcadamente pessoais, suscitaram acontecimentos relevantes e por isso exigiram uma interpretação muito apurada.

⁵ Eugênio Barba, diretor e estudioso de teatro, define o conceito de extracotidiano “As técnicas cotidianas do corpo são em geral caracterizadas pelo princípio do esforço mínimo, ou seja, alcançar o rendimento máximo com o mínimo uso de energia. As técnicas extracotidianas baseiam-se, pelo contrário, no esbanjamento de energia. Às vezes até parecem sugerir um princípio oposto em relação ao que caracteriza as técnicas cotidianas, o princípio do uso máximo de energia para um resultado mínimo” (BARBA, 1994, p. 31).

3 – 4º MOVIMENTO: O QUE VIVENCIAMOS E COM QUEM CONVERSAMOS

3.1 Registros fotográficos: um convite ao vivenciado

O PENSAMENTO NAS PERNAS

Martha Medeiros

(Jornal Zero Hora / Revista Donna - 02/12/2012)

Sempre acreditei que, se eu quisesse transformar alguma coisa, teria antes que passar por uma racionalização profunda e, posteriormente, por uma compreensão dos fatos. Ou seja, primeiro, pensar bastante para, então, compreender.

Cumprindo essas duas etapas, atingiria a serenidade buscada, fosse nas questões amorosas, familiares, profissionais, existenciais. A compreensão, como num passe de mágica, soltaria os fios enovelados e só então eu poderia me modificar.

Acontece que pensar demais cansa. Afirmo com a experiência de uma maratonista cerebral: eu vivia sempre no módulo on, com o cérebro ligado na tomada, descansando só quando dormia, e ainda assim com um olho fechado e outro aberto. Se pensar conduzia à compreensão, bora pensar, para poder entender. Sem entender, acreditava que meu barco ficaria à deriva, noites e dias sob as intempéries, sem atracar em lugar algum.

Tanta coisa serve de caís: um casamento, uma promoção, uma cura, um projeto, uma bolada, um filho. Estamos sempre

indo ao encontro de alguma coisa sensacional que ainda não sabemos o que é nem se iremos encontrar mesmo. Pois, diante desse imenso ponto de interrogação que é o futuro de todos nós, reformulei minhas crenças: estou me dando o direito de não pensar tanto, de me cobrar menos ainda, e deixar para compreender depois. Desisti de atracar o barco e resolvi aproveitar a paisagem.

Primeiro mude, a compreensão virá depois. É mais ou menos o que a filosofia de Nietzsche sugere. Ninguém muda apenas através do pensamento. A transformação meramente intelectual é uma presunção, não existe de fato. É preciso colocar o pensamento nas pernas e agir. O corpo é que nos leva para uma nova vida, e não a razão, diz o filósofo num texto chamado "A favor da crítica".

Recentemente os integrantes do programa Saía Justa discutiram o que é drama e o que é tragédia, e chegaram à conclusão de que o drama te encarcera, enquanto a tragédia, por mais dolorosa que seja, te coloca em movimento: você sai dela diferente. Do drama você não sai: você fica remoendo, remoendo, remoendo. Excesso de racionalização engessa o sentimento e não te leva pra fora, pra frente.

De Nietzsche a Saía Justa é um salto e tanto, reconheço, mas toda filosofia é bem-vinda, seja acadêmica ou de mesa de bar, de programa de tevê, de coluna de jornal. Estamos aqui para aquilo que os intelectuais rejeitam que se fale em público (mas falo baixinho: ser feliz). E a felicidade não é uma ilha paradisíaca onde nosso barco um dia atracará. A felicidade não é terra firme: ela é o próprio mar.

Passamos uma vida perseguindo a felicidade, sem reparar que ela está justamente na perseguição. O pensamento nas pernas. O movimento. A ação. Não há muito a compreender além disso.

Busca-se diariamente respostas para as dúvidas, questionamos a todo momento o mundo e estamos, por muitas vezes, insatisfeitos com o que construímos ou com o que nos induziram a produzir e criar. Creio que são todas essas dúvidas e questões que nos impulsionam e nos lançam para o futuro, entretanto o que queremos é justamente o que a autora Martha Medeiros coloca em sua escrita, queremos ser felizes.

Para alguns a felicidade vem por meio de coisas grandiosas, para outros por meio de pequenas coisas e tenho pensado que a felicidade vem em momentos de suspensão, de contemplação, momentos em que é necessário registrar em nossa mente e em nosso corpo, de forma consciente, para que deles não possamos esquecer jamais.

Cada pensamento, cada ação, cada passo, quando feitos de forma consciente, gera uma sensação, uma qualidade corporal e cria uma atmosfera diferente da forma habitual. O corpo, os gestos, o olhar, a voz apresentam-se de modos distintos quando estamos felizes ou quando estamos tristes, pois nosso corpo é unidade de ação e sentimento, de sensação e movimento. O corpo não está desconectado da mente, eles trabalham juntos, expressam-se juntos, até pode ser predominantemente corpo ou predominantemente alma, mas não se separam um do outro, existem sempre momentos de confluência.

Nesse sentido, faz-se necessária a construção de outra lógica de vivenciar os acontecimentos; não só vivenciá-los, mas deixar que atravessem nosso modo de pensar, agir e sentir. Percebê-los por outro prisma que não o da lógica habitual. Transpor esses acontecimentos para o corpo é permitir envolver-se, sem querer de imediato formar uma opinião, ou um conceito - isso é experiência.

Como a experiência está estritamente ligada ao que nos acontece, Bondía (2002, p. 24) coloca que

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar;

parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Seguindo esse pensamento, a experiência é fundamental à formação do sujeito. Mas para que sujeito? Para o sujeito da experiência, que é aquele sujeito que sofre, que se afeta, que se indaga, que se questiona, e por isso não permanece rígido, erguido, seguro em seu modo de pensar e agir. O sujeito da experiência é aquele se “ex-põe”, o que deixa que algo lhe aconteça, e como aponta Bondía (2002, p. 25): “que simplesmente ‘*ex-iste*’ de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente”.

Assim, falar sobre experiência com o corpo é falar de uma forma única, genuína, que está contida na natureza de um ser da experiência, ou seja, ser da experiência é o ser que existe e que se deixa atravessar pelos acontecimentos. Pela experiência, esse sujeito se forma e se transforma, estando aberto ao seu próprio processo de transformação.

Walter Benjamin (2008) traz em seu texto “Experiência e Indigência” uma significativa reflexão sobre a pobreza de experiências. O antigo hábito das gerações partilharem suas experiências ficou esquecido no tempo e sem grande importância, uma vez que os ensinamentos orais quase não têm mais valor.

Benjamin utiliza uma antiga fábula de Ésope (“O velho vinhateiro”, 3º Livro, nº 48), a qual nós consideramos de grande valor em se tratando de experiência.

Nos nossos livros de leitura havia aquela fábula do homem velho que, no leito de morte, revela aos filhos que há um tesouro escondido na sua vinha. Tudo o que tinham a fazer era cavar. Os filhos puseram-se a cavar, mas do tesouro nem sombra. Quando o outono chegou, porém, a vinha deu uma colheita como nunca se vira em toda a região. E foi então que os filhos perceberam que o pai lhes legara uma experiência: a benção não está no ouro, mas no trabalho (BENJAMIN, 2008, p. 73).

Esta fábula é somente um exemplo do que é experiência. Essa pode chegar até nós por muitos meios e de muitas formas. Ela representa o que eu faço, ou melhor, o modo como procedo após o que ouço, vejo e vivencio. O vivido só se torna experiência no momento em que há uma reflexão sobre o acontecido; fora isso, não há experiência.

Vivemos nessa lógica do tempo/produção/trabalho que não favorece a experiência. O trabalho é inimigo mortal da experiência, pois essa não pode ser quantificada. Quando tratamos sobre o tempo, a experiência vai de encontro ao *Kairós* que é o tempo humano, da profecia, da maturação, ou seja, tempo do acontecimento.

Essa percepção do tempo da experiência não pode ser pensada de uma forma simplista e reduzida, pois requer outra postura no pensar e estar no mundo. Ela precisa ser construída em base sólida e por vias que não estamos habituados ou dispostos a reconhecer. Por essa razão, trago a construção de uma possível via de se estar no mundo, pensando a linguagem corporal.

Para isso, podemos considerar toda manifestação da vida humana como uma espécie de linguagem e como afirma Walter Benjamin (2011, p. 50).

Toda comunicação de conteúdos espirituais é língua, linguagem, sendo a comunicação pela palavra apenas um caso particular: o da comunicação humana e do que a fundamenta ou do que se funda sobre ela (a jurisprudência, a poesia). Mas a existência da linguagem estende-se não apenas a todos os domínios de manifestação do espírito humano, ao qual, num sentido ou em outro, a língua sempre pertence, mas a absolutamente tudo.

Se pensarmos que toda linguagem comunica também poderemos refletir sobre quais as linguagens que utilizamos diariamente e quais linguagens são pouco exploradas em nosso cotidiano. Essa compreensão serve como um alicerce para o desenvolvimento de outras possibilidades de comunicação, pois a linguagem comunica a essência das coisas e como afirma Benjamin (2011, p. 52).

A essência espiritual só é idêntica à essência linguística *na medida em que é comunicável*. O que é comunicável em uma essência espiritual é sua essência linguística. Portanto, a linguagem comunica, a cada vez, a respectiva essência linguística das coisas; mas sua essência espiritual só é comunicada na medida em que se encontra imediatamente encerrada em sua essência linguística, na medida em que ela seja comunicável.

Todo ser comunica-se por meio da linguagem. Linguagem essa que deixa comunicar sua essência espiritual e através do “fluxo ininterrupto dessa comunicação percorre toda a natureza, do mais baixo ser existente ao homem e do homem a Deus” (BENJAMIN, 2011, p. 72).

A linguagem é o que utilizamos para nos comunicar, é o que nos une, é o meio pelo qual podemos partilhar algo. Desse modo, utilizamos a todo momento diferentes linguagens para nos comunicar e a linguagem corporal é um dos meios

pela qual comunicamo-nos constantemente, entretanto essa comunicação, por muitos, é pouco consciente.

Assim, busquei em minhas experiências e meus estudos de atriz um conceito de linguagem corporal, que obtive junto ao autor Patrice Pavis (2011, p. 75), o qual afirma que é “a nova linguagem física baseada em signos e não mais em palavras” e complementa afirmando que

Todos têm em comum uma busca de signos que não sejam calcados na linguagem, mas que encontrem uma dimensão figurativa. O signo icônico, a meio caminho entre o objeto e sua simbolização, torna-se o arquétipo da linguagem corporal. (...) O corpo do ator torna-se o “corpo condutor” que o espectador deseja, fantasia e identifica (identificando-se com ele). Toda simbolização e semiotização se choca com a presença dificilmente codificável do corpo e da voz (PAVIS, 2011, p. 75).

A criação de personagens está centrada na arte do ator que se comunica com o público através do corpo, da linguagem corporal, por isso, há inúmeras técnicas, treinamentos, linguagens para trabalhar o corpo. Por esse motivo é incessante a busca por novos meios de comunicação entre ator/público, professor/aluno para desenvolver uma linguagem corporal que ao mesmo tempo seja criativa e comunicativa.

Desse modo, a partir da linguagem corporal trago alguns registros fotográficos de experiências por meio de dispositivos trabalhados em vivências com as colaboradoras, com a intenção de registrar a qualidade corporal em cada prática trabalhada.



Figura 7 – Registro fotográfico de nosso 2º encontro, dia 03/12/12 na UFSM

Nosso segundo encontro ocorreu no turno da manhã e a intenção era despertar o corpo junto com a natureza e aguçar sentidos como tato, olfato, audição no ambiente ao ar livre. Durante a caminhada pelo bosque, cada uma das colaboradoras deveria escolher uma árvore e descobrir diferentes possibilidades de relacionar-se com ela, explorando posições, níveis, percebendo as texturas, os volumes e tudo mais que o ambiente e o contato com a natureza sugerisse.

Nas falas a seguir podemos verificar o reflexo da vivência

“Quando eu cheguei, a primeira coisa foi aquela vista linda, aquele caminho, eu comecei olhando o tamanho daquelas árvores para tentar ter noção. Senti vontade de olhar para ver o tamanho delas e o meu tamanho naquele lugar, daí eu fui aos poucos descobrindo uma textura diferente nos solos, durante aquele passeio. [...] Bem no início, a sensação que tive foi aquela coisa de início de manhã, frescor no ar, sensação bem fresca, estava bem fresquinho, daí a estrada mudava, tinha

cheiro, cheiro de esterco, cheiro dos animais, daqui a pouco eu olhei para o lado e tinha plantações, tinha Girassóis, tinha pessoas passando e conversando, carro, daqui a pouco era só nós na estrada, daí ficava aquele silêncio, dava para ouvir bem os passarinhos, os sons. Eu caminhei já, desde o início, depois que descobri o solo eu resolvi que queria fechar os olhos. É que eu achei que era bom, que eu conseguia sentir melhor, ouvir melhor com os olhos fechados.” - Sapatilha

“Eu fui sentindo o cheirinho do lugar e logo me remeteu à infância. O cheirinho de esterco no começo, daí fui tentando sentir o vento, não sei o local, parecia que eu estava em outro lugar, que não era Santa Maria e não era nesta época, foi muito doido.” - Coração

“Eu pensava: Ai, segunda, um monte de coisa pra fazer, mas me deu uma sensação de paz, tranquilidade, de descanso... e o vento, o ar mais puro sabe, aquele vento batendo mais refrescante... e o contato com a árvore também.” – Tênis

Essas percepções só ficaram evidentes, porque as colaboradoras disponibilizaram-se verdadeiramente para a vivência, deixaram-se envolver com o aqui e agora de forma sensível e latente. Quando afirmo que houve envolvimento por parte das colaboradoras, quero dizer também que houve implicação. O trabalho com as vivências corporais já vinha sendo desenvolvido com o GEPEIS, o que gerava discussões, debates, provocações e um significativo envolvimento corporal e mental com as atividades propostas. Deste modo, podemos dizer que as colaboradoras sentiram-se implicadas com as provocações de trabalhar corpo e mente por meio de outras práticas que não as habituais, ou seja, as realizadas nas reuniões semanais. Outro aspecto relevante foi as colaboradoras já estarem implicadas com as vivências feitas dentro do grupo de afetos que é o GEPEIS.

Neste sentido, trago para o debate a palavra implicação da qual faz-se necessário falar a que perspectiva se baseia a compreensão desse termo. A partir de que caminho teórico se construiu o entendimento desse conceito.

Barbier (1985- 2002) trabalha com a questão da implicação como uma noção básica em pesquisa-ação. A discussão que promove em torno desse termo refere-se às relações do pesquisador e o objeto de pesquisa nas ciências humanas, sob o ângulo da vida psicoafetiva desse sujeito, de seu imaginário, da constituição

histórico-existencial que define seus comportamentos e também sob o nível estrutural-profissional. Barbier (1985) define o conceito de implicação como

o engajamento pessoal e coletivo do pesquisador em e por sua práxis científica, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passada e atual, nas relações de produção e de classe, e de seu projeto sócio-político em ato, de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda a atividade de conhecimento (BARBIER, 1985, p. 120).

É nessa lógica de que “implicar-me consiste sempre em reconhecer simultaneamente que eu implico o outro e sou implicado pelo outro na situação interativa” (BARBIER, 2002, p. 101) se quer sinalizar a importância do outro em si e de si no outro como uma (com) vivência sensível da proximidade.

O pressuposto de implicação está associado à experiência e também ao sujeito da experiência. Há um reconhecimento e uma busca constante contra a lógica de uma modernidade que é produtividade, quantidade, excelência da qualidade que discrimina e exclui, alienação na informação e exacerbação do poder do conhecimento. Não nos resta mais tempo senão para nos mantermos ocupados. Nada escapa do estresse do sentimento de superficialidade. O tempo como que se dissolve por entre a nossa competência a multitarefas; a alienação na quantidade de informação nos torna, historicamente, os mais exímios opiniosos.

Nessa lógica, vige o tempo do fugaz e efêmero, extingue-se o tempo da experiência.

O sujeito moderno quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência (BONDÍA, 2002, p. 23).

Para gerar momentos de silenciamento e suspensão, suscitando experiência, outro momento importante e que aparece na fala das colaboradoras de forma significativa é a relação direta com a natureza por meio do tato, quando se abraçaram na árvore e ficaram descalças para sentir o chão.



Figura 8 – Registro fotográfico de nosso 2º encontro, dia 03/12/12 na UFSM

”Eu tinha uma vontade muito grande de abraçar uma árvore, faz tempo que eu tinha esta vontade, sempre que eu pensava em relaxar, em fazer algo para relaxar, eu tinha vontade de pegar e abraçar uma árvore, mas aonde tu vai abraçar uma árvore e quando? [...] Daí também lá na árvore caminhei bastante em roda para sentir bem o pé. É outra sensação muito boa e que eu nunca mais tinha experimentado de andar assim, eu até tenho medo agora de pisar e sentir algo no pé. Eu fiquei com este medo, coisa que quando eu era menor não tinha, a gente vai perdendo ao longo do tempo este contato, as percepções com corpo de outras maneiras, sempre com calçado, sempre com roupa. Foi bem bom sentir.” – Coração



Figura 9 – Registro fotográfico de nosso 2º encontro, dia 03/12/12 na UFSM

“Na hora de abraçar a árvore, eu também fiquei um pouco com medo de pisar. Eu pisava e podia ter formiga, sei lá, mas dava pra sentir as folhinhas assim, o pé e tal. [...] Eu achei que eu não me soltei tanto para fazer o contato com a árvore, mas não sei também, é que às vezes passava gente, influencia...” – Sapatilha

“Eu não tirei a meia de medo de bicho, de picada, eu vi que tinha umas formigas ali, daí eu disse: não vou tirar a meia porque podem me picar, mas mesmo assim eu senti, coloquei o pé na árvore para sentir a textura e tudo. Acho que foi gostoso, senti uma energia legal, eu gostei de abraçar, me senti à vontade com a árvore.” – Tênis

Quando se propõe uma experiência corporal que foge da lógica habitual e que exige outra postura, são geradas novas aprendizagens, pois o corpo busca o equilíbrio pelo bem-estar, por isso “se você puder descobrir um caminho para

reconduzi-lo ao equilíbrio, o corpo, que tem naturalmente uma afinidade pelo bem-estar, pelo prazer, seguirá por essa via docilmente. [...] Toda situação de bem-estar, de alívio, tende a ser repetida pelo corpo, através de sua memória.” (Vianna e Castilho, 2002, p. 27).

Durante o período das vivências, houve um cuidado e uma atenção especial, tanto por parte da pesquisadora quanto das colaboradoras, em perceber as necessidades corporais de cada uma. Estávamos atentas aos indícios corporais, então respeitamos o tempo e o espaço de cada uma, bem como os limites e receios. Creio que todo o processo de vivências e experiências serviu, além de ampliar as possibilidades criativas do corpo como um significativo caminho de autoconhecimento.

A busca pelo conhecimento de si, a descoberta de seus medos, de seus limites, de suas vontades e necessidades vêm por meio da experimentação. Para isso, Josso (2012, p. 21) afirma

Essa exploração permite constatar o estado das coisas relativo aos recursos para desenvolver e/ou para adquirir na caminhada a seguir para descobrir as potencialidades de um alargamento da consciência integrando todas as dimensões de nosso ser-no-mundo.

Essa experiência faz tornar consciente em nosso corpo/mente as possibilidades, as quais são maiores quando trabalhadas em grupo. Para desenvolver autoconhecimento, consciência corporal e percepção de sentidos, o grupo dividiu-se em duplas, enquanto uma colega era vendada a outra a conduzia pelo espaço, procurando explorar diferentes percursos, diferentes velocidades e outras possibilidades que os espaços proporcionavam.

“Eu fiquei com medo, mas depois me senti mais segura e fui aproveitando e percebi como a gente percebe as coisas nos outros sentidos, as vozes ficam muito mais altas e engraçado quando tu mudava de ambiente, sentia calor, quando a gente passava nos corredores eu acho, eu sentia um calor, aí quando entrava numa sala tu sentia um arzinho, um ambiente mais fresco assim, e tocando também, tentava imaginar onde é que eu tava, me perdi totalmente, eu achei que tava em outro lugar. Mas isso eu achei muito engraçado, das vozes, o cheiro também, eu sentia o cheiro do perfume das pessoas, ou dos lugares, a sensação na pele da temperatura e tocando também nas coisas que a Mari escolheu pra eu tocar, na

velocidade, engraçado que quando a Mari me pôs a correr eu sentia o vento de maneira diferente. Eu acho que a gente usa muito mais a visão e esquece os outros sentidos, eles não são tão aguçados, e assim a gente deixa eles muito mais sensíveis. Muito bom isso” - Tênis



Figura 10 – Registro fotográfico de nosso 2º encontro, dia 03/12/12 na UFSM

“[...] me desestabiliza eu não estar com o controle de ver e de ouvir e também mais ainda de ouvir, então me desestabiliza toda, eu fico parece que alguma coisa vai bater em mim. Aí quando a gente passou ali, alguém bem pertinho já ia pegar em mim, mas eu senti que mudava o ambiente, senti essas coisas, só que mesmo assim me desestabiliza ou é uma coisa que tem que fazer mais vezes, porque mesmo assim eu sinto, sinto o olfato também, sinto a troca de ambiente, mas acho que o medo é maior e não me deixa prestar a atenção nas coisas.” – Coração

“Eu me desestabilizo total. Eu tentava pensar nisto, o objetivo disto eu não sei, mas de tu confiar no outro. [...] Ela não vai me deixar bater em nada. É uma questão de confiança no outro.” – Fone de Ouvido

Esse trabalho em grupo abre caminhos para o cuidado com o outro, você conduzirá a colega, mas logo em seguida será conduzida, essa troca e esse cuidado fazem despertar uma confiança mútua de que você vai cuidar e será cuidado.

Essa característica, presente nos jogos utilizados durante as vivências, estendeu-se em todos os encontros, agregando e enfatizando qualidades como a criatividade, fluidez nos movimentos, consciência do seu corpo no espaço e do seu corpo junto com o corpo da colega no espaço. Vianna e Castilho (2002, p. 31) trazem uma importante reflexão acerca do corpo no espaço

O relacionamento com o espaço inclui, primeiramente, o relacionamento entre os espaços internos de cada um, os microespaços das articulações, entre os ossos, entre as partes do corpo. Sua compreensão pode gerar tanto a atenção cuidadosa consigo mesmo quanto uma boa aula de anatomia. Sem dizer que facilita a concentração, a escuta interna.

Para isso, foi trabalhado em nosso terceiro encontro um jogo chamado “Contato e Improvisação” em que o grupo dividiu-se em duplas, em cada dupla uma colega compõe uma imagem corporal/pose enquanto a outra, mantendo o contato corporal, compõe outra imagem e assim sucessivamente.

Essa atividade desenvolveu o fluxo do movimento, a criatividade e, principalmente, a cumplicidade durante o jogo, pois cada uma das colegas estava atenta à movimentação uma da outra, construindo uma atuação corporal viva e autêntica.

“[...] Achei interessante ter que tá em contato com o outro, fazer um movimento a partir do outro, eu achei um exercício interessante e achei que funcionou bem assim... eu acho que a gente é um pouco assim, expressa um pouco da nossa relação com a vida mesmo, porque a gente, a vida é assim a partir do outro, da interação com o outro, eu acho que expressa um pouco da nossa vida, que a gente precisa tá mantendo este contato e acho que é isso que nos constitui sabe, a gente não vive sem esse conceito de interação com o outro e muitas vezes tu vai

ter que se moldar realmente ao outro, tu vai ter que se encaixar ali pra poder... eu me senti bem, gostei.” – Fone de Ouvido

Refletindo sobre a formação a partir de um autoconhecimento, Josso (2012, p. 23) traz uma importante contribuição afirmando que “este autoconhecimento poderá inaugurar a emergência de um eu mais consciente e perspicaz para orientar o futuro da sua realização e reexaminar, na sua caminhada, os pressupostos das suas opções”. Corroborando com esse pensamento e aprofundando esse entrelaçamento de que para haver formação é necessário percorrer o caminho do conhecer a si mesmo, (NÓVOA, 2010, p. 25) afirma

O formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (*autoformação*); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (*heteroformação*); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (*ecoformação*).

Na perspectiva do trabalho corporal, esse autoconhecimento pode ser estimulado pela presença e pela provocação do corpo do outro, e como coloca Josso (2010, p. 26) “a reciprocidade está na presença do outro: presença daquele que é tocado diante do que toca e presença do que toca diante daquele que é tocado. [...] Danis Bois chama de subjetividade corporal, via de acesso ao corpo falante”. Podemos verificar isso na fala a seguir.

“Eu senti que quando o outro te desafia, porque eu to numa posição, que daí o outro faz outra diferente que me desafia a mudar a minha totalmente, e que se eu fizesse sozinha eu não ia mudar tanto, mas daí como o outro me deixa numa posição que eu tenho que mudar depende como o outro tava eu tinha que mudar totalmente, sozinha eu não, talvez não conseguiria, não ia fazer de começo no caso, depois com o tempo de repente, mas assim agora...” - Coração

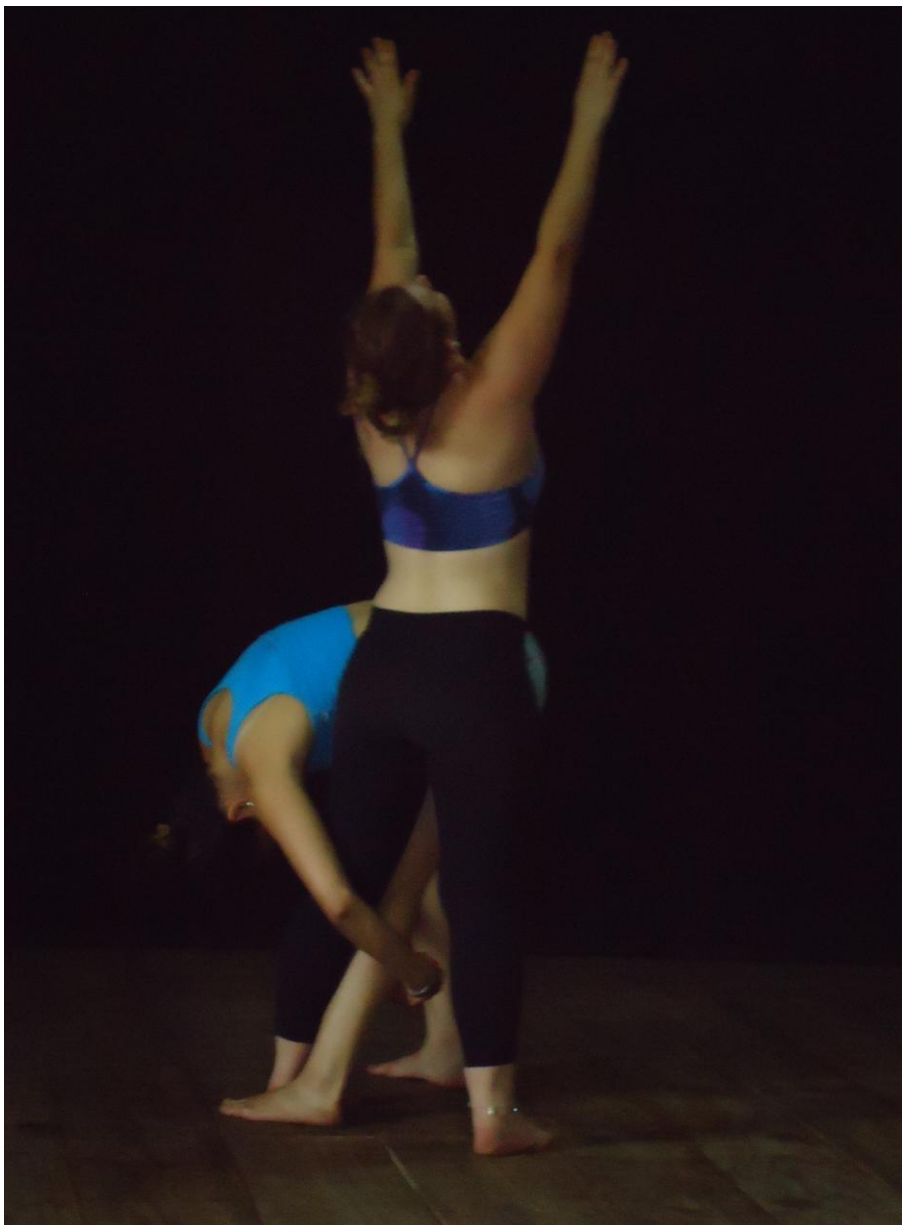


Figura 11 – Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitório Fachin (TUI)

“É eu acho que foi bem como a Nice falou, é um movimento fluído que ao mesmo tempo que a Nice fez, eu ia e fazia e aí saía e não tinha muito pensar e isso aí deve ser bonito de ver também, as formas que vão surgindo e depois a gente se encontrou com as gurias e aí foi fazendo assim, eu acho que tem que ter ligação com o outro sabe e o que o outro vai provocar de movimento, que daí vai fazer um outro movimento.” – Tênis

Na medida em que foi se estabelecendo a situação de jogo nas duplas, houve, de forma natural, uma necessidade de interagir entre as duplas, o grupo juntou-se e manteve o mesmo objetivo proposto. Com o grupo maior, as possibilidades do jogo “contato e improvisação” se ampliaram, bem como a escuta interna e externa de cada uma delas, pois a atenção estava voltada tanto para o seu próprio corpo quanto para o corpo das colegas, gerando prazer e bem-estar.



Figura 12 – Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitório Fachin (TUI)

No final desse jogo e durante a roda de conversa após a vivência, as colaboradoras deixaram registrado o quão significativo foi a experiência do “contato e improvisação”. Atenta a isso, propus, em nosso quarto encontro, que repetíssemos o jogo e que elas se desafiassem a tornar a vivência mais intensa, voltando o olhar para si e para a outra tornando tudo aqui e agora.

Essa escuta mais apurada gera uma maior consciência do corpo e uma descoberta de si e do outro. Para isso, Josso (2012, p. 25) traz uma importante contribuição afirmando que

A passagem do EU tem um corpo para a descoberta do EU é um corpo ou EU-corpo é uma mudança de paradigma que se efetiva no decorrer de uma busca de atenção consciente que leva a encontrar sobre seu caminho de vida técnicas de cuidado de si e de meditações que transformam pouco a pouco nossas representações e ideias iniciais sobre nós mesmos e, através disso, nossa relação com nós mesmos.

Para que haja mudança de paradigma, ainda mais quando esse paradigma é corporal, é necessário, além de uma modificação profunda no modo de vida, um alargamento da consciência e um treinamento do corpo, para ampliar o repertório corporal.



Figura 13 – Registro fotográfico de nosso 4º encontro, 17/12/12 Espaço Vitório Fachin (TUI)

O reflexo da vivência do jogo, repetido em dois momentos diferentes, pode ser constatado no diálogo a seguir, retirado da roda de conversa do quarto e último encontro.

“Fone de Ouvido – Contato e improvisação, eu achei que quando mudou, que tu falou agora com fluidez, eu achei que a gente fluiu melhor, bem melhor, eu senti a tal da fluidez sabe.

Tênis – Eu também senti.

Fone de Ouvido – Porque daí ela fazia o movimento, meio que o movimento era sequência do outro não tinha muita pausa.

Tênis – Parecia uma pessoa só.

Fone de Ouvido – É e daí eu senti a fluidez, hoje eu senti, eu não tinha sentido antes.

Tênis – É pela quantidade de encontros.

Caleidoscópio – A prática faz isso...”

A repetição, a prática, o treinamento além de mobilizar o corpo geram possibilidades criativas, abrindo caminhos para a consciência corporal, estimulando uma escuta interna que prioriza o processo individual na busca pelo autoconhecimento e pela construção da autoimagem.

A dimensão sensível do corpo está sempre presente, mesmo que de forma inconsciente, pois está no tônus da pele, no gesto, no sorriso, no olhar. A memória do corpo não fala somente do que já passou, mas fala também do que está acontecendo agora, pois o corpo é uma estrutura dinâmica, viva, ativa, em constante transformação. Para isso, Zanella (2013, p. 44) afirma que

Essa memória constituiu-se na relação do ser humano (corpo) com o meio em que está inserido, perpassada por diferentes dimensões, que dilatam a relação do ser humano com/no mundo a partir da ideia de que para estar vivo em diferentes níveis é necessária uma vinculação e relação consigo mesmo e os cosmos. São essas interações que ficam na memória do corpo, registradas no reservatório de cada pessoa, podendo ser resgatadas em algum momento, através de uma escuta do que emerge de si.

Cada experiência vivida é armazenada no corpo em forma de memória, tanto afetiva, cognitiva ou gestual. Entretanto, o corpo é uma composição criativa que se

transforma a todo o momento, nas mais variadas situações do cotidiano. Esse potencial do corpo em criar é definido por Vianna e Castilho (2002, p. 26).

[...] O corpo cria. Cria a si mesmo, quando refaz suas estruturas, quando se modifica, quando metaboliza alimentos. Cria as relações à sua volta, quando ocupa um lugar no espaço, se “achata” ou se expande, quando se expressa de forma verbal e não verbal. Cria tensões e desejos, de alcançar algo, tocar em alguém, se retrain, agredir, fugir, acarinhar. Cria situações expressivas, quando dança, canta, representa, gesticula, imita, mimetiza. E cria fatos. Gera conhecimento. Gera emoções. Cria doenças. Cria saúde.

Pensando nas possibilidades criativas do corpo a partir da comunicação não verbal, propus em nosso terceiro encontro que cada uma das colaboradoras representasse uma “brincadeira de infância” que gostasse muito quando pequena. O desafio era lembrar e transferir a memória para o corpo, experimentando novamente a brincadeira de criança, deixando emergir destas “recordações-referências” sensações e sentimentos.

Trago aqui o entendimento do termo “recordações-referências”, esclarecido por Josso (2010, p. 37), o qual afirma que “são símbolos do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação”, pois significam o que foi aprendido, refletido, bem como são formas diferentes das colaboradoras falarem de si, de suas identidades e de suas subjetividades. Ainda, a recordação-referência “significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores” (JOSSO, 2010, p. 37).



Figura 14 – Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitório Fachin (TUI) – Sapatilha representando sua brincadeira de infância.

“[...] tem que criar, tem que imaginar, tu tem que sentir, tu tem que pensar, sei lá se colocar que nem esta questão da infância, lembrar e ir para um outro lugar e tentar reproduzir alguma coisa que faça simulação com aquilo, construir o movimento e acho que é isso, acho que foi o corpo movimentado de outra, de diferentes formas, são outras formas que neste espaço a gente movimenta, que em casa, que na escola, que na universidade, que na academia... é diferente.” – Sapatilha



Figura 15 – Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitório Fachin (TUI) – Tênis representando sua brincadeira de infância.

“[...] esse exercício da infância, é tu lembrar o exercício e sentir no corpo, daí aquela ideia de pensar e sentir no corpo, tá junto, daí eu brincando ali eu lembrei daquela sensação no corpo de tá escondida e aquela adrenalina que dá, eu acho que é isso então, a gente é emoção ligado com movimento, ligado com lembrança, música... tu tá te exercitando e suando e fazendo exercício, mas ao mesmo tempo tu tá sentindo, lembrando... é um conjunto.” – Tênis



Figura 16 – Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitório Fachin (TUI) – Coração representando sua brincadeira de infância.

“[...] Com a brincadeira foi bem doido, eu adorava brincar quando eu era pequena, e tinha vontade de repetir ela de novo, nunca mais tinha feito e eu sempre lembrava, daí agora eu achei uma sensação estranha de girar, porque gira muito, dá um mal-estar na cabeça, mas ao mesmo tempo é bom a hora que tu cai no chão, é muito divertido é divertidíssimo cair no chão e olhar tudo girando é muito divertido.” - Coração



Figura 17 – Registro fotográfico de nosso 3º encontro, 07/12/12 Espaço Vitório Fachin (TUI) – Fone de Ouvido representando sua brincadeira de infância.

“Foi interessante recordar as brincadeiras de infância e escolher uma pra representar, quando somos crianças, geralmente, o movimento é algo muito presente em nosso cotidiano, faz parte do ser criança. Pular elástico foi minha escolha, marcou essa fase.” – Fone de Ouvido

É possível constatar que as recordações-referências da brincadeira de criança foram experiências formadoras para as colaboradoras, “porque o que foi aprendido serve, daí para a frente, quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida” (JOSSO, 2010, p. 37).

Pensando de que maneira deu-se a reexperimentação da brincadeira de criança e a experiência formadora é possível analisar nos relatos das colaboradoras a diferença de percepção sobre o brincar daquela época com o brincar agora, logicamente, uma vez que existe uma longa construção histórica entre um fato e o outro. O processo da reflexão biográfica, das marcas engendradas no corpo e o processo formativo no percurso biográfico

[...] permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um. (JOSSO, 2012, p. 21)

Desse modo, as colaboradoras desafiaram-se ao conhecimento de si, fazendo um panorama de seu itinerário de vida, articulando assim, “de forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário [...]” (Josso, 2012, p. 22). Esse processo tem início com a tomada de consciência de quem somos, como pensamos, de que forma agimos e na relação consigo mesmo, com os outros e com o meio em que vive.

Dentro dessa tomada de consciência do percurso de vida, está também a tomada de consciência do percurso formativo do professor, ou seja, de que forma ele vem ensinando, aprendendo e construindo conhecimento. Para isso, é preciso um trabalho sobre si mesmo. Gilles Ferry (2004, p. 55) traz uma relevante consideração sobre a formação

Pensar, ter uma reflexão sobre o que foi feito, buscar outras maneiras de fazer, isso, quero dizer é trabalho sobre si mesmo. Mas, não se faz ambos ao mesmo tempo. Por isso, é falso pensar em formar-se fazendo. A experiência de um trabalho profissional não pode ser formadora para aquele que a realiza, a menos que se encontre um meio para rever o que foi feito, através de um balanço reflexivo. A reflexão é tanto refletir quanto tentar compreender, assim, neste momento há formação.

Assim, é falso pensar que o professor pode mobilizar um grupo e formar-se ao mesmo tempo. Ele necessita de outro tempo e de outro espaço para que haja formação. É preciso sair da forma habitual de comportamento e de ação para encontrar outras linhas de ser e agir, novas intensidades, vivazes, ardentes, para se ver além do cognitivo, refletir sobre a existência humana e percebê-la por uma via

sensível, onírica, energética e imaginária. Esses temas são, por muitas vezes, difíceis de serem compreendidos, entretanto, “estaremos também, e isso não é gratuito, participando de um novo entendimento do necessário para a vida humana. Aquilo que é da alçada dos sonhos e dos desejos, muitas vezes relegado ao segundo plano (...)” (KUREK, 2009, p. 38).

Com intuito de trazer para o primeiro plano a experiência e o percurso formativo desenvolvido no corpo através das vivências, bem como a busca de um corpo mais consciente é que se propôs, em nosso quarto e último encontro, que cada colaboradora fizesse uma representação sua e de uma colega por meio de recortes e colagens. Assim para ver-se por meio de um objeto e de um poema, ver-se por meio de uma representação no papel é sair de um pensamento periférico e superficial e adentrar em outra linguagem para representar-se corpo.



Figura 18 – Registro fotográfico de nosso 4º encontro, 17/12/12 Espaço Vitório Fachin (TUI) – Colaboradoras representando-se por meio de recortes e colagens.

3.2 Dois olhares: eu corpo, o outro corpo

Estávamos no quarto e último encontro, minhas colaboradoras já haviam experimentado, jogado e incorporado as vivências. Propus então que tentassem, com uso de colagens, desenhos, pinturas e muita criatividade, representar-se corporalmente e logo em seguida que representassem sua colega ao lado por meio dessa mesma linguagem, buscando fazer um paralelo com sua formação docente.

Como seria representar-me no papel? O que vou colar e desenhar? Como representar minha colega corporalmente? Como representar esses corpos sem ser literal? Existe uma ligação entre meu corpo e minha formação? Essas questões foram imediatas no momento em que propus a atividade e tais questões surgiram pela dificuldade de se ver por meio de outra linguagem, a do desenho e do recorte.

A intenção era justamente desafiá-las a perceber-se corpo nas mais variadas formas, entretanto é necessário apurar o olhar sobre essa proposta, pois diante das imensas possibilidades que o corpo apresenta, seria superficial pensarmos que todo o corpo e suas potencialidades estão representadas nesses trabalhos, ainda mais quando envolve a formação docente como mote para a execução da tarefa.

Diante deste complexo entrelaçamento que é o corpo, a formação de professores e autoimagem, Dominicé afirma que

A formação depende do que cada um faz do que os outros quiseram, ou não quiseram, fazer dele. Numa palavra a formação corresponde a um processo global de autonomização, no decurso do qual a forma que damos à nossa vida se assemelha – se é preciso utilizar um conceito – ao que alguns chamam a identidade (DOMINICÉ, 2010, p. 95).

Seguindo esse pensamento, quando ingressei no curso de Pedagogia e nos estudos sobre Educação, alguns conceitos eram frequentes, eram como norteadores para uma carreira docente. Um desses era, justamente, formação, e logo fiz paralelo com minha experiência no teatro. Vi a formação como um processo criativo de um espetáculo, um processo de descoberta, de criação, de autoconhecimento, de constituição. Esse processo é constantemente exercitado no GEPEIS, tanto para nós, integrantes, quanto para quem nos implicamos como nos trabalhos com professores da rede escolar. Pensamos a vida como obra de arte para ser conhecida e inventada.

Com o tempo percebi que, de fato, a formação convergia para esse pensamento. Por isso, era (é) tão complexa essa tarefa. Parar para refletir sobre como se está educando, como se está formando e autoformando, de que modo se constrói conhecimento e se constrói alguém como professor são questões que exigem certo desprendimento e implicação. Requerem sair da “zona de conforto”, dos momentos vividos na “periferia” ou superficialidade da vida. Exigem empenho em caminhos inabituais, investimento de tempo no processo de autoconhecimento. Para eu compreender o outro, preciso primeiro compreender a mim mesmo; para cuidar do outro, preciso, antes de tudo, cuidar de mim.

Dessa maneira trago os estudos do filósofo Michel Foucault, o qual define que “*epimeleia heautou* (cuidado de si)” era um conceito de primeira importância. Para Foucault, o cuidado de si “é uma condição pedagógica, ética e ontológica para ser um “bom (responsável) ‘governador’”, e impede que a pessoa envolvida abuse de seu poder” (PETERS e BESLEY, 2008, p. 58).

Essa questão faz suscitar a importância da reflexão de ter “conhecimento de si mesmo”, olhar para si mesmo, até mesmo avaliar sobre as práticas que são utilizadas por mim mesmo enquanto professor. Kurek e Oliveira (2002, p. 32) afirmam que “a reflexão realizada pelos professores sobre si mesmos implicaria em uma certa aprendizagem que resultaria em uma possível modificação de suas condutas”.

O pensamento de olhar e compreender a si mesmo é um desafio para qualquer ser humano, penso que, para o professor, essa tarefa torna-se mais complexa, entretanto extremamente necessária. O professor é mediador do desenvolvimento, do conhecimento, o elo de acesso às descobertas, por isso, é necessário um maior desprendimento e empenho com o cuidado de si do mesmo, mas o que constatamos é fragilidade na formação global desse profissional. Para isso Josso (2010, p. 190) afirma que

É lamentável que os programas escolares de base superiores atribuam tão pouco espaço, às vezes nenhum, a essas aprendizagens do cuidado de si. Porque, como se pode pretender cuidar dos outros em qualquer contexto que seja (familiar, social, profissional) se não se fez por si mesmo o caminho de cuidar de si que permite informar, orientar, guiar nas escolhas para enfrentar os desafios da vida? É lamentável que a concepção dominante da saúde continue a recortar nosso se-no-mundo em pedaços: o físico, o corporal, de um lado e o espiritual de outro e que, em consequência na concepção médica dominante no Ocidente, o corpo seja recortado em especialidades e tratado por fragmentos.

Diante dessa pertinente reflexão, creio que o espaço criado durante as vivências desta pesquisa foi voltado para a formação e para atentar no cuidado de si. Creio que foram gerados espaço e possibilidades para que esse processo de conhecimento de si mesmo se tornasse mais contundente e fortificado. Para isso, cada colaboradora produziu seu autorretrato corporal, fazendo emergir reflexões muito significativas como podemos constatar nas falas a seguir.



Figura 19 – Representação de Tênis

Tênis – Eu comecei com cores e movimentos, eu acho que eu to muito ligada a movimento e não consigo ficar muito parada e cores no movimento, aí eu peguei imagens que representam também pessoas em movimento, uma mulher que tem momentos que eu to mais... outros momentos eu to mais moleca eu botei uma criança caminhando, pessoas dançando, se movimentando. Acho que minha vida é isso, energia e movimento e acho que meu corpo representa mais ou menos isso. Cores e... fortes, cores fortes, não sou muito do fraquinho, sou muito intensa...

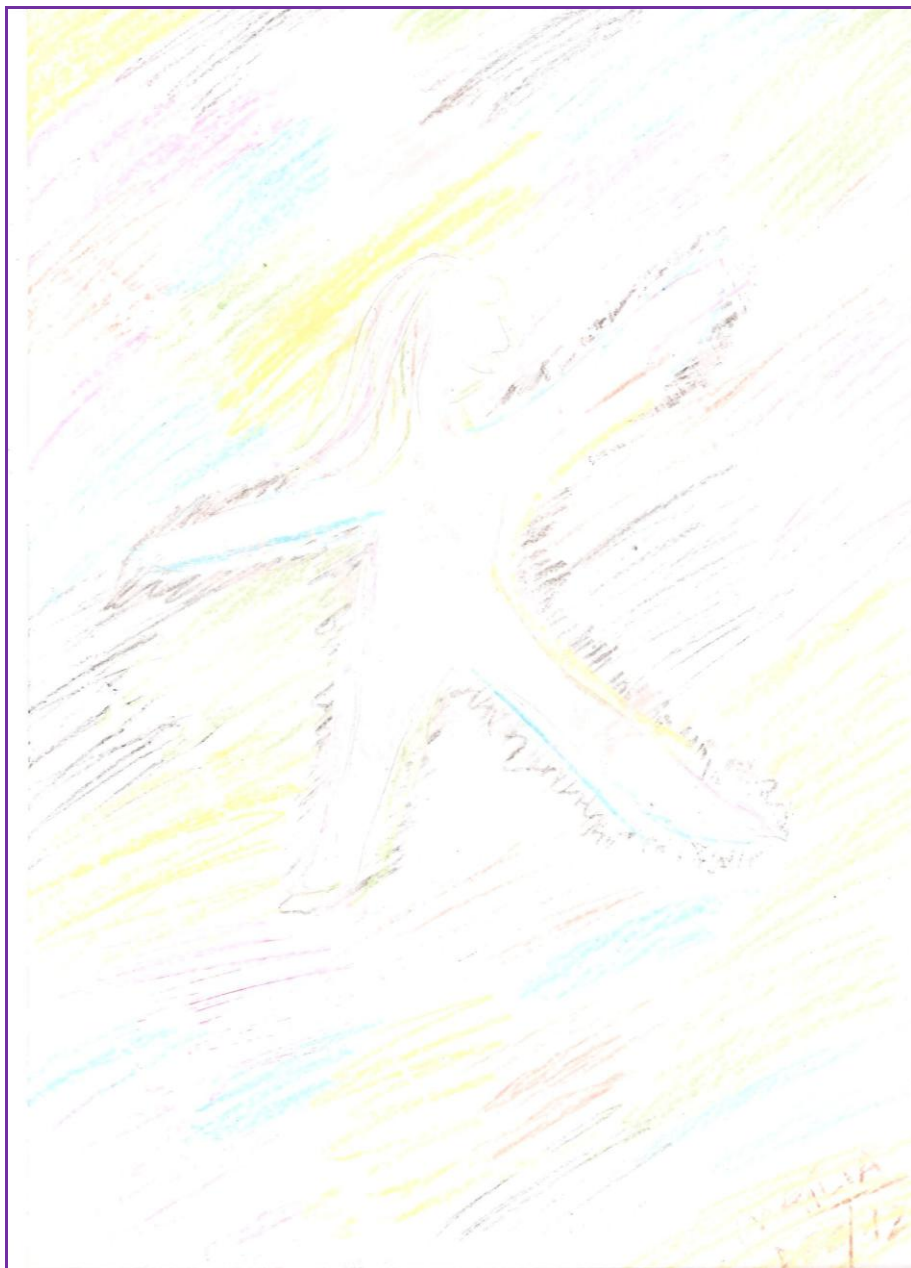


Figura 20 – Representação de Sapatilha

Sapatilha – O nome desta obra linda é “Marília em movimento”, eu tentei mostrar que não é parada e o colorido eu acho que é isso, acho que é a alegria, é animação, é... não sei, acho que o prazer do movimento, tá não sei mais o que explicar, mas era... eu pensei quando tu falou em movimento... deu.

É possível verificar na fala das colaboradoras o modo como se representam e como construíram suas autoimagens. Nesse sentido, Delory-Momberger (2008, p.

59) diz que “as experiências e as significações da vida nunca atuam na relação única consigo mesmo; elas devem seu conteúdo e extraem sua validade das relações interindividuais que o sujeito encontra em suas primeiras redes de pertencimento (...)”.

Desse modo, para que o docente possa contribuir na formação de seus alunos precisa encontrar um meio de formar a si. Por isso, nesta pesquisa trato com a formação pela abordagem biográfica, que assim, Antônio Nóvoa (2010, p. 168) refere-se:

Reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida: a implicação do sujeito no seu próprio processo e formação torna-se assim inevitável. Desse modo, a abordagem biográfica deve ser entendida como uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito tornar-se ator do seu processo de formação, por meio da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida.

Na perspectiva da pesquisa biográfica, o professor pode retomar o percurso de sua vida, avaliando suas trajetórias e dando novos sentidos e significados para si. Esse processo reflexivo sobre a sua história de vida culmina com uma capacidade de mudança pessoal e profissional. Por isso, Delory-Momberger (2008, p.99) diz que “a capacidade de mudança postulada nos procedimentos de formação pelas ‘histórias de vida’ repousa sobre o reconhecimento da vida como experiência formadora e da formação como estrutura da existência”.

Pensando nisso, por se tratarem de sentidos e significados subjetivos, as reflexões sobre história de vida abrem espaço à construção de novos saberes numa lógica não formal dentro dos processos formativos.

Não se aprende apenas em lugares especializados de ensino e formação (dos quais a escola é o protótipo), nem se aprende apenas segundo formas estruturadas e nem mesmo sempre de modo intencional. A “vida” oferece uma multiplicidade de momentos, espaços, situações e inter-relações, dos quais resultam efeitos de formação e “aprendizagens” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 108).

Esse processo de formação na educação reconhece a importância dos valores construídos ao longo da vida, possibilitando ao professor fazer um balanço de sua trajetória sendo ele mesmo o protagonista de sua história. Por isso, relatar uma “fatia” da vida é trazer para o presente os sentidos das experiências vividas no passado. Delory-Momberger (2008, p. 97) afirma que “O que dá forma ao vivido e à

experiência dos homens são as suas narrativas, como lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual elabora e experimenta a história de sua vida”.



Figura 21 – Representação de Coração

Coração – Então, eu coleí uma imagem sem forma definida e eu escolhi, não sei se dá pra ver, mas no fundo é o mar, mas é que este movimento do mar que eu escolhi na imagem, é o movimento, e essa cor azul que eu coloquei ao redor aqui também

quer dizer o movimento, mas não é o movimento da Marília, não é o movimento do meu corpo, muito pelo contrário eu acho que o meu corpo é bem parado, mas é que o movimento que eu digo é o da mudança e daí ao mesmo tempo eu não consigo me desligar da ideia da figura do objeto que eu escolhi, por isso, que eu coloquei também a figura do coração aqui, e daí ao mesmo tempo quando eu tava fazendo eu ficava pensando... o meu corpo muda constantemente, ou seja, ele não tem uma forma definida, hoje ele é de um jeito, amanhã ele é de outro, ontem ele era de outro e fazendo essas atividades e escrevendo no caderninho, lembrando das brincadeiras de criança, e assim fui pensando, o meu corpo era de uma maneira antes, depois mudou de novo, daí eu engravidei e ele mudou... e daí um tempo eu penso nele, outro tempo eu não penso, mas o corpo tá aqui. Então, essas mudanças tão sempre presentes e por isso, que eu fiz assim, esse azul e essas cores sem forma é a mudança... o movimento relacionado com a mudança, então ao mesmo tempo tem forma e não tem, porque o coração tem forma e a outra figura não, e ao mesmo tempo também tem, ela tem o formato, então uma coisa não exclui a outra.

A partir da fala de Coração é possível verificar qual significação ela tem de seu corpo. O acesso a estas significações é o imaginário, que para Castoriadis (1982) se apresenta como capacidade criadora, inventiva, de um fazer-ser, de posição no social-histórico. De forma aproximativa, Losada (2006, p. 25) diz:

Considerar o imaginário assim implica outra matriz ontológica, outra maneira de pensar o ser, não como algo determinado, pronto, dado de uma vez por todas. Implica pensar o ser como fluxo, como rio, como magma⁶, em constante transformação.

A elaboração do autorretrato fez a colaboradora ver-se noutra perspectiva, através de um novo pensar a partir do imaginário, o que constrói outra compreensão do humano. Assim, para pensar-se noutra perspectiva é preciso compreender suas redes imaginárias. Para isso, Castoriadis afirma

A maneira pela qual, de cada vez, tudo faz sentido, e o sentido que faz, provém de núcleo de significações imaginárias da sociedade considerada. Mas essa cobertura nunca é segura: o que lhe escapa, às vezes quase indiferente, pode ser e é de uma gravidade decisiva. O que lhe escapa, é o

⁶ CASTORIADIS (1982, p. 388) traz o conceito de magma, afirmando que “Um magma é aquilo de onde se podem extrair (ou: em que se podem construir) organizações conjuntistas em número indefinido, mas que não pode jamais ser reconstruído (idealmente) por composição conjuntista (finita ou infinita) destas organizações”.

enigma do mundo simplesmente, que está por trás do mundo comum social, como por-vir-a-ser, isto é, provisão inesgotável de alteridade, e como desafio irreduzível a toda significação estabelecida. O que também lhe escapa é o próprio ser da sociedade enquanto sociedade instituinte, ou seja, finalmente enquanto fonte e origem de alteridade, ou autoalteração perpétua (CASTORIADIS, p. 415, 1982).

As significações e as redes imaginárias estão presentes tanto em nossa constituição social, quanto em nossa constituição pessoal, sendo ilustradas na criação do autorretrato a seguir.



Figura 22 – Representação de Fone de Ouvido

Fone de Ouvido – O meu eu peguei umas imagens, primeiro eu fui colocando vários olhares assim, que eu fui pensando que o corpo, que a gente se expressa pelos olhares, vários olhares, lembrei do cheiro também que pode suscitar algumas coisas em nós, algumas bocas uma séria e uma sorrindo, que também a gente se expressa assim, peguei uma mão com umas pulseiras e outra com um leque que lembra movimento também, um pouco com dança alguma coisa relacionada assim quando

eu pensei nesse leque, peguei uns pés, uns pés de sapatilha e outro de salto, que daí lembra assim, várias nuances, vários momentos... um pé na areia representando mais ou menos o descanso, uma expressão de mãos mexendo que também a gente se expressa com as mãos muito e um violão representa a música, botei umas notas musicais também pra representar a música e um fone, que tinha a ver com meu objeto que eu tinha escolhido... é isso. Ah! E a bola de futebol, a bola de futebol.

Experimentar novamente momentos da vida, relembrar momentos marcantes, reescrever sua história, refletir sobre os acontecimentos passados, isso tudo passa pela narrativa, mas, sobretudo, pelo corpo. E é por esta via concreta e cheia de significados que atento meu olhar. Se o professor revive sua história quando narra a si, revive duplamente acontecimentos que passam pelo mais sensível de si, que é sua pele. Se ele é ator de sua história, é mais ainda quando coloca o seu corpo em ação, numa escala de tempo que faz tudo virar *aqui e agora*.

Narrar-se pelo viés do corpo é um desafio à formação dos professores, uma vez que grande parte deles se preocupa apenas com o trabalho cognitivo instrumental, despercebendo-se das significações que o corpo traz impresso em marcas, memórias e saberes. Nesse sentido, Zanella (2013, p. 180) afirma

Ao colocar o corpo em foco, outras percepções emergiram e, então, o elemento biográfico e formador cedeu lugar à possibilidade de entrar em contato com um tipo de conhecimento que emanou de si e conjugou uma história vivida e também uma história herdada. Este movimento pode ter feito disparar valorizações, desejos e também projetos, proporcionando um sentir/viver o corpo.

Se a formação não é vista por esse prisma corporal, adia-se a oportunidade dos acontecimentos, o instante de despertar outros saberes no corpo biográfico. É como nos diz Nóvoa (2010, p. 92) “não é o acontecimento em si que interessa, mas sim a importância que o sujeito lhe atribui na regulação do seu percurso de vida”.

Por isso, a construção do conhecimento – digamos que de forma incessante - necessita de novas entradas, novos planos, perspectivas, novas abordagens estéticas, e boa parte disso não pode prescindir da biografia de um corpo que professa. Essa reflexão torna-se mais minuciosa quando este olhar sensível sobre o corpo volta-se para o outro, para observar, sentir, escutar o corpo do outro. Para isso, podemos conferir na fala das colaboradoras quais características escolhidas para representar a colega corporalmente.

Tênis – Então, pra mim a Nice representa, eu acho diferente de mim neste sentido de movimento corporal, mas o que ela me representa, o que eu vejo nela é segurança, tranquilidade, paz e força, serenidade com força ao mesmo tempo. Aí eu representei com cores claras assim, com mar, o céu... coisas grandes assim, afeto... a Nice é afeto, é tranquilidade, ela me passa isso, paz e segurança e força, aí as cores com força, forte, uma pessoa forte, tem uma história de vida forte... sorriso... isso aí.



Figura 23 – Tênis representando Coração

É possível constatar na fala de outra colaboradora, o modo como percebe e enxerga o corpo de outra colega, ou seja, qual leitura, qual significação imaginária vê no corpo da outra.

Sapatilha – Eu fiz a Marilene, pode olhar assim...

Coração – Como ela desenha bem...

Sapatilha – Muito bem!

Tênis – Tá bonito.

Sapatilha – Ou vocês podem olhar ela assim, vocês não lembram nada assim? Sabe o que...

Tênis – É de tesoura?

Sapatilha – Aquele dia que tu representou, que a Mari deitou, era pra ser deitada...

Caleidoscópio – Eu imaginei deitada.

Sapatilha – Ela pode ser em pé também, porque ela para assim... (risos)

Fone de Ouvido – (Risos) bom saber...

Coração – Viu como ela desenha bem.

Sapatilha – E quando pensou em corpo eu pensei na posição da Mari, que ela fez que me lembrou aquela posição e o jeito dela assim, e ela gosta de música e aquele dia ela tava com o fone e tal, por isso eu desenhei ela assim.

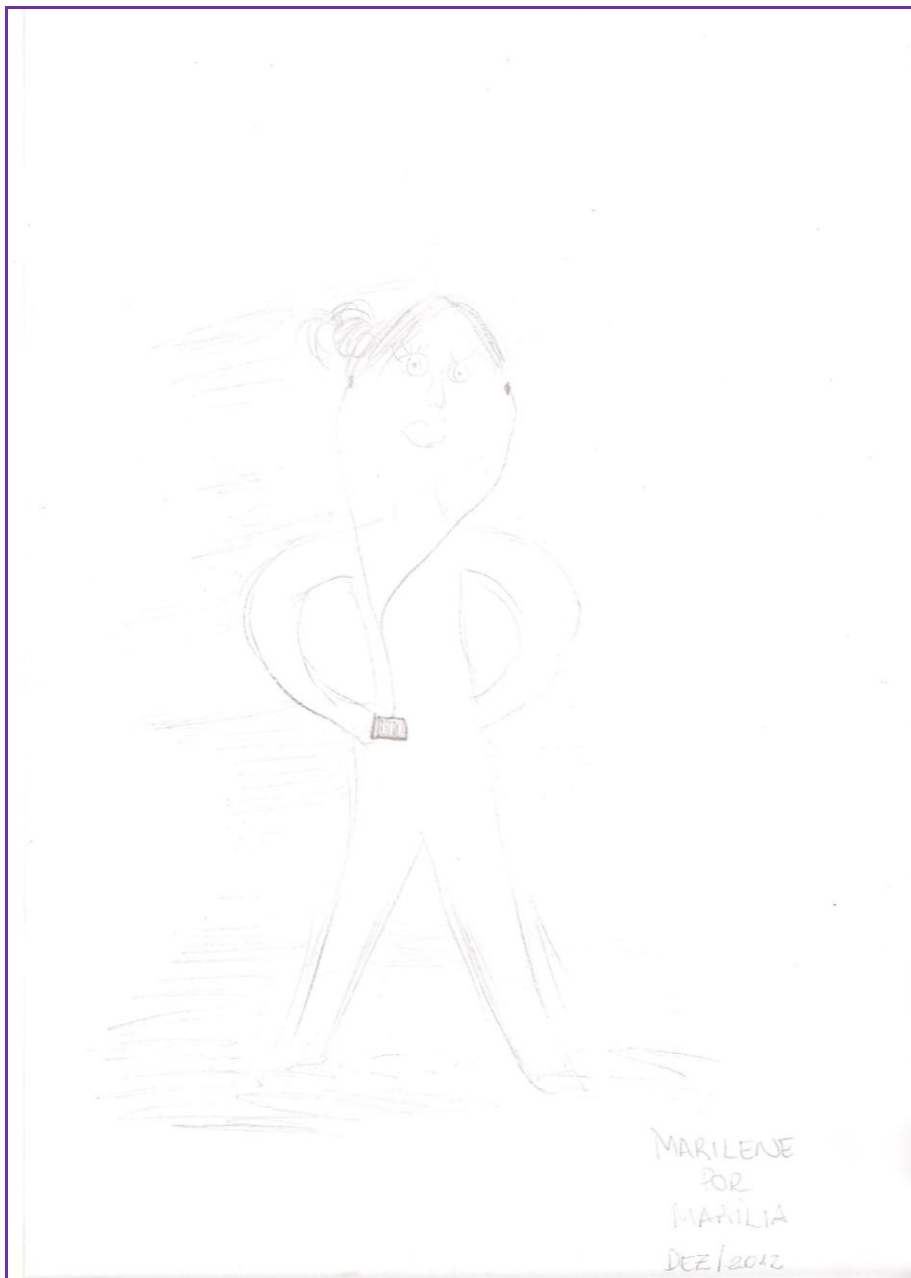


Figura 24 – Sapatilha representando Fone de Ouvido

Coração – A minha ideia foi fazer dois lados... de um lado é a Marília em movimento, ela me disse que ela é movimento e do outro lado eu não vejo movimento na Mari, ao mesmo tempo que ela me diz que ela é movimento interfere no que eu vejo porque ela me diz, e ela tá fazendo dança, tá fazendo aula de dança todos os dias, ao mesmo tempo eu não vejo, vejo a coisa mais, a forma mais parada do corpo... só que ao mesmo tempo tem uns resquícios do meu anterior e isso não é por acaso, porque eu fiz um e depois fiz o outro. Então isso aqui, por isso que tá misturadas as

cores, estão misturadas... a minha ideia era representar o movimento pelo azul e o vermelho mais parado, só que um tem um pouco do outro também, não é só uma coisa nem outra, um pouco do movimento tá aqui neste parado, e um pouco do parado tá no movimento. Não sei se tem mais de um ou mais do outro, e por incrível que pareça eu errei na hora de botar, ao invés de botar Marília por Ionice eu botei Ionice por Marília... de repente tem a ver, eu é que não sei (risos).

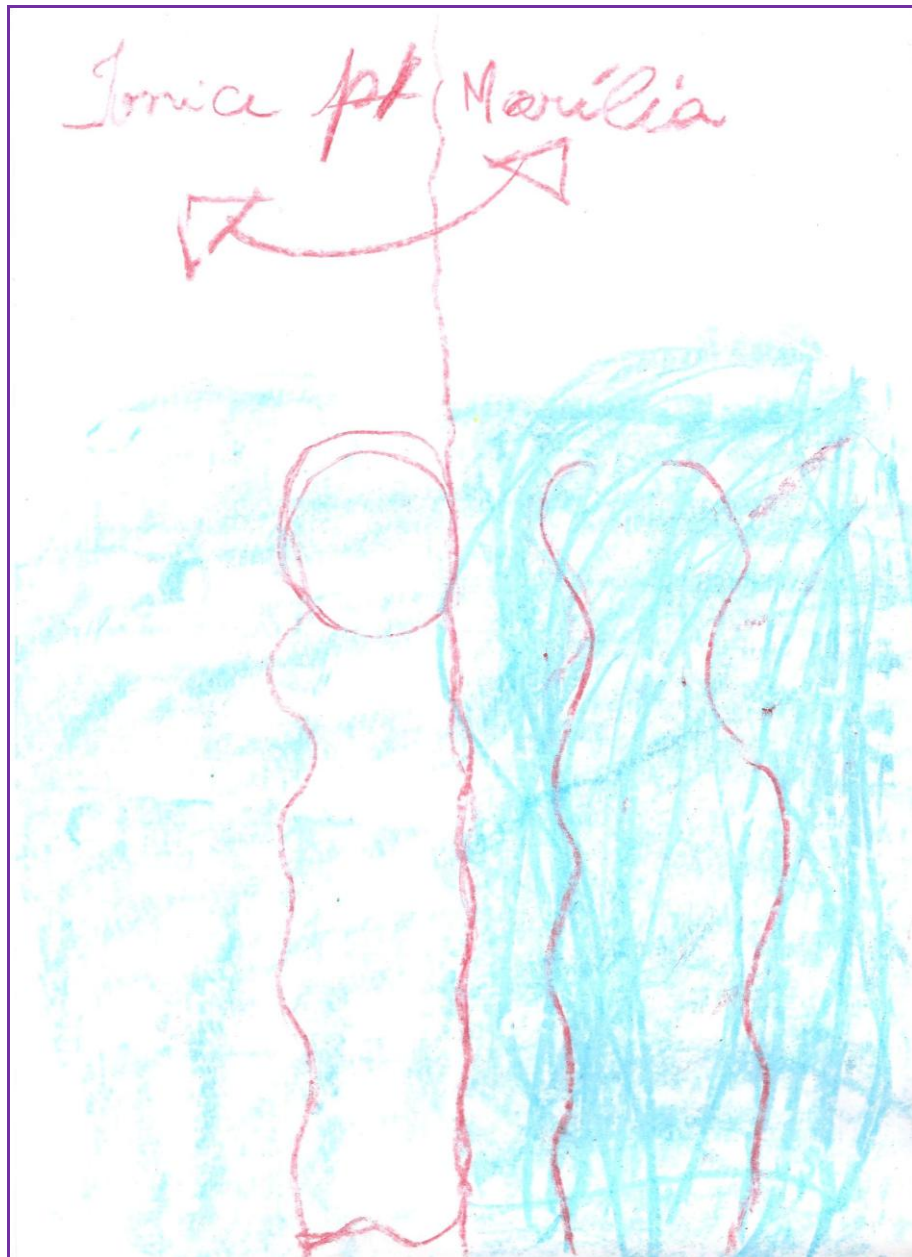


Figura 25 – Coração representando Sapatilha

Fone de Ouvido – Eu representei a Vanessa... Eu escolhi umas imagens, essa aqui do peso dela malhando que ela tá sempre falando que ela malha e aqui é a agenda lotada e com um bilhetezinho “academia” tipo: ai eu preciso achar tempo para ir na academia. Daí o salto alto, que ela adora salto alto quando ela gosta de sair, aqui na elegância e aqui o tenisinho dela pra malhar e pra correria do dia a dia, e esse aqui na falta de um símbolo melhor, pela falta de tempo, eu queria achar alguma coisa que representasse agilidade, movimento, dinamismo assim, que eu acho que ela tem bastante, que ela faz muitas coisas e faz bem feito tudo... então essa energia dela representa essa exclamação. É isso.



Figura 26 – Fone de Ouvido representando Tênis

Essas representações e reflexões acerca do corpo e diante do entrelaçamento dos temas Corpo Biográfico, Formação Docente e Imaginário fazem emergir manifestações de suas expressões. Para Roy Porter (1992, p. 291-326 e 308 apud VELLOSO, 2009, p. 8),

O “corpo” não pode ser tratado pelo historiador simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais. A distribuição da função e da responsabilidade entre o corpo e a mente, o corpo e a alma, difere extremamente segundo o século, a classe, a circunstância e a cultura, e as sociedades com frequência possuem uma pluralidade de significados concorrentes.

Nesse sentido, pesquisar a memória do corpo com foco nas vivências significa explorar estados de valores, crenças, posturas que interferem diretamente nas representações sociais, dado que somos o conjunto de significados do que vivemos, somos o que o corpo absorve. Por essas significações e absorções transformadas em memória, sentimentos e recordações é que podemos pensar sobre nossas ações. São inflexões potencialmente capazes de ressignificar, nos vieses do corpo, os significados da realidade do seu entorno.

Contudo, o corpo apresenta-se como instrumento que viabiliza a construção de conhecimento para o grupo em formação, partindo da experimentação e reflexão da própria prática corporal, bem como dos diversos temas que nos rodeiam cotidianamente. Bois e Austray (2008, p. 02) afirmam que:

A dimensão do Sensível nasce de um contato direto e íntimo com o corpo e é a partir dessa experiência que se constrói progressivamente, no praticante, uma nova natureza de relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo, e o surgimento de uma nova forma de conhecimento. Uma relação que podemos classificar de criativa e que coloca, a presença de si no centro do processo de acesso ao conhecimento.

Trata-se, portanto, de uma experiência específica da vivência corporal, na busca por um corpo sensível e pela produção de conhecimento, o qual se pretende alcançar por meio daquela experiência. Por essa razão, não se pode deixar de lado as marcas e histórias que cada corpo compõe com o grupo, tampouco as memórias e lembranças que estão presentes nesses corpos, que traduzem o que são. Berger (2005, p. 52 apud BOIS, 2008, p. 367) diz:

Assim, o corpo que será abordado nessa contribuição é o corpo sensível, no sentido de corpo da experiência, do corpo considerado como a caixa de ressonância de toda experiência, quer seja ela perceptiva, afetiva, cognitiva ou imaginária. Uma caixa de ressonância capaz ao mesmo tempo de receber a experiência e de remetê-la ao sujeito que a vive, tornando-a palpável e, portanto, acessível.

Em relação a essa questão, penso que o corpo sensível é aquele que desenvolve e atualiza suas potencialidades sensíveis para além de suas

habitualidades cotidianas. Neste sentido, o corpo possível de construir é o corpo visto em sua totalidade pelos sentidos físicos e psíquicos.

[...] o termo sensibilidade traz com ele uma dimensão qualitativa que indica a ressonância subjetiva que acompanha toda a recepção de informação pelo corpo. Não se trata, portanto, de restringir o termo de Sensível ao campo biológico ou orgânico, mas de reunir subjetividade e organicidade; o Sensível é, para nós, a via de passagem que unifica corpo e espírito, o que nós chamamos a afinação somato-psíquica. (BOIS, 2006, apud. BOIS; AUSTRY 2008, p. 02)

Por meio de novas vivências e de um corpo sensível é que se pode ressignificar a formação de professores. A sensibilidade gera novos sentidos e sentimentos, que são fundamentais às transformações na educação.

A tarefa diária de ser professor envolve a via de ensinar e aprender, aprender e ensinar, para isso, o docente necessita de formação e reflexão sobre sua pessoa e sua profissão. A formação de professores é um momento para além da sala de aula, um momento de encontro consigo, que exige um determinado tempo e espaço para ser realizado. Essa reflexão faz-se necessária, uma vez que precisamos tornar mais sensíveis, atentos e receptivos os corpos para a profissão professor.

4 – 5° MOVIMENTO: ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE O CORPO BIOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO

*Ando tão a flor da pele que qualquer beijo de novela me faz chorar,
Ando tão a flor da pele que teu olhar flor na janela me faz morrer,
Ando tão a flor da pele que meu desejo se confunde com a vontade de não ser,
Ando tão a flor da pele que a minha pele tem o fogo do juízo final.*

(Vapor Barato - Zeca Baleiro)

Ingressei no Curso de Pedagogia em 2009 e, neste mesmo ano, ingressei no GEPEIS – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social. O grupo sempre se apresentou de forma receptiva e participativa às propostas lançadas pelos seus integrantes, sempre se dispôs a experimentar diferentes vivências. Não foi diferente quando convidei o grupo para fazermos as vivências corporais – todos se ‘jogaram’ no novo desafio.

Inicialmente, as vivências, que aconteciam na primeira parte de cada reunião, eram como um momento de integração e descontração. Com o passar do tempo, os participantes foram tornando aqueles instantes como uma preparação às discussões que pertenciam às reuniões, realizando, assim, as atividades de maneira mais intensa e centrada. Coube a mim, além de mediar as vivências corporais, aprofundar o tema sobre o corpo biográfico, buscando entrelaçamentos teóricos que me ajudassem a defender a ideia inicial que tinha, de que o corpo tem memória, as quais estão inscritas nele como marca do vivido e do experienciado.

Na medida em que eu me aprofundava na teoria sobre a memória do corpo entrelaçando com o imaginário, percebi a necessidade de compreender as significações imaginárias que cada corpo possuía. Desse modo, para que eu pudesse analisar as significações a partir do corpo biográfico era necessário antes que eu compreendesse quais significações tinham esses corpos, e minha via de acesso eram as vivências corporais. Tais vivências geraram oportunidades de tomadas de consciência, possibilitando a cada colaboradora compreender-se para além de um ‘corpo-tarefa’ e, sim, como um ‘corpo potencialmente criativo’.

Com o tempo fui pisando em terreno mais sólido e compreendendo melhor as teorias que me acompanhavam, não só agora nesta pesquisa, mas desde a minha formação inicial. Por isso, muitos dos meus estudos foram tomando forma quando afunilei minha pesquisa decidindo trabalhar com quatro colaboradoras integrantes do GEPEIS, formadas em Pedagogia e com interesse em vivenciar práticas sensíveis com o corpo.

A partir de uma cuidadosa seleção de jogos, exercícios e atividades para as vivências corporais, pude delinear e concretizar meus pressupostos teóricos. Quando me vali da empiria, pude compreender de forma consistente o que grandes escritores como Cornelius Castoriadis, Marie-Christine Josso, Danis Bois, Christine Delory-Momberger teorizavam em seus livros. Para isso, tive quatro colaboradoras, que se lançando no desconhecido, contribuíram para a pesquisa, demonstrando que o corpo tem memória, impressa nele como marca do vivido, também, que as práticas das vivências corporais possibilitam um “alargamento da consciência” (JOSSO, 2012, p. 21), bem como uma ampliação do repertório corporal, tornando o corpo mais sensível e receptivo.

As protagonistas desta pesquisa foram integrantes do GEPEIS, representadas como Fone de Ouvido: música, liberdade; Tênis: conforto, disposição; Coração: corpo, emoção e Sapatilha: ritmo, paixão; as quais contribuíram para este trabalho com um corpo disponível e acessível. Durante as Rodas de Conversa elas trouxeram reflexões muito significativas como podemos verificar. Coração: *“Sabe que eu to gostando demais, não sei se é porque a gente ta aqui, depois vai terminar e daí vai dizer agora que eu tava gostando acabou [...]”* Fone de Ouvido: *“É! Quando acabar a gente vai sentir falta”*. Essas falas revelam o entendimento que as colaboradoras construíram em relação aos seus corpos: o da necessidade de compreender-se e de explorar-se continuamente através do corpo.

A relação de grupo foi outra importante consideração registrada nas Rodas de Conversa, a qual trago neste momento com o seguinte diálogo. Sapatilha: *“A gente tem uma relação,[...] tem uma relação de confiança entre nós todas; Coração: “Só que tem uma coisa que eu penso, que isso aí não se dá do nada, eu acho que essa coisa da gente tá disposto a fazer, começou lá no grupo, começou com aquele dia que a Camila propôs”;* Sapatilha: *“É e a gente já se conhece, já tem convívio, já tem toda uma... alguma outra coisa além que já nos uniu”*. Essa conversa revela os laços

afetivos construídos dentro do GEPEIS, confirmando que o grupo não é somente executor de tarefas e, sim, um grupo de amizades, sentimentos e emoções.

Desse modo, acredito que todo o processo de vivências e experiências serviu, além de ampliar as possibilidades criativas do corpo, também como um significativo caminho de autoconhecimento. Esse autoconhecimento está associado a (re)significação dos percursos vividos até então, tornando-os conscientes e capazes de orientar para novos caminhos e escolhas. Junto a esse conceito de autoconhecimento, destaco o cuidado de si definido por Foucault como “uma condição pedagógica, ética e ontológica para ser um “bom (responsável) ‘governador’”, e impede que a pessoa envolvida abuse de seu poder” (PETERS e BESLEY, 2008, p. 58).

Essa questão faz suscitar a importância da reflexão de ter “conhecimento de si mesmo”, de olhar para si mesmo. Entretanto, quero enfatizar, a importância desse processo quando falamos de conhecimento de si na formação docente. O pensamento de olhar e compreender a si mesmo é um desafio para qualquer ser humano, penso que, para o professor, essa tarefa torna-se mais complexa e extremamente necessária. O professor é mediador do desenvolvimento, do conhecimento, o elo de acesso às descobertas, por isso, é necessário um maior desprendimento e empenho com o cuidado de si mesmo, mas o que constatamos é fragilidade na formação global desse profissional.

Diante dessa pertinente reflexão, creio que o espaço criado durante as vivências desta pesquisa foi voltado para a formação e para atentar no cuidado de si. Creio que foram gerados espaço e possibilidades para que esse processo de conhecimento de si mesmo se tornasse mais contundente e fortificado. No decorrer da pesquisa e das vivências corporais, percebeu-se o quanto é importante para os professores, tanto na escola quanto no Ensino Superior essas experimentações, pois é por meio delas que o corpo sensível e receptivo poderá construir conhecimento.

Narrar-se pelo viés do corpo é um desafio à formação dos professores, uma vez que grande parte deles se preocupa apenas com o trabalho cognitivo instrumental, despercebendo-se das significações que o corpo traz impresso: marcas, memórias e saberes. Se a formação não é vista por esse prisma corporal, adia-se a oportunidade dos acontecimentos, o instante de despertar outros saberes no corpo biográfico. Está na eminência o cuidado com o corpo na educação, por

isso, a importância de trabalhar dentro dos cursos de formação inicial de professores, um currículo preocupado com o desenvolvimento global do professor pela via sensível que é o corpo. Para os professores que já estão em exercício, que tenham em sua formação continuada momentos de suspensão e de atenção para com o corpo, fazendo emergir sentidos e significados.

As aprendizagens vividas com o trabalho de memória do corpo, a partir das vivências corporais, possibilitaram a cada colaboradora a compreensão do conceito de formação/autoformação, permitindo a reflexão de suas práticas docentes, de seus processos de formação e de eternas aprendentes do conhecimento de si.

Meu entusiasmo está em perceber que esta tomada de consciência não foi privilégio só das colaboradoras, mas minha também, quando me deparo com as aprendizagens vividas nesse processo de pesquisa-formação. Ao longo da investigação, aprendi a perceber e escutar o corpo, tanto o das colaboradoras quanto o meu. Aprendi também a perceber de forma mais sensível os sentimentos, as emoções, as limitações, as ausências de cada uma e de mim mesma. Aprendi que tudo o que vivenciamos é texto, o dito e o não dito, o agir e o não agir, o se colocar na situação e o permanecer na 'zona de conforto'.

Desse modo, esta pesquisa foi formativa tanto na dimensão pessoal quanto na profissional. Experimentei grandes e importantes momentos, o que possibilitou mais do que me descobrir com um corpo pleno, com um corpo consciente, com um corpo sensorial, possibilitou-me descobrir, efetivamente, a globalidade do ser humano, ou seja, corpo, alma e sentimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARBA, Eugenio. **A canoa de papel**. Tratado de Antropologia Teatral. São Paulo: Hucitec, 1994.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.

BENJAMIM, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Indigência**. In: O Anjo da História. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008, p. 73 – 78.

BOIS, Danis; AUSTRY, Didier. A emergência do paradigma do sensível. **Revista@mbienteeducação**, volume1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em: http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html. Acesso em: 27/09/2010.

BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc. **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Campinas: Leituras SME, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FERRY, Gilles. **Pedagogia de la Formacion**. Buenos Aires, Ediciones Novedades Educativas, 2004.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JOSSO, Marie-Cristine. As narrações do corpo nos relatos de vida e suas articulações com os vários níveis de profundidade do cuidado de si. In: VICENTINI, P.; ABRAHÃO, M. H. (orgs). **Sentidos, Potencialidades e usos da (Auto) Biografia**. São Paulo, Cultura Acadêmica Editora, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Tr. de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educação e Realidade: Cuidado humano e educação**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 1-336, jan./abr. 2012.

KUREK, Deonir Luís; OLIVEIRA, Valeska Fortes. O 'cuidado de si' na produção da subjetividade docente. In: VASCONCELOS, José; JUNIOR, Antonio (Org.). **Um dispositivo chamado Foucault**. Fortaleza: LCR, 2002.

KUREK, Deonir Luís. Essas coisas do imaginário... In: PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís (Orgs.). **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução: Anna Maria De Vecchi e Maria Sílvia Netto. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LOSADA, Manuel R. O Imaginário Radical de Castoriadis seus pressupostos. In: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de (org.). **Imaginário e Educação reflexões teóricas e aplicações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**, 1998.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, António. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Tr. de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Paulus, 2010 (Prefácio).

NÓVOA, António. **Vida de Professores**. Porto Codex – Portugal: Porto Editora LDA, 1992.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de; PERES, Lúcia Maria Vaz. Dois grupos de pesquisa...falas convergentes...imaginários que se aproximam. **Revista Educação**. nº. 3, Vol. 34. Set./ Dez. 2009.

OLIVEIRA, V. F. de. (Org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

OLIVEIRA, V. F. de. As xícaras amarelas: imaginários e memória de uma rede de pesquisa, In: PERES, L. M. V. (org.). **Imaginário: O “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2004.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina. **Por que Foucault? Novas diretrizes para a pesquisa educacional**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOARES, Carmen Lucia. **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Claudia de. **CORPO identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. Percebendo o corpo. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escrituras do corpo biográfico e suas contribuições para a educação: um estudo a partir do imaginário e da memória**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: O CORPO BIOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DENTRO DE UM GRUPO DE PESQUISA

Pesquisador responsável: Prof. PhD Valeska Maria Fortes de Oliveira

Autora: Camila Borges Santos

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Fundamentos da Educação

Telefone para contato: (55) 84050363 ou (55) 32261826

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que será realizada com apenas quatro integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) da Universidade Federal de Santa Maria. Com o objetivo central de compreender e analisar as significações do Corpo Biográfico, que trabalha com a tríade formada pela vivência, memória e imaginário, dentro do grupo em questão.

Os colaboradores participarão de vivências corporais e de rodas de conversas, que serão gravadas. As vivências corporais com grupo serão filmadas mediante a autorização prévia, por meio deste documento, e mesmo posteriormente, por cada um dos participantes. Tanto as rodas de conversas, quanto as filmagens, serão entregues aos colaboradores, para que possam analisar o conteúdo e sobre ele decidir a licença à sua própria participação.

As informações obtidas serão utilizadas única e exclusivamente para essa pesquisa, sendo acessadas somente pela pesquisadora e pelos colaboradores, e estarão sob a responsabilidade dos mesmos, que responderão por qualquer extravio ou vazamento de informações confidenciais.

A qualquer tempo, o pesquisado pode deixar de participar do estudo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. Não haverá dano moral ou risco, portanto, em se tratando de vivências corporais e de narrativas orais, caso se sinta desconfortável em participar de alguma atividade prática com o corpo, ou de falar sobre determinado assunto, a autora, imediatamente, encerrará a atividade corporal ou a

roda de conversa. Participar desta pesquisa não acarretará custos ou despesas de qualquer natureza aos participantes. Os possíveis benefícios aos sujeitos envolvidos estão no valor de expressar e vivenciar suas significações corporais, possibilitando a reflexão do tema do estudo, bem como uma formação docente no sentido mais amplo.

Os resultados encontrados nesse estudo serão publicados em revistas da Área da Educação e/ou divulgados em eventos que abarquem as questões problematizadas na investigação.

Os dados construídos serão mantidos na UFSM, no Centro de Educação, na Sala 3341A, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após este período, os dados serão destruídos. Em caso de necessidade de algum esclarecimento, ou para cessar a participação no estudo, a autora estará disponível pelo telefone (55) 84050363, a qualquer momento, ou pelo (55) 32261826.

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li, tendo ficado claros para mim quais são os propósitos do estudo e os procedimentos a serem realizados. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Assinatura do colaborador

nº. de identidade

Declaramos, abaixo assinado, que obtivemos de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação no estudo.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Autora

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP-UFSM
Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria – 7º andar – Campus Universitário – 97105-900 – Santa Maria-RS - tel.: (55) 32209362 - email: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

ANEXO B – Termo de Confidencialidade**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

Título do projeto: O CORPO BIOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS FORMADORAS
DENTRO DE UM GRUPO DE PESQUISA

Pesquisador responsável: Prof. PhD Valeska Maria Fortes de Oliveira

Autora: Camila Borges Santos

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria,
Departamento de Fundamentos da Educação

Telefone para contato: (55) 84050363 ou (55) 32261826

As pesquisadoras do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos sujeitos cujos dados serão construídos através de registros fotográficos, filmagens e gravações de áudio. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações serão mantidas na UFSM, no Centro de Educação, na Sala 3341A, por um período de cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após este período, os dados serão destruídos.

Santa Maria, _____ de _____ de 20 _____.

VALESKA FORTES DE OLIVEIRA – CI 3013717446

CAMILA BORGES SANTOS –CI 5083599431

ANEXO C – Carta de Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



PROJETO DE PESQUISA

Título: O Corpo Biográfico: Experiências Formadoras Dentro de um Grupo de Pesquisa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 04588812.0.0000.5346

Pesquisador: Valeska Maria Fortes de Oliveira

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 92.463

Data da Relatoria: 03/09/2012

Apresentação do Projeto:

Minha vida sempre esteve permeada por experiências corporais e foi durante a graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria que surgiram mais questionamentos sobre este fabuloso conjunto de matéria sensível, que é o corpo. Foi com meu ingresso no Mestrado em Educação que pude dialogar com outras linguagens e perceber que, assim como o ator tem seu corpo como instrumento de trabalho para o professor é semelhante, pois é através de um corpo sensível e receptivo que ele poderá transmitir, receber e construir conhecimento. Com intuito de tornar mais humana a docência, que direciono o olhar da minha pesquisa para os cuidados com o corpo, proponho a (re)significação das diferentes vivências, por meio das experiências com o corpo biográfico. Para isso, pretendo desenvolver meu trabalho com os integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), o qual eu integro há 3 anos e que há 18 anos vem trabalhando com a formação de professores alicerçado no Imaginário Social. Minha pesquisa implica uma reflexão sobre as marcas sociais, culturais e históricas que o corpo carrega na busca pela superação da cisão corpo/mente, procurando pensar possibilidades de um processo formativo na educação, pelo viés do corpo como expressão de significações imaginárias, lugar de memórias e sensibilidades. O projeto que apresento está inscrito na linha Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender e analisar as significações do GEPEIS, a partir do corpo biográfico, na busca pela superação da cisão corpo/mente, procurando pensar possibilidades de um processo formativo na educação, pelo viés do corpo como expressão de significações imaginárias, lugar de memórias e sensibilidades.

Objetivo Secundário:

Construir e analisar através de diferentes vivências corporais para o GEPEIS, relações de grupo, bem como os significados construídos a partir do corpo biográfico. Conhecer através das vivências corporais, o que cada corpo biográfico trás em si. Conhecer e analisar as representações corporais que cada integrante possui, enquanto indivíduo e membro do grupo. Realizar um levantamento sobre as possibilidades de transformação ocorrida, antes e depois das vivências. Conhecer e interpretar as possíveis contribuições, da produção sobre corpo biográfico na formação docente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Estao descritos e sao compatíveis com a res 196/96

Endereço: Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 7º andar

Bairro: Cidade Universitária - Camobi

CEP: 97.105-900

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: 5532-2093

Fax: 5532-2080

E-mail: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem uma boa fundamentação teórica e os objetivos podem ser alcançados com a metodologia proposta.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

os termos estão adequados

Recomendações:

sem novas recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

aprovar o projeto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SANTA MARIA, 07 de Setembro de 2012

Assinado por:
Félix Alexandre Antunes Soares

Prof. Dr. Félix A. Antunes Soares
Coordenador do Comitê de Ética
em Pesquisa - UFSM

Endereço: Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 7º andar
Bairro: Cidade Universitária - Camobi **CEP:** 97.105-900
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: 5532-2093 **Fax:** 5532-2080 **E-mail:** comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

ANEXO D – Transcrições das Rodas de Conversa

1º ENCONTRO

Dia 28/11/2012 – das 18h às 20h30min – Sala Preta (3381)/ CE

Caleidoscópio – Uma reflexão da hora que vocês chegaram, como a gente se encontrava na hora que a gente chegou, que a gente fez um panorama e o panorama que a gente faz agora do corpo.

Fone de Ouvido – Ai eu me senti mais leve.

Tênis – Eu como eu tava deitada a hora que a gente chegou, eu fico acho muito agitada, inquieta, não consigo ficar muito tempo parada, fico me mexendo é como se eu não conseguisse parar...

Fone de Ouvido – Se concentrar...

Tênis – E aí agora eu tava deitada e eu fiquei leve, sem me mexer nada assim. Senti no corpo cada parte, o peso do corpo como tu tava falando, sentindo mais as partes do corpo e mais tranquila, sem agitação.

Fone de Ouvido – Tu chega de um dia-a-dia agitado pra prestar atenção na respiração, que a gente não para pra prestar atenção, pra sentir essa respiração e o corpo...

Coração – E eu acho assim, uma coisa interessante que eu percebi também e que eu fiquei pensando agora, que toda a concentração eu acho que toda essa preparação ela é importante. Eu fiquei pensando, quando a Mari falou assim: a gente vem do dia-a-dia agitado, só que quando é de manhã é a mesma coisa, vai demorar acho que um tempo pra gente conseguir prestar atenção no corpo, prestar atenção na respiração pra concentrar, então tem que ter algum movimento, alguma coisa que faça a gente parar e se concentrar nisso ou atenção, eu não sei qual é a palavra certa, mas pra ti conseguir se concentrar e voltar a atenção pra isso, porque é isso o que a Camila falava: pensem na cor, nessa cor entrando, é uma maneira eu acho, essa coisa de pensar na cor é um dispositivo pra ti focar, ir focando aos pouquinhos no corpo, porque daí ela dizia: pensa na perna, pensa no quadril, daí sim, senão o pensamento voa, atrapalha tu tá pensando que tu ta deitada aqui, eu tava deitada aqui pensava lá em outra coisa, daí quando ela falava: pensa na cor, foca na cor, aí voltava e focava de novo. Aí a gente percebe que não presta atenção durante o dia, durante a noite, lugar nenhum e tempo nenhum nessas coisas.

Tênis – Outra coisa legal foi a sintonia do grupo no início, a gente demora pra se concentrar ou fazer, depois a Camila falava e a gente já fazia, acho que se criou uma sintonia que no início a gente vai fazendo, depois a gente vai se concentrando e tendo essa, uma ligação eu acho e que as coisas fluem mais fácil e tá junto e fazer...

Coração – O primeiro a gente se esforça muito porque tu não tá ainda concentrada, eu acho que um pouco pode ser isso, daí aos poucos vai mudando teu jeito, mas essa coisa do pensamento eu acho que ele interfere, daí eu lembrei um pouco o que a gente tava lendo hoje de manhã, aquela coisa do pensamento, e sabe é verdade, e a gente provou aqui agora, aquela discussão que tinha no livro daquela parte do pensamento, que o pensamento interfere, só que lá eu não sei se é racional, não sei se é cruel, ou é a sensação como a Camila fala, ou é um misto de raciocinar e voltar a atenção, tu puxa no raciocínio e atenção pra sentir a sensação, porque se tu não tem atenção tu não senti...

Fone de Ouvido – Eu acho que é sentir só, porque aquele jogo que tu, como que é, do “Jacadi” é muito rápido pra tu racionalizar e fazer ou não fazer o movimento, é muito sentido mesmo acho...

Coração – Mas eu acho que não é só uma coisa nem outra, são as duas coisas sabe que precisa, porque se tu não pensar no momento, não é não pensar, no momento se tu não te concentrar, e a concentração eu acho que ela não tá ligada só no sentido, ela tá ligada também na razão, não vai excluir nunca uma coisa da outra.

Fone de Ouvido - Acho que quando começa a pensar muito já... ela falou, como que é, Jacadi e se tu pensa muito, tu vai copiar o movimento até um pouco depois, acho que se tu vai mais no sentido tu pode ir muito, faz como tem que fazer ou não faz.

Coração – E isso é muito doido, porque o ser humano ele é um ser racional, não tem como não pensar, porque se tu quer só sentir... tenta imaginar uma pessoa só sentindo, sentindo, sentindo... porque o pensamento em si é racionalizado, quando que a gente fica sem pensar? Não consegue.

Tênis – E aí acaba querendo fazer o certo, aí será que eu tô fazendo bem ou não se experimenta e tu vai pelo sentido, aí vou fazer conforme eu tô sentindo agora... agora será que é isso que a Camila queria?

Fone de Ouvido – Será que eu to fazendo certo, será que eu to fazendo errado?

Tênis – Tu tá pensando...

Caleidoscópico – É o que a gente fez o exercício das direções, aquele ali é o melhor exemplo, não pensa faz. Mas neste sentido é difícil porque tu vai pensar, agora eu vou fazer assim, agora eu vou fazer assim, deixa eu pensar o que é que eu vou fazer, agora eu já pensei vou fazer assim e quando tu pensa, quando tu passa por este crivo, primeiro que ele já não é tão natural e segundo que tu vai ter que usar o mesmo repertório, porque tu sabe qual é os movimentos que o teu corpo tem possibilidade de fazer no nível baixo, no nível médio e no nível alto, no momento em que tu para de raciocinar, quer dizer tu para de pensar o que tu vai fazer e tu age, age, age isso vem, mas não quer dizer que esteja desconectado, aí tu vê novas possibilidades de...

Coração – Só que aí entra a coisa de fazer, fazer, fazer.

Caleidoscópico – Fazer, fazer, fazer, aí é uma questão de treinamento.

Coração – Treinamento e pra sobrepor uma coisa a outra, sobrepor a ação ao movimento, porque a nossa tendência é pensar... não que anule.

Tênis – Não que anule, mas o legal que a gente tava falando a atividade do “Urso”, por exemplo, aí eu tava dormindo e tava pensando, tá não, eu não vou pensar eu vou correr já, quando ela chegar perto eu vou fazer, aí quando tu chegou perto e eu fiz, eu comecei a bater e pensei em um lenhador, mas isso foi na hora, aí esse eu achei que foi o mais espontâneo e eu não pensei, quando chegou perto de mim eu fiz.

Caleidoscópico – Porque foi muito natural.

Tênis – Muito natural e eu senti que foi, aí eu vi que tava fazendo, não to fazendo conforme, deixa, vou deixar, vou correr e depois na hora, entendeu. Eu também tinha essa ideia de esperar, de entrar de cabeça no jogo, entender o jogo...

Caleidoscópico – E a ideia é justamente essa, não é o que eu quero é o que tu pode, e na verdade nem a gente sabe o que a gente pode, a gente só sabe experimentando, então o desafio é justamente esse.

Tênis – Mas eu acho que é uma evolução neste sentido do entrar de cabeça no jogo que eu não me permitia isso... Antes no início dos jogos que a gente fazia contigo eu sempre racionalizava, ah eu vou fazer isso. Agora eu saquei vou me deixar fazer, só que eu nunca tinha me dado conta disso, agora eu to começando a

me dar conta, vou deixar, vou viver. Só que pra tu ter essa sacada, de tu perceber de que tu vai viver o jogo tu tem que ter uma ideia, tem que vivenciar, vivenciar cada vez mais, porque vivendo eu tive a ideia e agora o que é que eu vou fazer? Vou correr e azar, vamos ver o que é que vai rolar entendeu. Mas eu acho que se eu não vivesse o jogo, vários exercícios que eu tenho feito eu não teria sacado isso.

Caleidoscópico – Com certeza. É a questão do treinamento, primeiro tu brinca, tu joga, depois tu torna consciente, daí tu diz agora eu vou mudar meu repertório.

Tênis – Isso, eu tornei consciente, ai to fazendo, vou fazer isso, só que daí eu parei, não vou mais fazer, não vou tentar mais...

Caleidoscópico – Tu já sabe até onde tu pode ir.

Tênis – Só que eu to fazendo as mesmas coisas e eu quero fazer outras.

Coração – Só que essa coisa de treinamento, pensa o que é treinamento, pensa em treinamento do corpo, isso aí eu acho que demora um tempo, pensa bem o que a gente vem habituado a fazer, a tentar, a parar... bem ao contrário. Pensando assim desde a escola, o que a gente fez com o corpo até então, até então ao contrário, que era parar, não deixar ele se manifestar, se expressar e nem se movimentar. Então tudo tem um tempo pra conseguir isso. Pensem a quanto tempo a gente ta fazendo isso com a Camila, nem agora, talvez nem agora...

Caleidoscópico – Pensem quantos anos a gente levou para construir esse corpo, porque eu fiquei doze anos dentro da escola, doze anos a escola dizendo que eu tinha que ficar sentada, então ainda tem tempo para resgatar...

Tênis – Seis horas dentro de uma aula, e a ideia de trabalhar assim, porque não trabalhar de outra forma, será que tem como? A Educação Infantil é permitido isso, a gente pode rolar no chão, a gente sai, a gente faz roda, a gente vai pra fora, eu acho que é por isso que eu to na Educação Infantil eu não me imagino na frente do quadro toda tarde, ou se eu pegar um primeiro ano, um segundo, talvez vou tentar fazer outra estratégia.

Coração – Mesmo assim, a gente até tenta dentro da disciplina, mas fora da disciplina o simbólico da escola ta lá, ou seja, as quatro paredes, o espaço pequeno da sala de aula, que por mais que tu mexa e vire as cadeiras, puxe pra lá, puxe pra cá a classe, do mesmo jeito vai ficar igual preso ou atrás ou vira de lado, mas vai ficar atrás da classe sentado na cadeira. E toda a coisa da escola, as regras, essas

coisas simbólicas, a regra, a lógica da escola, isso não pode, aquilo não pode: Aqui é uma escola! Isso não é um circo... já tá introjetado.

Caleidoscópio – Gurias e pensando nisso, que faz tempo que a gente vem condicionando o corpo da mesma forma, em algum momento vocês se sentiram desconfortáveis, ou essa posição não foi boa, meu condicionamento, cansei, não consegui responder de imediato, meu corpo não conseguiu responder de imediato ao estímulo.

Coração – Eu senti, várias vezes, eu sempre sinto isso quando eu faço atividades desse tipo... dói as costas, dói a perna, dói o joelho, sempre me dói alguma coisa. Digamos hoje naquela atividade que era pra... naquela que tinha que mudar o nível e a direção também, lá pelas tantas eu já tava muito cansada e lá pelas tantas eu já senti que baixando doía, levantando doía, indo pro lado doía, então, eu já não ia, entendeu, então eu não criava mais, não tentava muita coisa... o corpo não ajuda, por mais que eu queira, tipo eu tava pensando eu quero fazer, quero me envolver, mas e daí o corpo não ia.

Caleidoscópio – Será que aí existe, é o que eu digo, isso é uma cisão? Existe? Me questiono, existe?

Fone de Ouvido – Ah, é uma boa pergunta. Porque não ta em sintonia.

Caleidoscópio – Tu quer... eu quero, eu quero, eu quero, mas meu corpo... porque que ele não responde? Porque ele dói. E aí eu te pergunto Nice, tu acha que existe?

Coração – Sabe que metade de mim acredita na cisão e a outra metade não, porque daí nesse momento eu acredito na cisão. Que tipo de cisão... rompe quando meu pensamento, minha racionalização que é fazer e meu corpo não, talvez não queira, mas não ajuda e não responde, daí acontece a cisão, mas e por outro lado eu penso toda aquela questão que eu comecei a ler de manhã, na leitura ali, daquela ideia do poder do pensamento, no caso do pensamento conseguir fazer, da somatização entendeu, porque a somatização é isso, tu tá com algum problema psíquico, alguma coisa... uma coisa que o corpo senti, tu somatiza no corpo e daí já não há mais cisão então, estão interligados. É o inverso desse outro caso que pode acontecer, que eu já vi acontecer e que já aconteceu comigo. Gurias, acontece comigo muito, muito seguido, eu vou dar um exemplo, anteontem eu briguei com a minha sogra, chorei, me estressei com ela e o que que aconteceu, não deu dois minutos, não, não deu cinco minutos eu tava com dor nas pernas, eu não tinha

caminhado, eu não tinha corrido, eu não tinha feito nada pra ta com dor nas pernas e eu tava com uma dor horrível nas pernas, uma dor, uma dor, uma dor e eu percebi que era um sintoma do stress que eu tava, do descontrole emocional que apareceu no corpo, isso acontece comigo muito seguido, porque não é com o outro, eu não acredito nessa somatização porque eu vejo lá o fulano dizer que ta com dor de cabeça, porque tá nervoso, ou que tá estressado, é comigo, daí nesse momento eu não acredito em cisão, eu acho que daí é uma coisa só. Eu to nervosa, somatizo a dor e ao mesmo tempo eu to consciente disso, como que eu sabia que tava somatizando, como que eu percebi que tava com dor nas pernas, eu não tava cansada, não tinha forçado, não tinha feito nada, não tinha batido a perna, não tinha machucado, eu tinha consciência e certeza de ter somatizado. Como que eu faço pra reverter, eu não reverto sozinha e aí é o que vale, mas ao mesmo tempo então dá pra ver que é uma coisa que não tem a cisão, que aqui acontece a cisão.

Fone de Ouvido – Falando da escola eu lembrei da sala de aula nessa coisa da cisão aí. As vezes tu ta dando aula e os alunos estão todos sentados e tu pode pensar: eles não são corpo neste momento, mas a aula pode ta ruim pra eles neste sentido e eles estarem batendo o pé, estarem impaciente ou estarem debruçados na classe então, eles são corpo também. Ta toda hora levantando e saindo, isso aí é, nesse momento, eu também não acredito na cisão, porque por mais que tu esteja só ouvindo, só racionalizando a questão da aula, mas o teu corpo também expressa, pode não ta tão satisfeito ali, não ta concentrado e o teu corpo vai mostrar de certa forma, que tu conseguiu observar isso, acho que o corpo mostra e daí já não tem a cisão, é bem complicado.

Caleidoscópio – Tá e num momento, isso num momento de forte stress tu percebe essa somatização e quando é ao contrário, quando é um momento bom, que tu teve um dia produtivo, que tu teve uma conquista, que tu teve... que as coisas deram certo, tu percebe?

Tênis – Comigo é assim ó...

Coração – Tive uma vontade de caminhar, tipo tá tudo muito bem sabe, comento as vezes que coisa boa, to me sentindo tão bem hoje...

Tênis – Eu não sinto assim, eu não sinto nem quando eu to estressada, ou cansada... quando o meu corpo vai manifestar alguma coisa é que eu já perdi o controle, digamos assim. Quando eu tive problema de stress, desmaiei e tudo, eu já fazia as coisas automático não sentia, mas daí o corpo respondeu, eu não tenho

consciência, nem quando ta bom, nem quando ta ruim, eu to sempre animada e disposta, eu não consigo, então quando o meu corpo responde é porque eu já perdi o controle. Por exemplo, eu faço, faço, to disposta, sempre disposta e aí quando o corpo mostra alguma coisa, por exemplo eu desmaiei, eu não sabia, mas porque que eu to desmaiando? O que é que ta acontecendo? Aí eu comecei parar pra pensar, eu digo: mas eu não to dormindo direito, eu não to comendo direito, aí que eu parei, pra ver que eu não tava cuidando do meu corpo. Mas eu não consigo ter a consciência assim de... mostrar o meu corpo direto como a Nice falou, eu não tenho isso. Eu to sempre assim disposta, sou muito assim, eu chego em casa, como...

Fone de Ouvido – Pois é, aí que tá, eu acho que a tua mente ta sempre disposta e como tu passou por aquilo e não percebeu que teu corpo tava mal, porque a tua cabeça ta sempre na positividade e o teu corpo já tava se entregando e tu não tava vendo, porque tu ta sempre...

Tênis – E que nem saiu aquele herpes, isso nunca tinha acontecido, então quer dizer que respondeu, daí a médica falou: tu tá estressada.

Fone de Ouvido – É o teu corpo que te mostra.

Tênis – Tu vai levando, até um esgotamento. Vocês já viram aparecer em mim? Aquela vez e nunca mais, porque não vai aparecer... isso porque eu to mal. Mas é bom porque da um sinal pra ti, ou talvez não porque tu chegou a um esgotamento do teu corpo.

Fone de Ouvido – São duas pessoas totalmente diferentes tu e eu. É o corpo que se manifesta pra ela, e ela...

Tênis – E pra mim é o esgotamento que eu não consigo... eu to assim então vamos reduzir a velocidade.

Caleidoscópio – E pra ti Marilene, como é que é?

Fone de Ouvido – Olha, eu não sei... Eu acho, que não é seguido assim como a Nice, mas quando eu to muito estressada essa coisa da dor de cabeça pra mim é sintoma, assim... se tem muito barulho, se eu to muito estressada, eu não gosto, chega um momento do dia que eu quero ficar em silêncio, eu preciso de silêncio, o problema é que se eu to no ônibus e aquela barulheira, ou chego em casa tem vizinho tocando som alto, já começa a me estressar aquilo e eu começo a ter dor de cabeça, é certo, o sintoma no corpo é esse, mas não é seguido assim eu geralmente não somatizo, mas essa coisa de quando ta alegre, que o teu dia foi bom, essa coisa da disposição de querer caminhar, de querer sair, isso também

acontece comigo e acho que quando tu te senti bem o teu corpo se senti mais disposto, tu senti mais vontade de te cuidar.

Caleidoscópico – E aí vocês cuidam ou fica só na vontade de cuidar?

Fone de Ouvido – Ah eu cuido.

Tênis – Eu não sei se eu cuido do meu corpo, por causa da quantidade de trabalho...

Fone de Ouvido – Eu tento de manhã sempre me alongar, uma coisa que eu to tentando fazer, fazer um alongamento porque aquela coisa, não é saudação ao sol, como é que a gente chama que fica assim, aquele assim eu gosto de fazer de manhã sabe, é uma coisa que eu tento fazer. Eu to andando de bicicleta, que é uma coisa que me agrada, da uma caminhada, mas não é seguido... essas coisas. Eu gosto muito da hora do banho também, ficar ali, te tocar, te lavar bem, e eu acho que é um momento de relaxamento e é um momento que tu para um pouco, porque às vezes, tu não tem tempo no dia, o único momento do dia que eu posso olhar para o meu corpo e sentir como ele tá é no banho, eu tento até me alongar no banho, as vezes tomo um banho mais morno, as vezes é o momento que folga.

Tênis – Eu as vezes acho que não cuido. Uma coisa que eu gosto é de dormir, mas aí deitar e eu relaxo aproveito àquelas horas de sono, mas eu sei que eu exijo do meu corpo, muito assim, principalmente quando eu to na frente do computador, aí eu levando, dou uma caminhada, quando eu chego em casa, tomo banho, como alguma coisa e sento na frente do computador. A minha irmã, ela chega, olha um pouco de TV... eu não consigo, vou direto para frente do computador e eu notei que quando eu saio dali, eu saio com os pés inchados e aí quando eu me deito que eu sinto que to...(suspiro), daí eu relaxo.

Fone de Ouvido – É o momento que tu...

Tênis – É eu acho que o meu momento é na hora de deitar.

Coração – O meu corpo ele não aceita muita coisa, eu sou uma que não consigo ficar na frente do computador sentada, eu não paro nem no sofá, nem na cadeira, tipo, eu vou mudando de posição porque eu já tenho dor nas costas, tenho dor nas pernas, minhas pernas incham, o joelho inchava e eu engordei um monte né, fui engordando, engordando e foi um tempo, que quando a gente começou as atividades com a Camila eu comecei a perceber isso, só quando a gente começou, porque eu nunca fazia nada, totalmente sedentária, daí quando a gente começou eu comecei a sentir, daí comecei a perceber que eu não tinha mais agilidade, tipo de

dobrar o joelho, porque tava engordando e também porque tava parada, é uma coisa atrás da outra, não é um motivo ou outro. Aí eu comecei ir na academia, só que eu não ia toda hora ia lá de vez em quando, aí agora eu to indo, to procurando ir no mínimo duas vezes por semana, porque é uma evolução né, faço a esteira e musculação e to tentando ir.

Tênis – Eu vou também só que eu não penso, pratico esteticamente, eu vou esteticamente, aí tem um momento ai tá gostoso aqui, ta bom, mas eu não penso assim como, mais pra ficar legal, localizado, mas ta me dando prazer. Antes eu ia mais forçado, eu sou muito disciplinada com o corpo: Não! Vai ficar aqui. Eu vou ficar cinco horas se tiver que ficar, vou ficar cinco horas, eu sou muito assim, não me importo, não que não me importe, mas daí eu comecei a academia em função dos desmaios, daí eu vou fazer todo este ano, eu fiz todo o ano e aí eu comecei a gostar nos últimos tempos, nos últimos meses.

Coração – Eu não vou pela estética, eu não consigo nem pensar se tem alguma gordura localizada em algum lugar, que é lógico que tem, mas eu nem me lembro disso, o que eu sinto é que me dói as costas quando eu deito se eu não for, ou se eu não faço, quando eu deito me dói aquilo, me dói as pernas, tipo incha mais, porque daí o movimento não circula.

Tênis – Quando eu saio, eu saio com outro pique, eu saio muito mais animada e mais...

Coração – É um cansaço diferente.

Tênis – É um cansaço diferente eu sinto isso, essa sensação eu tenho, correr na esteira e sair... (suspiro).

Fone de Ouvido – Quando eu pedalo assim, parece que tu ta te livrando de um monte de coisa ruim, sei lá...

Tênis – O suor, eu acho que quando eu suo da uma renovada parece.

Coração – Daí é mais um motivo, ó essa questão de quando faz exercício físico que é o corpo, o movimento do corpo, olha como tu te senti bem, o que senti bem é a cabeça...

Caleidoscópio – Ou é o bem estar corporal que faz, que é a questão dos hormônios...

Coração – É o inverso.

Caleidoscópico – É o corpo que, porque às vezes eu posso até estar abatida, dizer: Ai que preguiça, mas se eu me proponho a movimentar o corpo isso vai ajudar a minha cabeça, eu acho que são duas...

Coração – Eu vou me arrastando pra academia, eu vou porque é necessário, porque eu me convenci que é necessário pra saúde, é muito importante pra mim, pro meu bem estar. Daí eu vou me arrastando e a gente brinca, aí eu vou vim me arrastando e aí na volta saio bem faceira, toda animada e bem feliz.

Fone de Ouvido – Eu acho que essa coisa da cisão ela é muito forte essa palavra cisão, de repente da pra falar que são duas instâncias diferentes, mas que se influenciam mutuamente.

Caleidoscópico – Só que a gente ta falando quais são os pontos de interseção, onde é que é o ponto de interseção. Onde eu posso me perceber que aqui eu sou o dois. Aqui eu sou o dois, neste momento do dia eu sou o dois.

Fone de Ouvido – Em momentos que até incentivam essa possível cisão. Tem momentos que te podam né, que tentam te disciplinar a tu ficar parado. Mas acho que falar em cisão é muito forte, acho que não tem como afirmar isso.

Tênis – É. Eu acho que é uma instância diferente, que se encontram em alguns momentos.

Fone de Ouvido – Que se influenciam mutuamente.

Tênis – É, que se influenciam.

Caleidoscópico – Gurias e pra gente pensar isso também, então vamos fazer assim, no nosso próximo encontro, justamente pra pensar esta questão da cisão, se há ou não há, quais são os pontos de interseção ou de que forma eu posso me colocar corporalmente... de outra forma. A proposta é, na segunda-feira a gente trazer um objeto e um poema que me traduza corpo, que eu pegue o poema e diga essa aqui é a Nice, e que eu olhe o objeto e diga essa é a Nice, que eu pegue o objeto e diga essa aqui é a Marilene, e que eu pegue o objeto e diga essa aqui é a Vanessa. Então um objeto e um poema que me traduza corpo.

Tênis – Que traduza corpo ou traduza Vanessa.

Caleidoscópico – Traduza tu corporalmente, traduza a Marilene corporalmente, traduza tu pensando em ti. Eu quero ver como tu te representa por um objeto e como tu te representa corporalmente. Eu acho que corporalmente eu sou isso aqui, eu acho que sou corporalmente este poema, eu acho que sou

corporalmente este objeto, parte de vocês. Como vocês se veem neste objeto e como vocês se veem neste poema, corporalmente falando.

2° ENCONTRO

Dia 03/12/2012 – das 09h às 11h30min – Sala Preta (3381)/ CE

Sapatilha – Começou aqui na sala, quando tu pediu para a gente sair, toda uma preparação, já deixou naquela ansiedade, curiosidade, não ansiedade, curiosidade, para saber o que agente ia fazer, para onde a gente ia.

Fone de Ouvido – Eu acho que estava no ar que a gente ia para a natureza.

Sapatilha – Eu cheguei a pensar que a gente ia para o Caixa Preta.

Fone de Ouvido – Eu vou falar o que eu senti lá. Na hora da cor eu me senti bem, porque a minha cor era verde, então tava tudo colaborando e eu adoro a natureza. Eu até tava conversando com a Vanessa que por pouco eu não caí nas rurais, então tava em casa. Aí depois na volta quando a gente tava caminhando para voltar eu fechei os olhos, assim sabe, daí só ouvia o barulho dos pássaros, sentia aquele ar. Então para mim foi uma experiência muito boa. Agradecer a Camila por ter me proporcionado isso. Foi muito bom, adorei. Me senti muito bem.

Tênis – Eu gostei também, me deu uma sensação de descanso, de paz assim...

Fone de Ouvido – Como diz a Vanessa, esqueci que era segunda-feira.

Tênis – É! Eu pensava ai, segunda, um monte de coisa pra fazer, mas me deu uma sensação de paz, tranquilidade, de descanso... e o vento, o ar mais puro sabe, aquele vento batendo mais refrescante... e o contato com a árvore também. A gente tava indo, eu e a Mari, a gente, vamos nos abraçar nas árvores, a gente pensou antes... acho que esta troca de energia assim.

Coração – Eu fui sentindo o cheirinho do lugar e logo me remeteu a infância assim, o cheirinho de esterco no começo, daí fui tentando sentir o vento, não sei o local, parecia que eu estava em outro lugar, que não era Santa Maria e não era nesta época, foi muito doido. Agora, eu tinha uma vontade muito grande de abraçar uma árvore, faz tempo que eu tinha essa vontade, sempre que eu pensava em relaxar, em fazer algo para relaxar, eu tinha vontade de pegar e abraçar uma árvore, mas aonde tu vai abraçar uma árvore e quando? Tu nunca vai assim e nem sempre

tu ta disposto a sentir as sensações como hoje, que a Camila dizia: tenta sentir, perceber as sensações. Então, foi bem bom ter abraçado, eu não sei se a Camila percebeu, mas eu logo no começo me abracei em uma, aproveitei e abracei. E outra coisa que foi muito boa também, que é outra coisa que aquele dia, no primeiro dia que a gente fez atividade aqui, quando eu comecei a pensar mais no meu corpo, que eu lembrei que eu não parava muito quando era pequena, tava sempre pendurada em uma árvore, pendurada em alguma coisa, virando cambalhota, fazendo estrelinha, eu não parava, tava sempre assim e fui parando ao longo do tempo e aí também outra sensação boa é que eu andava muito de bicicleta, que eu nunca mais andei, daí também lá na árvore caminhei bastante em roda para sentir bem o pé, é outra sensação muito boa e que eu nunca mais tinta experimentado de andar assim, eu até tenho medo agora de pisar e sentir algo no pé sabe eu fiquei com este medo, coisa que quando eu era menor não tinha. A gente vai perdendo ao longo do tempo este contato as percepções com corpo de outras maneiras, sempre com calçado, sempre com roupa. Foi bem bom sentir. Eu não tive muito medo de pisar hoje ali, é claro que eu olhei bem, mas não tive tanto medo, eu tenho muito medo quando eu to num rio, num rio de pedra embaixo, eu morro de medo de pisar na pedra embaixo dentro do rio, as pedrinhas sabe, eu tenho medo que tenha alguma coisa, um bicho e eu me criei entrando no rio de pé descalço, agora quando eu entro, entro de chinelo. Então é bom experimentar, porque é uma coisa que já sabia, até se nunca tivesse feito, tudo bem, mas é uma coisa que já fez e acho que vai perdendo.

Sapatilha – Quando eu cheguei a primeira coisa, foi aquela vista linda, aquele caminho, aí ta, eu comecei olhando o tamanho daquelas árvores para tentar ter noção, senti vontade de olhar para ver o tamanho delas e do meu tamanho naquele lugar, daí eu fui aos poucos descobrindo uma textura diferente nos solos, durante aquele passeio. Em baixo das árvores era bem fofa, amortecia assim, aí depois já ia diminuindo, aí bem na beira da estrada ainda tinha um pouco e aí depois começavam as pedras. Eu achei bem legal esta forma de sentir o solo que eu estava pisando, que dependendo, no mesmo caminho, dependendo de onde eu ia, por onde eu ia, eu sentia ele diferente. Bem no início, a sensação que tive foi aquela coisa de início de manhã, frescor no ar, sensação bem fresca, estava bem fresquinho, daí a estrada mudava, tinha cheiro, cheiro de esterco, cheiro dos animais, daqui a pouco eu olhei para o lado e tinha plantações, tinha Girassóis,

tinha pessoas passando e conversando, carro, daqui a pouco era só nós na estrada, daí ficava aquele silêncio, dava para ouvir bem os passarinhos, os sons. Eu caminhei já, desde o início, depois que descobri o solo eu resolvi que queria fechar os olhos, só que daí a gente teve que apura, é que eu achei que era bom, que eu conseguia sentir melhor, ouvir melhor com os olhos fechados. Na hora de abraçar a árvore e também fiquei um pouco com medo, assim, de pisar. Eu pisava... formiga, sei lá, mas dava pra sentir as folhinhas assim, o pé e tal. Só uma coisa, quando tu falou da cor, tu falou aquela mesma cor e eu fiquei que cor? Daí depois eu pensei, não uma das atividades cada uma deve escolher uma cor. Eu achei que eu não me soltei tanto para fazer o contato com a árvore, diz um pouco, mas não sei também é que as vezes passava gente, influencia na forma com que tu ta... Acho que foi isso. Ah não, tem uma coisa muito importante, quando a gente tava indo caminhar eu pensava, tava louca para chegar no final da estrada, e eu queria chegar no final e olhar e ver como é que é a vista do outro lado que eu tava pensando, mas depois a gente pegou e foi, outro dia eu venho e vou.

Caleidoscópio – Não fomos até o fim.

Tênis – Eu não tirei a meia de medo de bicho, de picada, eu vi que tinha umas formigas ali, daí eu disse não vou tirar a meia porque podem me picar, mas mesmo assim eu senti, coloquei o pé na árvore para sentir a textura e tudo. Acho que foi gostoso, senti uma energia legal assim, eu gostei de abraçar, me senti a vontade com a árvore.

Sapatilha – É na verdade eu nunca tinha tocado numa árvores deste jeito né, de abraçar.

Tênis – É uma coisa estranha, diferente.

Sapatilha – Eu nunca brincava de árvore, mas de pular, de subir, mas nunca prestando atenção...

Tênis – De sentir a energia.

Sapatilha – É. E ver e passa teu corpo e senti a diferença, passa o pé, aí tem um galho, sabe.

Coração – Eu era muito próxima destas coisas, a árvore. Tinha uma goiabeira que eu sabia até, falta um galho aqui de tão próxima. Mas uma coisa bem doida também, quando eu tava abraçada na árvore, não sei se vocês ouviram, mas um passarinho gritou, um grito diferente, parece que ele disse: -sai daí, essa árvore

é minha... (Risos) A hora que eu estava abraçada foi bem legal. Eu tive essa sensação, ele deu um gritou bem pertinho.

Tênis – Que mais... Da venda.

Coração – Muito bom.

Tênis – Eu fiquei com medo, mas depois me senti mais segura assim, e fui aproveitando e percebi como agente percebe as coisas nos outros sentidos, as vozes ficam muito mais altas assim, e engraçado quando tu mudava de ambiente sentia calor, quando a gente passava nos corredores eu acho, eu sentia um calor, aí quando entrava numa sala tu sentia um arzinho, um ambiente mais fresco assim, e tocando também, tentava imaginar aonde é que eu tava, me perdi totalmente eu achei que estava em outro lugar. Mas isso eu achei muito engraçado, das vozes, o cheiro também, eu sentia o cheiro do perfume das pessoas, ou dos lugares, a sensação na pele da temperatura e tocando também nas coisas que a Mari escolheu para eu tocar, na velocidade, engraçado que quando a Mari me pôs a correr eu sentia o vento de maneira diferente, sabe. Eu acho que a gente usa muito mais a visão e esquece os outros sentidos, eles não são tão aguçados e, assim, a gente deixa eles muito mais sensíveis. Muito bom isso. Eu acho que eu já fiz este exercício, mas não sentindo assim as coisas como eu senti desta vez.

Fone de Ouvido – Eu me desestabilizo total. Eu tentava pensar nisso, o objetivo disso eu não sei, mas de tu confiar no outro. Eu lembrei aquele que tu te joga pra trás e as pessoas te pegam assim, é uma forma também que tu confia na pessoa, né.

Tênis – Aí tu senti as coisas na tua volta. Tem que confiar.

Fone de Ouvido – Ele não vai me deixar bater em nada. É uma questão de confiança no outro.

Coração – É também, mas mesmo assim eu sabia que tu tava bem pertinho de mim, ela me pegou bem de pertinho e eu sabia que estava segura com ela, mas me desestabiliza eu não estar com o controle de ver e de ouvir e também mais ainda de ouvir, então me desestabiliza toda eu fico parece que alguma coisa vai bater em mim. Aí quando a gente passou ali, alguém bem pertinho já ia pegar em mim, mas eu senti que mudava o ambiente, senti essas coisas, só que mesmo assim me desestabiliza ou é uma coisa que tem que fazer mais vezes, porque mesmo assim eu sinto, sinto o olfato também, sinto a troca de ambiente, mas acho que o medo é maior e não me deixa prestar a atenção, daí nas coisas. E eu já tinha feito esta

atividade na Pedagogia, nas aulas de Educação Especial, mas aí tinha outro objetivo e coisa e tal, mas igual eu senti medo.

Tênis – Eu não senti medo.

Sapatilha - Eu só deixava minha mão assim sempre na frente...

Tênis – É que parecia que tinha um negócio na frente e bum, ia bater.

Coração – Eu me senti uma pata caminhando, que eu ia assim sabe, parece que já vai, que tinha alguma coisa, então eu ia devagar e quando a Mari colocou minha mão no corrimão eu me senti segura e eu ia sentindo que tinha o corrimão, percebi que era uma escada também né.

Sapatilha – Mas eu acho que tem uma coisa que é bem importante, que eu me senti bem segura, porque a Vanessa ficava bem próxima, acho que depois em ti me dei conta que eu ficava de frente, que é bem diferente, ficava o tempo todo me pegando pelas costas que dava, eu botava aquela mão e deixava ela por aí, mas eu senti que eu tava sendo bem, tava sendo guiada... e é legal fazer o inverso, porque eu ficava pensando o que ta passando na cabeça dela agora, e botava cadeira e sentei num banco e ela ia, eu puxava e ela ia. (risos). E de procurar também coisas pra... tu sentiu o gel?

Tênis – Senti que tinha água, mas aí resolvi tirar. Mas é interessante quando a gente ta conduzindo a gente fica olhando o espaço pra ver o que a gente vai fazer ela sentir, assim algo de diferente, buscando coisas né.

Coração – Eu já sou desorientada então quando foi a Mari eu disse pra ela: deixa eu me orientar onde eu to, porque tava toda fora do...

Sapatilha – Depois da venda foi...

Caleidoscópio – Das direções...

Sapatilha – Das direções no espaço.

Fone de Ouvido – Foi o mais difícil.

Sapatilha – É bem desafiante.

Fone de Ouvido - É que chega uma hora que tu não sabe mais o que tu vai fazer...

Sapatilha – E eu não queria repetir e eu acabei repetindo, e eu ai...

Tênis – Eu repeti muito...

Sapatilha – Mas é que não, não...

Tênis – Mas eu senti que foi diferente também, porque daí a gente experimentou mais...

Fone de Ouvido – São duas coisas pra pensar na cabeça, qual é a altura, a direção, o que é que eu vou fazer em baixo, o que é que eu vou fazer em cima, o que eu vou fazer, se vou usar os braços... É muita informação assim, muito rápido... aí tu acaba repetindo.

Sapatilha – Mas eu achei bem bom, porque ele te obriga a mudar.

Fone de Ouvido – É o pensamento rápido.

Coração – E eu de novo fui fazer o “sapinho” ali e a perna não ajudou, daí até que foi, só que foi pra mudar, pra mudar a direção. Eu queria fazer, mudar rápido do sapinho para outra coisa e a perna “hum”, travou o joelho, a coxa.

Sapatilha – Mas é a que trancou?

Coração – É sabe não tinha força tipo, porque é muito sedentária eu acho tu não, não exercita. Sabe quando dói o músculo, daí eu não consegui trocar e comecei a cansar, cansar rapidinho. Eu já tava morrendo a hora que eu tava deitada. Eu já tava morta.

Caleidoscópico – E qual é a diferença de hoje fazer este exercício e da outra vez? Ou teve ou não teve diferença, como foi isso?

Coração – Eu senti diferença, também eu senti hoje que eu trocava mais rápido, eu senti igual que eu conseguia ir fazendo mais rápido, mas mesmo assim cansou entendeu, cansou igual.

Tênis – Eu achei diferente também, achei que a gente criou novas possibilidades, a gente tava mais ágil também.

Coração – É. Aquele dia parece que eu era só uma coisa, eu não pensei assim aquele dia mexer com os braços, mexer com as pernas diferentes, parecia que andar era só assim sabe, eu não sei é limitado. Hoje eu mexi mais os braços, as pernas para tentar criar outras maneiras de fazer.

Sapatilha – Eu acho, que com certeza, agora me vem mil coisas que poderia fazer de diferente para não repetir, na hora não vinha. Agora pensando eu já sei, numa próxima tem muito mais coisas pra fazer, que eu nem tinha me dado conta.

Tênis – Mas eu acho que só a gente fazendo para ter ideia de que tem outras né.

Sapatilha – Aí tu lembra que tu tem tão pouco, que poderia explorar mais.

Coração – Reforça a ideia crítica daquele dia, que é fazendo, fazendo, fazendo, fazendo que tu vai pegando eu acho.

Caleidoscópico – Novo repertório.

Tênis – Novas formas né.

Caleidoscópio - As vezes não é nem pensando, só fazendo.

Tênis – Mais exercício. Depois desse qual que teve?

Fone de Ouvido – Foi a massagem!

Tênis – A não foi o rolo.

Caleidoscópio – Não, daí foi o do objeto.

Tênis – É verdade, tá.

Fone de Ouvido – Viu, teve bastante coisa hoje né.

Tênis – O rolo foi bom.

Coração – O rolo foi show, não tem.

Tênis – O rolo tem ideia de conjunto, de grupo. Se a gente não rolasse, todos tinham que rolar pra pessoa se mexer, então eu olhava aqui daí a Nice tava virando eu tinha que virar também, aí ia virando...

Sapatilha – Ai eu morro de medo de deitar em cima. Daí eu esmago agora (risos).

Coração – Eu também tava preocupada, mas quando eu deitei, eu relaxei.

Tênis – É que é um corpo, com outro corpo. Será que eu vou amassar elas, sei lá. E isso aí também foi legal, diferente assim, vou deitar em cima das gurias aqui.

Coração – É diferente do que a gente faz.

Caleidoscópio – E a gente percebe vocês não relaxam, quando quem ta em cima não relaxa.

Tênis – Eu acho que a ideia de que tu ta amassando o outro, ta pesando, aí tu não quer.

Caleidoscópio – Mas quando tu ta em baixo, tu te sentiu em algum momento pressionada?

Tênis – Não!

Caleidoscópio – Pois é.

Tênis – Por isso, eu acho que em baixo foi até a sensação melhor...

Coração – Quando eu tava em baixo eu tenho “cosquinha” aqui ó, deste lado aqui ó, nesta parte aqui ó, ou aqui, ou aqui, daí quando virava e alguém tocava... bem legal. E a outra de fazer a...

Caleidoscópio - A mobilização dos ossos.

Coração – Ai foi muito show. Nunca tocava meu pé.

Tênis – E relaxa né. Tocar relaxa, vai relaxando.

Coração – Eu consegui visualizar bem direitinho o corpo, isso aqui do pé assim ó, a parte que sobe do esqueleto, dos dedos, bem legal. Aí eu senti o resto, o excesso de carne (risos). Cadê o osso.

Sapatilha – De gordura. Eu senti o excesso de gordura, não chega no osso.

Coração – Cadê, cadê... Mas muito bom. Até o meu joelho, é difícil de achar os ossinhos.

Tênis – É, em algumas partes foi difícil de achar mesmo.

Coração – Na perna eu só senti porque eu botei a mão e sentei em cima, daí aperta daí eu sinto, agora assim ó...

Caleidoscópico – E como vocês percebem antes de mobilizar e logo depois que vocês mobilizam. Tem diferença ou não tem? E como é que é isso?

Sapatilha – Ai a gente conhece o corpo fazendo por exemplo assim, todos eles, a gente olha, explora o corpo de diferentes formas.

Coração – Eu ficava pensando nossa, daí eu fui fazendo primeiro com uma mão, daí eu peguei as duas, daí eu pensei nossa como é grande a panturrilha sabe, nem tinha prestado atenção nisto. Ou se não, ai como pode se um joelho tinha o outro pra um lado, se o outro não tinha, mas é claro que tem. Só que eu não toquei tudo do mesmo jeito quando fui tocar, sabe.

Tênis – Eu acho que da uma consciência de como é o teu corpo, de que tu tem aquilo ali também.

Fone de Ouvido – E tu não para pra pensar como ta né, aquela parte.

Tênis – Tu não, simplesmente tu não te liga que tu tem teu dedinho ali que tá amassado, tá apertado ou sei lá, tá sufocado. Acho que é isso, assim ó, a consciência que eu tenho com meus dedinhos, os ossos aqui. É isso que eu senti assim.

Caleidoscópico – Gurias e para as que tavam no último encontro, o que vocês acham que... gerou alguma coisa de desconforto, de alguma parte que vocês de repente perceberam e se assustaram ou descobriram e não sabiam, ou ainda isso é ainda uma coisa meio velada. Isso ainda ta meio, eu não me descobri ainda, ainda não descobri muitas partes que eu não sabia ou já se conhecia bem o corpo, eu já sabia destas partes, fora a Nice que falou do dedinho que quase nunca tocava no pé... Outras sensações desde... batimento cardíaco senti, senti que acelerou, senti que eu cansei, eu senti que eu...

Fone de Ouvido – Ai eu senti que eu cansei. Na atividade do... como que é o nome daquela que tem que correr?

Tênis – Mudar de direções.

Fone de Ouvido – Mudar de direções é essa aí, o fôlego no final.

Coração – Outra coisa que eu senti nessa é meu joelho, quando eu fui mudar de posição, uma hora que eu fui engatinhar e meu joelho dói muito, eu nunca tinha percebido isso, ou eu nunca tinha engatinhado ou nunca tinha engatinhado mais.

Tênis – Engatinhar dói.

Coração – É, eu nunca tinha feito mais isso então.

Tênis – Eu senti o pulsar do meu coração, senti assim ó... não sei se eu sou mais forte ou se eu percebi assim, foi uma coisa engraçada, achei bem interessante assim sentir o coração.

Sapatilha – Eu não sei, não consigo imaginar que um dia a gente vá conhecer tudo o que o corpo da gente possa oferecer, de conhecer ele, de descobrir algum espaço, do que ele pode ser provocado o sentido, não sei, parece que é milhões de coisas que tem, são infinitas assim.

Coração – E eu acho que cada dia é diferente né, tem dias que tu tá mais disposto a... tu te concentra mais, tu te liga mais no que tu tá fazendo com o corpo e outros dias não, outros dias menos, acho que tem isso também. Foi o que a Mari falou no outro dia lá do banho né, que ela disse que gosta de ficar sentindo o banho, na hora do banho que ela presta atenção e eu fiquei pensando, quando que eu penso nisso? Até escrevi no caderninho sabe, mas quando que eu penso no meu corpo? Nunca. Agora sim.

Sapatilha – Depende... Quando a gente tá exausta.

Coração – É, mas eu não penso nos detalhes. Geralmente quando eu to cansada é a cabeça, não é o corpo. Quando eu venho pra cá e passo o dia inteiro aqui na Universidade sentada ou fazendo alguma coisa e escrevendo ou falando ou fazendo alguma atividade eu volto muito cansada, muito cansada, muito cansada, mas é a minha cabeça porque o corpo em si eu não fiz exercício nenhum praticamente, caminho um pouquinho agora até chegar em casa, mas não é, e passava sentada, só que o corpo senti igual, me dói as pernas, me dói o quadril e eu sinto assim a cabeça cansada, é um cansaço diferente.

Tênis – Mas tu tava falando das possibilidades né, de tantas possibilidades que a gente não imagina, mas as vezes eu acho que não é porque a gente não

queira fazer ou não queira sentir, mas a gente tem que pensar que tem que permitir isto para o corpo, que ele se exercite.

Sapatilha - Mas é bem isso. E estar disposto a... é muito, tem coisas que a gente não tá disposto a tocar, sentir, a conhecer.

Caleidoscópico – Tu teve alguma parte Mari que não, algum momento?

Sapatilha – Não. Não sei, mas assim... eu acho que... não sei, antes a Mari falou do banho e eu lembrei de uma coisa assim, as vezes eu to cansada ou eu to muito estressada e eu, parece que eu preciso, eu vou pro banho daí eu sinto aquela água batendo, mas é quando eu me permito fazer isso. Porque tem outras vezes que eu não, não dou atenção. Ontem eu sai correndo tomei banho, meu corpo queria, sei lá, pega e dançar, tipo eu não senti, eu não parei e as vezes eu me dou conta sabe, que eu faço tão automático e não presto atenção e é bem raro assim, quando eu penso ai, não sei, ou deito daí eu sinto assim sabe, não sei no sofá, sabe aquela sensação que dá quando... diferente, só que é, não sei, não é sempre que a gente presta atenção nessas coisas no que o corpo quer, no que ele ta pedindo.

Coração – As vezes tu precisa fazer algumas coisas que o corpo não quer.

Caleidoscópico – As vezes ele pedi e tu não sabe dizer o que ele pedi?

Sapatilha – Também... Ou as vezes ele pedi e eu não obedeço.

Caleidoscópico – Tu não obedece, ah.

Sapatilha – Meu corpo anda pedindo uma coisa que eu não faço a muito tempo, que era sair pra caminhar e hoje eu fiz, e eu sabe o que é, eu tenho vontade e eu, as vezes eu não... ah não, eu não vou fazer isso agora, vou fazer outra coisa, mas é uma coisa de corpo... acho que é o corpo não sei se é a mente, mas é aquela sensação, aquela vontade de fazer alguma coisa.

Coração – Pois é... e essa vontade será do corpo ou da mente? Como que a gente sabe que a vontade de caminhar é do corpo ou é da mente?

Sapatilha – Acho que é dos dois.

Coração – Hum.

Caleidoscópico – Mais alguma consideração meninas? Vou fechar então.

3° ENCONTRO**# Dia 07/12/2012 – das 09h às 12h - Espaço Vitório Fachin (TUI)**

Caleidoscópio – Bom, gurias hoje eu queria que vocês falassem como vocês chegaram aqui, como estava o corpo de vocês quando vocês chegaram e como ele tá agora.

Fone de Ouvido – Ativo. Modo ativar, tava dormindo quando eu cheguei aqui.

Sapatilha – Eu também, tinha caído da cama cheguei com muita dor nas costas aí, agora to aqui pingando, bem faceira, passou o sono e passou a dor.

Fone de Ouvido – É verdade.

Tênis – Pra que café né, as pessoas tomam café pra acordar, só que esta aqui é a melhor maneira de acordar, e a gente acha que vai ficar cansado depois né, só que não, tu fica...

Fone de Ouvido – Mais ativa.

Tênis – É, ativo, ligado, acordado. E a dor parece que some também, isso que é engraçado, eu tava morrendo de dor nas pernas ontem e acordei um pouco ainda e agora eu to, não sei, parece completa assim, não sei explicar mas... toda assim, toda, toda...

Fone de Ouvido – Inteira.

Tênis – É.

Fone de Ouvido – Não em pedaços.

Coração – Eu também, eu tava bem cansada né, de caminhar ontem um monte, da academia, só que daí é um cansaço diferente, não é... e outra coisa que eu fiquei comparando com a academia, agora eu acabei de falar: nem vou na academia hoje, mas aí eu fico comparando, é diferente também da academia, porque na academia eu faço lá uma coisa mais mecânica que é musculação né, é esteira e musculação, é uma coisa mecânica eu nem presto atenção no que tá mexendo, diferente daqui que a Camila, tu puxa a gente pra focar, pensa no corpo, pensa no pé, pensa no pé tocando o chão é uma coisa diferente assim...

Tênis – É uma fluidez, é uma fluidez. E quando eu saí da academia, agora tu falando Nice, me despertou para pensar nisso é dores locais ou uma sensação tu tá ativo, tu tá ligado, mas tu tem aquelas dores assim, tu tá fazendo aparelho por aparelho, tu faz este músculo, tu faz este músculo e aqui é uma, é movimento, é

leveza ao mesmo tempo força, rigidez e é completo assim, a sensação que envolve sentimento também.

Coração – E o corpo já percebe, agora sai e parece que perde né, e relaxado sabe, muito mais relaxado do que na academia é uma sensação muito diferente, bem gostosa, bem completa bem como a Vanessa fala, é mais completo mesmo porque dá esta sensação de relaxamento e de bem estar e na academia eu não sinto isso, eu vou porque... eu não sinto bem estar.

Sapatilha – É que na verdade, é um exercício diferente daqui do que uma academia, técnica, aqui ela nos provoca a criatividade, expressão, velocidade, direção, várias coisas em conjunto...

Coração – É, bem completo.

Sapatilha – Que não é, não fica repetindo movimento tem que criar, tem que imaginar, tu tem que sentir, tu tem que pensar, sei lá se colocar que nem esta questão da infância, lembrar e ir para um outro lugar e tentar reproduzir alguma coisa que faça simulação com aquilo, construir o movimento e acho que é isso, acho que foi o corpo movimentado de outra, de diferentes formas, são outras formas que neste espaço a gente movimenta, que em casa, que na escola, que na universidade, que na academia... é diferente.

Tênis – É verdade Mari. É assim ó, é tu pensar por exemplo esse exercício da infância, é tu lembrar do exercício e sentir no corpo, daí aquela ideia de pensar e sentir no corpo, ta junto assim, daí eu brincando ali eu lembrei daquela sensação no corpo de tá escondida e aquela adrenalina que da, eu acho que é isso então, a gente é emoção ligado com movimento, ligado com lembrança, música... tu tá te exercitando e suando e fazendo exercício, mas ao mesmo tempo tu ta sentindo, lembrando... é um conjunto.

Coração – E a mesma coisa com a brincadeira foi bem doido, eu adorava brincar quando eu era pequena, e tinha vontade de repetir ela de novo, nunca mais tinha feito e eu sempre lembrava, daí agora eu achei uma sensação estranha de girar, porque gira muito, dá um mau estar na cabeça, mas ao mesmo tempo é bom a hora que tu cai no chão, é muito divertido é divertidíssimo cair no chão e olhar tudo girando é muito divertido.

Sapatilha – Eu acho que o mais legal é que as atividades dela provocam um desconforto... imaginar uma posição que eu consiga ficar ligado ao colega se dá aquela coisa que desacomoda os movimentos.

Coração – Repetitivos. Se a gente for pensar, a gente faz sempre a mesma coisa né, mesmo no caso, faz sempre igual assim, levanta, senta, deita não faz muita coisa a não ser, não se desafia muito mesmo a fazer coisas diferentes com o corpo e acaba criando-se nada, que nem a gente comentou aquele dia, aquele hábito de sempre fazer do mesmo jeito... não percebe outras coisas que podem fazer...

Caleidoscópio – Os mesmos repertórios.

Coração – É. E a tendência é sempre parar o corpo, quase todos assim... digamos tu tá em casa, tu logo dá um jeito de sentar ou tu dá um jeito de parar, tu não ficar correndo dentro de casa, nem caminhando, nem fazendo muita coisa, tu cansa e quer parar e sempre igual tu nunca faz muita coisa diferente dentro de casa, e se tu sai também tu sai e senta lá, se tu vai para a universidade senta, ou quem é criança vai pra aula e senta...

Caleidoscópio – Gurias e destes jogos que nos fizemos hoje, desde o das “velocidades”, o “jogo de afetações” cada ação uma reação... qual dos jogos que nós fizemos hoje, depois o do “contato improvisação”, qual foi mais significativo pra cada uma de vocês?

Fone de Ouvido – Pra mim foi o contato improvisação sem dúvida.

Caleidoscópio – E por quê?

Fone de Ouvido – Ai não sei... eu me senti bem assim, achei interessante ter que tá em contato com o outro, fazer um movimento a partir do outro, eu achei um exercício interessante e achei que funcionou bem assim... eu acho que a gente é um pouco assim, expressa um pouco da nossa relação com a vida mesmo, porque a gente, a vida é assim a partir do outro, da interação com o outro, eu acho que expressa um pouco da nossa vida, que a gente precisa tá mantendo este contato e acho que é isso que nos constitui sabe, a gente não vive sem esse conceito de interação com o outro e muitas vezes tu vai ter que se moldar realmente ao outro, tu vai ter que se encaixar ali pra poder... eu me senti bem, gostei.

Sapatilha – Eu gostei, mas eu acho que pra mim hoje o mais desafiador foi o slow-motion, o devagar...

Caleidoscópio – O das velocidades.

Sapatilha – Porque eu tenho bastante dificuldade na dança quando é um, quando troca o ritmo que eu to habituada bem devagar eu me perco, eu consigo

fazer tudo rápido e não consigo fazer o devagar e eu senti bem no início depois eu comecei a pegar, mas eu achei bem difícil me experimentar nesse tempo.

Coração – E esse que a Mari falou, que a Marilene falou foi o último que a gente fez, que a gente fez junto?

Caleidoscópio – É contato improvisação.

Coração – Esse também foi o que eu mais gostei.

Caleidoscópio – Mais significativo?

Coração – Eu senti assim que quando o outro te desafia, porque eu to numa posição que daí o outro faz outra diferente que me desafia a mudar a minha totalmente, e que se eu fizesse sozinha eu não ia mudar tanto, mas daí como o outro me deixa numa posição que eu tenho que mudar entendeu, depende como o outro tava eu tinha que mudar totalmente, sozinha eu não, talvez não conseguiria, não ia fazer de começo no caso, depois com o tempo de repente, mas assim agora...

Sapatilha – Eu achei difícil aquele que era pra gente se afetar caminhando, não sei, demorou, não sei, não entrou no jogo... eu olhava pra uma daí eu pensava, daí eu me perdia, não sei acho que acaba, não sei te afeta com várias coisas, mas não com, não fica focado num...

Caleidoscópio – Mas este é um jogo bem difícil.

Sapatilha – É.

Tênis – Precisa de muita concentração.

Caleidoscópio - Porque as vezes a gente se fecha e aí tu diz assim, eu só vou afetar eu vou me movimentar e quero que a minha colega reaja, mas ela também que te afetar, aí tu não te abre pra te sentir afetado e esse jogo tem que ser muito verdadeiro.

Sapatilha – Mas é, e as vezes eu percebia que eu tava tão preocupada em fazer algum movimento que...

Caleidoscópio – Tu não sofria afetação.

Sapatilha – É, daqui a pouco eu vou voltar aí eu olhava, eu ia e voltava assim, mas eu achei que ele exigiu bastante e aquela coisa, tu quer que aconteça, eu queria ver eu conseguir me afetar.

Tênis – Talvez porque foi a primeira vez que a gente fez não sei.

Sapatilha – Com certeza. Se a gente fizer de novo vai sair outra coisa, como todos né.

Tênis – Eu também vou concordar com as gurias, eu gostei também desse dos movimentos.

Caleidoscópio – Contato improvisação.

Tênis – É eu acho que foi bem como a Nice falou, é um movimento fluído que ao mesmo tempo que a Nice fez, eu ia e fazia e aí saia e não tinha muito pensar e isso aí deve ser bonito de ver também, as formas que vão surgindo e depois a gente se encontrou com as gurias e aí foi fazendo assim, eu acho que tem que ter ligação com o outro sabe e o que o outro vai provocar de movimento, que daí vai fazer um outro movimento.

Coração – Este eu senti que a gente conseguiu fazer mais sem pensar. A gente não pensou, foi fazendo.

Sapatilha – Só que a gente perdeu a ordem, não tava segura as vezes...

Caleidoscópio – Duas se movimentavam ao mesmo tempo.

Coração – Isso foi de quatro, eu digo de dupla eu acho que funcionou melhor, a de quatro eu acho que não, a de quatro a gente pensou mais pra fazer.

Fone de Ouvido – É que a gente já tava no ritmo da dupla certo e aí quando vê entrou mais duas, aí ficou mais perdida.

Caleidoscópio – E poderia ter entrado mais seis, mais oito, mais dez.

Fone de Ouvido – A gente fez no grupo esta uma vez, não fez?

Tênis – Fez, mas naquela vez não tinha tanta concentração era muito mais uma brincadeira, uma coisa todo mundo rindo e não sei acho que quando eu fiz com a Nice senti que teve concentração e foi indo assim.

Coração – Foi indo né, eu também senti.

Caleidoscópio – Mais alguma consideração de como vocês se sentiram hoje? Bem, cansadas como já tinham dito que passou mais alguma consideração? Da seleção de jogos que a gente fez hoje.

Coração – Sabe que eu to gostando de mais, não sei se é porque a gente ta aqui depois vai terminar e daí vai dizer agora que eu tava gostando acabou, to gostando mais não sei, hoje eu achei diferente, mas não sei dizer o que.

Fone de Ouvido – É! Quando acabar a gente vai sentir falta. O lugar também.

Tênis – Parece que a gente, eu tenho a sensação que começou agora.

Fone de Ouvido – É que é a primeira vez.

Tênis – É acho que é pela mudança de lugar... e a primeira vez foi diferente da segunda que foi diferente da...

Fone de Ouvido – Aqui eu me senti melhor... tem mais, sei lá, mais liberdade... sei lá, porque é um teatro.

Sapatilha – É que tem uma plateia nos assistindo (risos)...

Fone de Ouvido – To me sentindo no teatro.

Caleidoscópio – Então tá gurias, as minhas dúvidas eram estas em relação a hoje, era mais importante mesmo saber como é que vocês tinham se sentido quando vocês chegaram e depois quando... agora, porque se estabelece uma outra relação, cria uma outra atmosfera corporal. E acho que vocês responderam muito, muito, muito bem aos exercícios, não são fáceis estes exercícios nem pra quem tá habituado, nem pra quem tá habituado a trabalhar com isso não é fácil, o da afetação então é um desafio, é um baita de um desafio o da afetação, justamente por isso, porque as vezes eu me fecho pro jogo e só quero propor, propor ou as vezes eu só quero ser afetado, afetado e tu tem que mediar, as vezes tu tem que afetar e tem que ser afetado, eu virei o ventilador pra vocês quase ninguém sentiu o vento, a música, vocês até embalaram né, então tudo que vier, se eu abrisse uma porta...

Sapatilha – Ai tua trilha sonora hoje tava “mara”.

Caleidoscópio – Ótima? Ai que bom...

Coração – Show de bola. E como interfere.

Tênis – Cria um espaço, compõe.

Fone de Ouvido – Na hora do sambinha eu queria sambar.

Caleidoscópio – Isso, isso, na verdade é isso Mari, como tu te sentiu afetada pela música? Com vontade de sambar.

Sapatilha – Ai cantar.

Caleidoscópio – Cantar, de dançar.

Tênis – Eu acho que gera uma sensação, um negócio, uma atmosfera mesmo com o espaço, com a música, com as pessoas, com o movimento e tudo né, que nem a gente na, quando a gente foi lá caminhar era tudo também, era o espaço, era o som, sensações bem diferentes... e dá pra notar isso... passa na lembrança da gente depois.

Caleidoscópio – Isso é muito bom... Mais alguma consideração? Estão podres?

Coração – Não, até que não.

Caleidoscópio – Então tá gurias quero deixar mais uma vez o meu agradecimento sincero, porque gurias quem faz isso são vocês, são vocês que propõem isso e sabe que toda vez que eu penso e desde o primeiro dia eu pensei em todos os jogos que eu ia usar nestes quatro encontros, do primeiro ao último, tentando mesclar justamente um que desse “pique”, outro que desse, que trabalhasse a questão da consciência... e quando eu escolho os jogos é justamente pra desafiar vocês e vocês estão anos luz na frente gurias, anos luz, pra quem não tá habituado eu digo, pra quem não tem o hábito de fazer este tipo de jogo... vocês se jogam, vocês se propõem de um jeito fantástico... o contato improvisação é um dos meus jogos preferidos também e faz muitos anos que eu não faço assim, como eu fazia antes e fiquei muito feliz com o resultado, se saíram muito bem... é obvio né gurias, não tem certo e não tem errado, eu digo vocês se saíram muito bem no meu, sob meu olhar entende, pra mim foi fantástico, não existe certo ou errado... e era isso, muito obrigada.

Tênis – Eu acho que o legal é a gente se propor também, tem que se jogar pra fazer a princípio assim, a gente tá querendo fazer.

Sapatilha – A gente tem uma relação, eu acho não, tem uma relação de confiança entre nós todas.

Coração – Só que tem uma coisa que eu penso, que isso aí não se dá do nada, eu acho que essa coisa da gente tá disposto a fazer começou lá no grupo, começou com aquele dia que a Camila propôs.

Sapatilha – Quando a gente conheceu isso, essa ideia.

Coração – Daí foi uma coisa aos poucos, não foi do nada.

Tênis – Porque se fosse pessoas que assim, diferentes que não tivessem uma ligação e se nunca tivessem feito? Seria totalmente diferente.

Caleidoscópio – Com certeza.

Sapatilha – É e a gente já se conhece, já tem convívio, já tem toda uma... alguma outra coisa além que já nos uniu.

Tênis – Claro.

Coração – E já fez esse exercício em aula.

Tênis – Mas e mesmo que já tivesse tudo isso, mas já tivesse feito poderia ter gente que não vai se propor, que não consegue ou não necessariamente que existe laço...

Sapatilha – Não.

Tênis – Será que não?

Caleidoscópio – Tu tá trabalhando uma linguagem diferente, que é a linguagem corporal e tem gente que por mais que nós sejamos amigas...

Tênis – É isso que eu queria saber...

Caleidoscópio – Eu acho que não.

Tênis – Que já tivesse feito isso.

Caleidoscópio – Nós temos exemplos dentro do próprio grupo gente. Quantas pessoas que quando a gente propõe na sexta-feira e que diz assim, eu não vou fazer...

Coração – É e não que nem saber.

Caleidoscópio – Somos amigos, temos os mesmos laços, algo em comum que é o que? É o grupo, é o estudo é a orientadora, são os amigos...

Sapatilha – Mas depende de cada pessoa, também a relação como corpo e, com tudo, mas eu acho que aqui entre nós a gente tá criando, eu me senti hoje bem mais a vontade do que na semana passada.

Coração – É que vai criando um...

Sapatilha – Apesar da gente se conhecer a tempo é uma coisa que não é do nada, eu acho que vai sendo construída essa relação, ela não tá pronta.

Coração – E o ideal, pena que não tem tempo, mas o ideal era fazer vários até a gente, por que a gente vai progredindo.

Caleidoscópio – Com certeza.

Coração – É a mesma coisa que, ao contrário do outro...

Caleidoscópio – Se a gente parar pra pensar no primeiro dia, como vocês estavam no primeiro dia e como vocês estão hoje.

Coração – Já da pra ver que vai mudando, que vai progredindo.

Sapatilha – Quando que ficou o próximo?

Caleidoscópio – Pois é, o próximo ainda não ta agendado, mas é pra semana que vem né gurias.

4° ENCONTRO**# Dia 17/12/2012 – das 22h às 24h – Espaço Vitório Fachin (TUI)****Caleidoscópio** – Primeiro pelo que tu te representou.

Tênis – Tá. Eu comecei com cores e movimentos, eu acho que eu to muito ligada a movimento e não consigo ficar muito parada e cores no movimento, aí eu peguei imagens que representam também pessoas em movimento, uma mulher que tem momentos que eu to mais... outros momentos eu to mais moleca eu botei uma criança caminhando, pessoas dançando, se movimentando. Acho que minha vida é isso, energia e movimento e acho que meu corpo representa mais ou menos isso. Cores e... fortes, cores fortes, não sou muito do fraquinho, sou muito intensa eu acho e meu corpo também tá nisso no movimento, na intensidade, no cair pra dentro mesmo, quando eu to nas coisa eu... é isso aí.

Caleidoscópio – Mais...

Sapatilha – O nome desta obra linda é “Marília em movimento”, eu tentei mostrar que não é parada e o colorido eu acho que é isso, acho que é a alegria, é animação, é... não sei, acho que o prazer do movimento, tá não sei mais o que explicar, mas era... eu pensei quando tu falou em movimento... deu.

Caleidoscópio – Tá, perfeito. Quem mais...

Coração – Posso falar? Então, eu coleí uma imagem sem forma definida e eu escolhi, não sei se dá pra ver, mas no fundo é o mar, mas é que este movimento do mar que eu escolhi na imagem, e o movimento, e essa cor azul que eu coloquei ao redor aqui também quer dizer o movimento, mas não é o movimento da Marília, não é o movimento do meu corpo, muito pelo contrário eu acho que o meu corpo é bem parado, mas é que o movimento que eu digo é o da mudança e daí ao mesmo tempo eu não consigo me desligar da ideia da figura do objeto que eu escolhi, por isso, que eu coloquei também a figura do coração aqui, e daí ao mesmo tempo quando eu tava fazendo eu ficava pensando... o meu corpo muda constantemente, ou seja, ele não tem uma forma definida, hoje ele é de um jeito, amanhã ele é de outro, ontem ele era de outro e fazendo essas atividades e escrevendo no caderninho, lembrando das brincadeiras de criança, e assim fui pensando, o meu corpo era de uma maneira antes, depois mudou de novo, daí eu engravidei e ele mudou... e daí um tempo eu penso nele, outro tempo eu não penso, mas o corpo tá aqui. Então, essas mudanças tão sempre presentes e por isso, que eu fiz assim,

esse azul e essas cores sem forma é a mudança... o movimento relacionado com a mudança, então ao mesmo tempo tem forma e não tem, porque o coração tem forma e a outra figura não, e ao mesmo tempo também tem, ela tem o formato, então uma coisa não exclui a outra.

Tênis – Bonito!

Fone de Ouvido – O meu eu peguei umas imagens, primeiro eu fui colocando vários olhares assim, que eu fui pensando que o corpo, que a gente se expressa pelos olhares, vários olhares, lembrei do cheiro também que pode suscitar algumas coisas em nós, algumas bocas uma séria e uma sorrindo, que também a gente se expressa assim, peguei uma mão com umas pulseiras e outra com um leque que lembra movimento também, um pouco com dança alguma coisa relacionada assim quando eu pensei nesse leque, peguei uns pés, uns pés de sapatilha e outro de salto, que daí lembra assim, várias nuances, vários momentos... um pé na areia representando mais ou menos o descanso, uma expressão de mãos mexendo que também a gente se expressa com as mãos, muito e um violão representa a música, botei umas notas musicais também pra representar a música e um fone, que tinha a ver com meu objeto que eu tinha escolhido... é isso. Ah! E a bola de futebol, a bola de futebol.

Caleidoscópio – Se eu olhar esse desenho tu tá bem representada por ele, neste desenho?

Fone de Ouvido – Acho que sim, tem várias nuances assim.

Caleidoscópio – Tu também Mari? Se eu olhar pra este desenho eu consigo te enxergar nele? Tu é isso?

Sapatilha – Pra ti eu não sei se tu consegue ver...

Caleidoscópio – Tu consegue te ver neste desenho?

Sapatilha – Eu não sei se eu consigo, é difícil representar em um desenho tudo que...

Caleidoscópio – Tudo o que?

Sapatilha – Mas eu tava aqui pensando... a ideia é do que mesmo a proposta do desenho?

Tênis – Tu te representar corporalmente no desenho.

Caleidoscópio – Te representar corporalmente no desenho, no papel, te colocar em forma, ou com recorte, ou com desenho, ou com colagem.

Sapatilha – Eu acho que sim.

Caleidoscópio – Tu também Nice?

Coração – Eu também, eu acredito que sim.

Sapatilha – É que depende como cada um vai fazer.

Tênis – Eu acho que sim também e depende da pessoa que vai olhar o teu desenho, se elas se conhecem...

Sapatilha – Não e pra ela pode ser diferente, ela pode ter outra representação do teu corpo.

Tênis – Claro! Pode ser o momento que tu vai me ver...

Sapatilha – Agora a gente vai ver um pouco disso.

Caleidoscópio – Então pode começar a representar a outra.

Tênis – Então, pra mim a Nice representa, eu acho diferente de mim neste sentido de movimento corporal, mas o que ela me representa, o que eu vejo nela é segurança, tranquilidade, paz e força, serenidade com força ao mesmo tempo. Aí eu representei com cores claras assim, com mar, o céu... coisas grandes assim, afeto... a Nice é afeto, é tranquilidade, ela me passa isso, paz e segurança e força, aí as cores com força, forte, uma pessoa forte, tem uma história de vida forte... sorriso... isso aí.

Sapatilha – Eu fiz a Marilene, pode olhar assim...

Coração – Como ela desenha bem...

Sapatilha – Muito bem!

Tênis – Tá bonito.

Sapatilha – Ou vocês podem olhar ela assim, vocês não lembram nada assim? Sabe o que...

Tênis – É de tesoura?

Sapatilha – Aquele dia que tu representou, que a Mari deitou, era pra ser deitada...

Caleidoscópio – Eu imaginei deitada.

Sapatilha – Ela pode ser em pé também, porque ela para assim... (risos)

Fone de Ouvido – (Risos) bom saber...

Coração – Viu como ela desenha bem.

Sapatilha – E quando pensou em corpo eu pensei na posição da Mari, que ela fez que me lembrou aquela posição e o jeito dela assim, e ela gosta de música e aquele dia ela tava com o fone e tal, por isso eu desenhei ela assim.

Coração – Bah agora explica essa riscaria. Marília, eu representei a Marília. A minha ideia foi fazer dois lados... de um lado é a Marília em movimento, ela me disse que ela é movimento e do outro lado eu não vejo movimento na Mari, ao mesmo tempo que ela me diz que ela é movimento interfere no que eu vejo porque ela me diz, e ela tá fazendo dança, tá fazendo aula de dança todos os dias, ao mesmo tempo eu não vejo, vejo a coisa mais, a forma mais parada do corpo... só que ao mesmo tempo tem uns resquícios do meu anterior e isso não é por acaso, porque eu fiz um e depois fiz o outro. Então isso aqui, por isso que tá misturadas as cores, estão misturadas... a minha ideia era representar o movimento pelo azul e o vermelho mais parado, só que um tem um pouco do outro também, não é só uma coisa nem outra, um pouco do movimento tá aqui neste parado, e um pouco do parado tá no movimento. Não sei se tem mais de um ou mais do outro, e por incrível que pareça eu errei na hora de botar, ao invés de botar Marília por Ionice eu botei Ionice por Marília... de repente tem a ver, eu é que não sei (risos).

Fone de Ouvido – Eu representei a Vanessa... Eu escolhi umas imagens, essa aqui do peso dela malhando que ela tá sempre falando que ela malha e aqui é a agenda lotada e com um bilhetezinho “academia” tipo: ai eu preciso achar tempo para ir na academia. Daí o salto alto, que ela adora salto alto quando ela gosta de sair, aqui na elegância e aqui o tenisinho dela pra malhar e pra correria do dia a dia, e esse aqui na falta de um símbolo melhor, pela falta de tempo, eu queria achar alguma coisa que representasse agilidade, movimento, dinamismo assim, que eu acho que ela tem bastante, que ela faz muitas coisas e faz bem feito tudo... então essa energia dela representa essa exclamação. É isso.

Caleidoscópio – Que bonito. Gurias, hoje, falando da vivência da hora que a gente chegou até aqui, o que vocês acharam ou como vocês se sentiram em trabalhar o corpo neste diferente horário, neste horário diferente.

Sapatilha – Ai eu gostei, eu emendei.

Tênis – Acho que o meu corpo buscou relaxar assim.

Fone de Ouvido – Se desligar do mundo.

Tênis – Tava pesado ao mesmo tempo tava... acabando o dia, essa sensação assim ó “Aiiiiii”, essa sensação assim de “Ai” (suspiro)... não sei explicar isso direito.

Caleidoscópio – Vocês percebem uma diferença no corpo de vocês quando vocês trabalham no início da manhã, no meio da tarde e no final da noite?

Sapatilha – Pra mim de manhã é mais difícil, aqui eu já cheguei no embalo, eu já tava mexendo ele e de manhã ele demorou acordar.

Tênis – Ele ta se energizando eu acho é uma coisa assim, se abrindo pra começar e aqui tá pesado pra relaxar, entendeu.

Sapatilha – Eu não achei pesado pra relaxar.

Tênis – Eu pra mim né, to me sentindo assim, o meu corpo tá pesado eu senti que ele tá pesado em todos os movimentos que eu faço... dá um “Ai” (suspiro).

Coração – Mas eu também, eu sinto igual de manhã e de noite, de manhã porque eu to acordando não to no pique e de noite porque eu também não to no pique, já to cansada e porque nunca fiz isso nesta hora, jamais em nenhum momento, esse horário eu fiz alguma coisa com o meu corpo era sentar a bunda no sofá, ou na cadeira, ou deitar mesmo, que ultimamente eu tava deitando cedo pro Nicki ir pra aula, então nunca fiz nada neste horário, ele demorou um pouquinho pra se acordar, ou pra perceber que eu tava fazendo outra coisa.

Caleidoscópio – Como é que este corpo responde em diferentes horários.

Coração – E de manhã também é bem parecido pra mim, de manhã ele tá acordando, tá numa velocidade lenta.

Tênis – Mas é diferente, pra mim eu sinto que ele ta se abrindo assim, tá acordando pra ficar ligado e agora eu sinto que ele tá pesado, eu to relaxada agora assim, to bem pra dormir...

Caleidoscópio – E o que vocês acharam da escolha dos jogos de hoje, qual vocês acharam mais interessante, como vocês responderam?

Coração – Eu amei o jogo de representar as cores e as frases, nunca tinha feito, foi muito show. É tão bom, é desafiador assim uma coisa que tu nunca fez e que tu nunca pensou em mostrar com o corpo alguma coisa, principalmente uma cor, e uma cor é uma coisa tão...

Fone de Ouvido – Subjetiva.

Coração – É subjetiva, uma coisa que não é palpável pra ti relacionar com o corpo só que ao mesmo tempo a gente percebeu que dá e é possível até comunicar com o corpo. Claro que as vezes é uma coisa, como a gente comentou, é uma coisa que ta antes, já dada.

Sapatilha – Eu acho que cada um, eu não sei acho que não é bem tá dada. Eu acho que cada um faz o que, claro que acaba fazendo coisas relacionadas que lembrem a cor, mas eu acho que é a representação para aquela pessoa.

Coração – Mas algumas coisas são...

Tênis – Mas tá ligado um pouco com o geral, pode ser a minha maneira de representar, mas ela lembra o geral porque vai me fazer lembrar a cor, tu fez e me lembrou, por isso que a gente adivinhava eu acho.

Sapatilha – Eu acho que não, porque quando eu fiz o roxo eu fiz uma coisa totalmente minha, eu não pensei em alguma coisa, eu pensei pra mim...

Tênis – Aí que ninguém adivinhou, mas foi o único momento que eu achei que tu buscou a tua representação da cor, os outros eu achei meio geral assim, meio...

Coração – É que são duas ideias diferentes, se tu quer fazer uma coisa representar pro outro entender, é uma coisa, se tu quer representar o que tu tá pensando pra ti, é outra coisa... Mas que foi legal foi.

Sapatilha – Foi desafiador né.

Coração – Nunca tinha pensado, imagina em mostrar o preto no corpo.

Fone de Ouvido – Lembrei da mensagem que ela mandou no celular: Ah lembrar do desafio corporal, ela escreveu lá na mensagem e foi um desafio, fez juz. Foi um dos encontros mais desafiadores em relação ao corpo a se representar, mais inovadores, diferentes, do que a gente já fez dos quatro, mais incomum.

Tênis – Mas eu assim, pela questão do horário eu achei que eu tava me sentindo mais solta, por mais que esteja mais cansada, mas muito mais solta do que no início da manhã, de manhã tu tá mais duro, ou tu não tá assim pra... agora eu tava me sentindo que eu tava mais ai sabe... como que eu posso dizer... não sei explicar direito, mais um *link* assim, eu senti um *link* mais forte.

Coração – Eu não acho pelo horário, eu também achei todo mundo mais solto, mas eu acho que é pela quantidade de vezes...

Tênis – Pois é.

Coração – Porque a gente vai fazendo, fazendo, fazendo eu acho que se a gente fizesse mais uns dez encontros ia só progredindo. Acho que ia ser uma progressão do soltar, soltar o corpo.

Fone de Ouvido – Aquela parte do, falando em soltar o corpo, que agente fez como é que é aquela do contato e...

Caleidoscópio – Contato e improvisação.

Fone de Ouvido – Contato e improvisação, eu achei que quando depois mudou que tu falou agora com fluidez, eu achei que a gente fluiu melhor, bem melhor, eu senti a tal da fluidez sabe.

Tênis – Eu também senti.

Fone de Ouvido – Porque daí ela fazia o movimento, meio que o movimento era sequência do outro não tinha muita pausa.

Tênis – Parecia uma pessoa só.

Fone de Ouvido – É e daí eu senti a fluidez, hoje eu senti talvez eu não tinha sentido antes.

Tênis – É pela quantidade de encontros.

Caleidoscópico – A prática faz isso... Então tá gurias, mais alguma consideração?

Coração – Quando a gente vai comemorar?

Tênis – Este foi o encontro que eu mais gostei...

Caleidoscópico – É.

Tênis – É foi.

Caleidoscópico – E se vocês tivessem que eleger quatro exercícios que a gente fez do primeiro encontro a hoje, quatro que vocês gostaram pra gente fazer, por exemplo, no dia da defesa.

Tênis, Coração, Fone de Ouvido e Sapatilha – Contato e improvisação.

Fone de Ouvido – Unânime.

Caleidoscópico – Tá. Contato e improvisação.

Sapatilha – Eu acho que daria pra fazer o que tinha que apresentar, fazer uma, montar um pouco de cada uma sabe, acho que seria legal.

Tênis – Isso aqui que a gente fez?

Sapatilha – O que a gente se apresentou escolheu o objeto e o poema, poderia pegar alguma coisa, inventar alguma... inventar algum movimento com o que cada uma apresentou.

Tênis – Isso aqui eu gostei também de fazer.

Coração – Eu gostei muito do objeto e do poema.

Caleidoscópico – Eu acho ele muito significativo também.

Fone de Ouvido – É, mas se cada uma falar vai demorar.

Sapatilha – Eu acho que tinha que montar alguma coisa nós quatro sabe...

Caleidoscópio – Eu acho também que tem que ser uma sequência entende tipo assim...

Tênis – Eu acho significativo, mas eu vou dizer pra vocês, eu acho muito transitório também... pra mim, entendeu.

Coração – Mas isto aqui também é.

Tênis – Claro que é com certeza tudo é, mas sei lá, em outro momento pode ser outra coisa pra mim entendeu.

Coração – Por isso que eu acho que seria legal fazer uma coisa lá na hora contato e improvisação, alguma coisa assim com o corpo...

Caleidoscópio – Porque daí não tem como tu combinar, contato e improvisação é o que dá. Mas outro jogo ainda, vamos pensar, vamos deixar este na manga, contato e improvisação, o poema e o objeto...

Sapatilha – Tipo não sei como, mas assim, a gente montar com contato e tal, mas não sei, daria pra chegar cada uma fazer alguma coisa com o seu objeto sabe, ou pegar e botar, botar a sapatilha...

Coração – Fazer ao mesmo tempo.

Sapatilha – Eu pensei tipo começar com o objeto, sei lá a Mari chega com a coisa e tira, sabe assim...

Caleidoscópio – Sei, montar uma cena...

Sapatilha – Montar uma cena.

Caleidoscópio – E fica dinâmico.

Sapatilha – E aí depois, daí da pra pensar numa sequência de fazer o improvisação... contato e improvisação... e mais alguma coisa pra fechar?

Caleidoscópio – Pode ser. Que mais?

Tênis – Dá pra gente ir falando palavras assim, que falem da gente alguma coisa assim...

Caleidoscópio – Ou as frases dos poemas que vocês escolheram pra se representar corporalmente.

Sapatilha – Trechos.

Tênis – Ou palavras que a gente fala mesmo, por exemplo, movimento, cores, força, agilidade, entendeu, palavras que representem o corpo pra mim, pra ela...

Fone de Ouvido – Eu acho que quanto menos a gente falar melhor.

Tênis – Também.

Coração – Eu acho que dá pra misturar.

Fone de Ouvido – É dá pra misturar, mas não falar muito então, sei lá.

Coração – Dá pra pensar em alguma coisa até lá bem legal.

Caleidoscópio – E bolar bem isso, uma sequência, uma coisa que vai na outra, que vai na outra, que vai na outra, é como se fosse um espetáculo, é uma esquete.

Coração – Desde a entrada assim já...

Caleidoscópio – É eu acho que é muito cênico.

Coração – Termina e sai fazendo.

Caleidoscópio – Eu acredito que, a minha ideia era que fosse tudo muito cênico, entende tipo assim, vocês entram, fazem, uma coisa leva a outra, uma coisa leva a outra... vocês lembram da sequência que eu fiz na minha qualificação? Então aquilo ali é uma sequência, são exercícios totalmente isolados, mas que eu botei numa sequência, são movimentos que um, as vezes não, é que na verdade eu misturei com os do Dani Bois, com o curso de dança contemporânea com a minha vivência das artes cênicas, eu montei uma sequência, então eu acho que a gente pode fazer mais ou menos isso e fazer cênico ele.

Coração – Acho que dá pra fazer aquele dos níveis, nem que seja na saída, se entra com os objetos sai com este, tipo um faz um a outra faz o outro.

Caleidoscópio – Ou das afetações, se uma ta no nível alto eu vou pro baixo, se uma ta no baixo eu vou pro médio, as afetações isto é legal, porque daí ninguém fica...

Coração – É um jogo.

Caleidoscópio – É um jogo e isso é legal porque na hora por mais que a gente combine e tente, por exemplo, e ensaie uma vez a sequência pra dar fluidez vocês não tem como combinar o movimento é jogo da hora. Então, contato e improvisação é da hora, as afetações é da hora, porque eu não sei como é que eu vou ta no dia.

Tênis – O das afetações eu acho difícil de fazer...

Caleidoscópio – Mas é afetações de níveis.

Coração – É de níveis.

Caleidoscópio – Porque quando a gente fazia, antes eu fazia batendo palmas né, muda, muda, muda a direção e o nível, mas a gente pode trabalhar se

uma colega muda o nível e a direção eu me sinto afetada e mudo a outra vai se sentir...

Coração – Vai mudando entendeu, tu vai fazendo várias, aleatórias assim, mudando conforme o outro. O que dá pra fazer ou de dupla pra não ficar uma “muvuca” na hora, eu acho mais legal de dupla.

Caleidoscópio – Isso, pode ser.

Tênis – É tem que pensar no espaço pra ver...

Coração – Isso até pra não dar muita “muvuca”.

Caleidoscópio – Vai ser no Caixa.

Tênis – Ah!

Sapatilha – Mas eu acho que é legal nós quatro. Eu acho que dá pra fazer mais, que a gente ainda não pegou a sequência.

Caleidoscópio – É isso aí. A experiência, a dinâmica vai se dar justamente com a mudança de repertório, com a quantidade de vezes que eu faço, vai se tornando natural pra mim... Então tá gurias, tá mais ou menos registrado os exercícios que a gente elegeu.

ANEXO E – DVD com os Registros de Vídeos dos Encontros